



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

VIVIANE RODRIGUES PLÁCIDO TRAMONTINI

MARCAS DE PROVENIÊNCIA:

UM ESTUDO A PARTIR DA HISTÓRIA DOS CONCEITOS DE
REINHART KOSELLECK

VIVIANE RODRIGUES PLÁCIDO TRAMONTINI

MARCAS DE PROVENIÊNCIA:

UM ESTUDO A PARTIR DA HISTÓRIA DOS CONCEITOS DE
REINHART KOSELLECK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina de Albuquerque.

Coorientadora: Prof. Dra. Cristina Ribeiro dos Santos

Londrina
2026

VIVIANE RODRIGUES PLÁCIDO TRAMONTINI

MARCAS DE PROVENIÊNCIA:

UM ESTUDO A PARTIR DA HISTÓRIA DOS CONCEITOS DE
REINHART KOSELLECK

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Orientadora Ana Cristina de
Albuquerque
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr^a. Coorientadora Cristina Ribeiro dos
Santos
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Marcos Moraes
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dra. Ilemar Christina Lanson Wey
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, ____ de _____ de ____.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

T771m Tramontini, Viviane Rodrigues Plácido.

Marcas de proveniência: um estudo a partir da história dos conceitos de Reinhart Koselleck / Viviane Rodrigues Plácido Tramontini. – Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2026.
135 f.: il.

Orientadora: Dra. Ana Cristina de Albuquerque.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2026.

Inclui bibliografia.

1. Marcas de Proveniência. 2. Fotografia. 3. Análise de Conteúdo. I. Santos, Cristina Ribeiro dos. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Graduação em Biblioteconomia. III. Título.

CDU 020

RESUMO

TRAMONTINI, Viviane Rodrigues Plácido. **Marcas de proveniência**: um estudo a partir da história dos conceitos de Reinhart Koselleck. 135 f. Dissertação (Programa e Pós-Graduação em Ciência da Informação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2026.

As marcas de proveniência referem-se a elementos que indicam a posse anterior de um livro ou documento, manifestando-se por meio de *ex-libris*, assinaturas, dedicatórias manuscritas, carimbos, entre outros vestígios que registram a circulação dos exemplares e lhes conferem uma dimensão histórica e pessoal. Apesar de sua relevância para a reconstrução de trajetórias e para a valorização de acervos, os estudos relacionados ao tema ainda são recentes na Ciência da Informação (CI), com produção científica em desenvolvimento e lacunas na consolidação de seus fundamentos conceituais e epistemológicos. Nesse contexto, a presente pesquisa tem por objetivo, analisar, a partir da literatura, os fundamentos teóricos que sustentam os estudos acerca do conceito de marcas de proveniência e suas vertentes no âmbito da Ciência da Informação, articulando-os com o método da história dos conceitos de Reinhart Koselleck (1992; 2006). Nesse sentido, a pesquisa propõe-se a responder à seguinte questão: como as diferentes abordagens teóricas a respeito do conceito de marcas de proveniência se interconectam no âmbito da Ciência da Informação? Para alcançar o objetivo geral, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: identificar, na literatura, a temática de marcas de proveniência; sistematizar as diferentes definições teóricas do conceito presentes na literatura da Ciência da Informação; e apresentar os elementos semânticos, políticos e sociais que compõem a compreensão das marcas de proveniência por meio do método da história dos conceitos proposto por Koselleck (1992; 2006). A metodologia adotada é de natureza básica, abordagem mista (quali-quantitativa) e caráter exploratório, com delineamento bibliográfico fundamentado em publicações indexadas na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), no Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr) e na Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil), utilizando os descritores “marcas de proveniência”, “*provenance marks*”, “*provenance mark*” e “*ex-libris*”, sem corte temporal, e análise interpretativa à luz do percurso metodológico da história dos conceitos de Koselleck. Os resultados evidenciaram que a produção científica analisada apresentou diversidade de abordagens e um processo ainda em consolidação quanto à delimitação terminológica, confirmando o caráter polissêmico do conceito. Verificou-se a existência de núcleos semânticos recorrentes, como origem, posse, trajetória e circulação, que estruturaram sua compreensão no campo. Observou-se um deslocamento de uma perspectiva restrita ao registro material de posse para uma concepção mais ampla, na qual as marcas de proveniência foram reconhecidas como elementos informacionais capazes de produzir sentido, contribuir para a autenticação e contextualização documental e integrar processos da Organização do Conhecimento. Constatou-se, ainda, que o conceito operou como indicador de transformações epistemológicas da própria Ciência da Informação, incorporando dimensões cognitivas, socioculturais e patrimoniais. Concluiu-se que as marcas de proveniência se configuraram como categoria analítica relevante para

compreender as relações entre documento, memória, circulação e conhecimento, revelando densidade semântica e inserção em processos históricos mais amplos.

Palavras-chave: Marcas de Proveniência; Conceito; História dos Conceitos; Reinhart Koselleck; Ciência da Informação.

ABSTRACT

TRAMONTINI, Viviane Rodrigues Plácido. **Provenance marks**: a study based on Reinhart Koselleck's history of concepts. 135 f. Monograph (Postgraduate Program in Information Science) – Center for Education, Communication and Arts, State University of Londrina, Londrina, 2025.

Provenance marks refer to elements that indicate the prior ownership of a book or document, manifesting through bookplates (*ex-libris*), signatures, handwritten dedications, stamps, among other traces that record the circulation of copies and bestow upon them a historical and personal dimension. Despite their relevance for reconstructing trajectories and enhancing the value of collections, studies related to this theme are still recent in Information Science (IS), with scientific production in development and gaps in the consolidation of its conceptual and epistemological foundations. In this context, the present research aims to analyze, based on the literature, the theoretical foundations that support studies regarding the concept of provenance marks and its strands within Information Science, articulating them with Reinhart Koselleck's (1992; 2006) method of the history of concepts. In this sense, the research proposes to answer the following question: how do different theoretical approaches regarding the concept of provenance marks interconnect within Information Science? To achieve the general objective, the following specific objectives are established: to identify the theme of provenance marks in the literature; to systematize the different theoretical definitions of the concept present in Information Science literature; and to present the semantic, political, and social elements that compose the understanding of provenance marks through the method of the history of concepts proposed by Koselleck (1992; 2006). The methodology adopted is of a basic nature, using a mixed approach (quali-quantitative) and an exploratory character, with a bibliographic design based on publications indexed in the Database in Information Science (BRAPCI), the Brazilian Portal of Open Access Scientific Publications and Data (Oasisbr), and the *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brazil), using the descriptors “marcas de proveniência,” “*provenance marks*,” “*provenance mark*,” and “*ex-libris*,” without a time limit, and an interpretive analysis in light of Koselleck's methodological path of the history of concepts. The results evidenced that the analyzed scientific production presented a diversity of approaches and a process still in consolidation regarding terminological delimitation, confirming the polysemic nature of the concept. It was verified that there are recurring semantic cores, such as origin, ownership, trajectory, and circulation, which structured its understanding in the field. A shift was observed from a perspective restricted to the material record of ownership toward a broader conception, in which provenance marks were recognized as informational elements capable of producing meaning, contributing to documentary authentication and contextualization, and integrating into Knowledge Organization processes. Furthermore, it was found that the concept operated as an indicator of epistemological transformations within Information Science itself, incorporating cognitive, sociocultural, and heritage dimensions. It was concluded that provenance marks constitute a relevant analytical category for understanding the relationships between document, memory, circulation,

and knowledge, revealing semantic density and insertion into broader historical processes.

Key-words: Provenance Marks; Concept; History of Concepts; Reinhart Koselleck; Information Science.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Nuvem de palavras das tipologias de Marcas de Proveniência	39
Figura 02 – Tipos de Marcas de Proveniência	40
Figura 03 – Encadernação parisiense em calfe, gravada a ferro, personalizada: no medalhão central na capa apresenta a inscrição “A madame” e na contracapa “Du Peron”	41
Figura 04 – Página de rosto composta de vinhetas simples e caracteres	41
Figura 05 – <i>Ex-libris</i> de Rubens Borba de Moraes; retangular; do tipo armoriado; apresenta as inscrições “ <i>Ex-libris</i> ” e o nome do proprietário “Rubens Borba Alves da Moraes”; inclui os brasões das famílias “Borba” e “Moraes”, circundados por folhagens e, acima, um elmo	42
Figura 06 – Marca de fogo nos cortes superior e inferior do livro “ <i>Libri sex ecclesiasticae Rhetoricae, sive de ratione concionandi</i> ” (1751); emblema da Ordem dos Pregadores (México)	42
Figura 07 – Carimbo molhado contendo em letras góticas “Aunier” e abaixo “Lyon”	43
Figura 08 – Assinatura	48
Figura 09 – Carimbo seco	49
Figura 10 – Carimbo úmido	49
Figura 11 – Carimbo institucional	49
Figura 12 – <i>Ex-libris</i> francês	50
Figura 13 – <i>Ex-libris</i> brasileiro	50
Figura 14 – Relógio de bolso	51
Figura 15 – Monograma	52
Figura 16 – Douração com Cruz de Malta e um ramalhete de flores e douração no pé da lombada com as iniciais O.G.C.	52
Figura 17 – Mapa mental do percurso metodológico para a formulação de um conceito (Koselleck)	80
Figura 18 – Mapa mental das categorias analíticas aplicadas às definições de marcas de proveniência	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Quadro de objetivos.....	15
Quadro 02 – Tipos de Epistemologia segundo Japiassú (1976)	26
Quadro 03 – Paradigmas da Ciência da Informação	32
Quadro 04 – Classificação das evidências físicas das marcas de proveniência	38
Quadro 05 – Síntese estimada das marcas catalogadas	53
Quadro 06 – Estratégias de busca e resultados iniciais	72
Quadro 07 – Artigos para analisar depois do refinamento	73
Quadro 08 – Resultado após o refinamento de Dados	74
Quadro 09 – Conceitos identificados no <i>corpus</i> de análise	76
Quadro 10 – Sistematização analítica do percurso metodológico proposto a partir da história dos conceitos de Reinhart Koselleck	81
Quadro 11 – Categorias analíticas e suas correspondências temporais	83
Quadro 12 – Rede de Influência Conceitual (Citações e Apropriações).....	84
Quadro 13 – Síntese analítica das dimensões conceituais das marcas de proveniência no percurso metodológico da história dos conceitos	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABINIA	Associação de Estados Ibero-Americanos para o Desenvolvimento das Bibliotecas Nacionais da Ibero-América
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CI	Ciência da Informação
GEPIM/FURG	Grupo de Estudos e Pesquisas em Informação e Memória da Universidade Federal do Rio Grande
MARC21	Machine-Readable Cataloging
OASISBR	Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto
PLANOR	Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras
SciELO Brasil	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
THESA	Tesouro Semântico Aplicado

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MARCAS DE PROVENIÊNCIA: UM TRAÇO DOS ESTUDOS EPISTEMOLÓGICOS NA CI	22
2.1	MARCAS DE PROVENIÊNCIA	33
3	HISTÓRIA DOS CONCEITOS: APONTAMENTOS PARA UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA	57
3.1	MÉTODO HISTÓRIA DOS CONCEITOS DE KOSELLECK (2006)	63
4	PROCEDIMENTOS E DISCUSSÃO DO RESULTADOS	72
4.1	PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS	74
4.2	SÍNTESE.....	91
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS.....	95
	APÊNDICE.....	103
	APÊNDICE A – Artigos Recuperados	104

1 INTRODUÇÃO

As marcas de proveniência referem-se a elementos que indicam a posse anterior de um livro ou documento, sejam visuais ou escritos manifestando-se por meio de *ex-libris*, assinaturas, dedicatórias manuscritas, carimbos, entre outros vestígios. Para elucidar, compreende-se que essas marcas registram a circulação dos exemplares e lhes conferem uma dimensão histórica e pessoal, tornando-as testemunhos de práticas culturais e intelectuais que ultrapassam o conteúdo textual originalmente impresso. Ao mesmo tempo, permitem rastrear as trajetórias desses exemplares e suas relações com indivíduos ou instituições ao longo do tempo.

Nesse sentido, Silva (2022) destaca que elas possibilitam a reconstrução do itinerário geográfico e intelectual das publicações, identificando seus antigos proprietários e leitores, além de situá-los no tempo e no espaço. Complementando essa perspectiva, Azevedo e Loureiro (2019) observam que tais vestígios também contribuem para a elaboração de uma narrativa histórica de cada exemplar, funcionando como indícios reveladores de sua trajetória.

Além de fornecerem pistas da circulação dos livros, tais marcas revelam distintas formas de apropriação e uso ao longo do tempo. Assim, contribuem para a valorização dos acervos bibliográficos, pois requalificam e ressignificam as obras, expandindo seu significado para além do conteúdo textual. Ao identificar e estudar esses vestígios, é possível ampliar a compreensão a respeito da circulação, o uso e o impacto social dos livros e documentos ao longo da história.

Entretanto, os estudos acerca das marcas de proveniência bibliográfica ainda representam um campo relativamente recente, caracterizado por uma produção científica em desenvolvimento e por uma quantidade ainda limitada de investigações voltadas à consolidação de seus fundamentos conceituais e epistemológicos. Em especial, observam-se lacunas nos modos como o conhecimento a respeito do tema é construído, justificado e compreendido. Esse cenário ressalta a urgência de aprofundamentos teóricos e metodológicos da temática, evidenciando a relevância de iniciativas acadêmicas que ampliem o conhecimento e fomentem uma abordagem crítica dessa dimensão ainda pouco explorada no âmbito da Ciência da Informação.

Essa percepção é reforçada por levantamentos bibliográficos realizados em pesquisas anteriores, como o artigo “Caleidoscópio Teórico: Uma Aproximação Teórica Acerca das Marcas de Proveniência no Contexto da Organização do

Conhecimento”, desenvolvido por mim em coautoria com as Dr^{as}. Cristina Ribeiro dos Santos e Ana Cristina de Albuquerque (2024). A partir da análise dos artigos recuperados, constatou-se que as pesquisas acerca das marcas de proveniência abordam diferentes eixos temáticos, entre os quais se destacam a identificação de marcas em acervos específicos, a segurança patrimonial, a representação descritiva em contextos biblioteconômicos, documentais e controle de vocabulário. Tais estudos evidenciam o caráter multifacetado do tema, ao contemplarem desde procedimentos técnicos de registro e catalogação até discussões voltadas à preservação e proteção de coleções. De modo geral, essas temáticas revelam a amplitude do campo das marcas de proveniência, que envolve aspectos históricos, informacionais e patrimoniais. Observa-se, contudo, que ainda são escassas as investigações voltadas à delimitação conceitual e aos fundamentos teóricos do termo, indicando a existência de um espaço relevante para aprofundamento.

Nesse contexto, destacam-se algumas referências que contribuem significativamente para a construção teórica do campo. O livro “*Provenance Research in Book History: a Handbook*” de Pearson (2019) abrange a história e compreensão de inscrições, *ex-libris*, carimbos, frases e heráldica, além de descrever como identificar proprietários e rastrear livros de coleções específicas por meio de catálogos. A obra inclui ainda uma bibliografia criteriosamente selecionada e analisada, composta por exemplos ilustrados de diversos tipos de evidências de propriedade (Pearson, 2019).

Outra referência expressiva é a dissertação de mestrado de Colette Leung (2016), intitulada “*The Journeys of Books: Rare Books and Manuscripts Provenance Metadata in a Digital Age*” (Leung, 2016), na qual um dos capítulos é dedicado à Teoria da Proveniência. Nesse estudo, a autora apresenta um panorama histórico do conceito, buscando estabelecer fundamentos para a compreensão dos métodos contemporâneos de registro e descrição de metadados de proveniência. Leung (2016) observa que a trajetória histórica desse conceito é complexa, uma vez que diferentes disciplinas o utilizam de maneiras variadas e em constante transformação. Assim, compreender o desenvolvimento do termo permite reconhecer as influências interdisciplinares que moldam a teoria e apontar os rumos que a noção de proveniência tende a seguir na era digital.

Partindo dessa perspectiva, assume-se a premissa de que a consolidação de um campo conceitual sólido acerca das marcas de proveniência demanda esforços

voltados à sistematização de referenciais teóricos e ao diálogo com metodologias capazes de contemplar sua complexidade semântica. Diante disso, acredita-se que este trabalho contribui para ampliar a compreensão crítica dessa temática e, ao mesmo tempo, para legitimar sua relevância acadêmica no contexto da Ciência da Informação.

De acordo com Roqueta (2001), a construção de um conceito implica necessariamente a formulação de sua definição, processo que exige uma elaboração de natureza lógico-semântica. Assim, pode-se considerar que o conceito de marcas de proveniência, entendido como os sinais que indicam a origem, a trajetória ou o contexto de um objeto informacional, demanda um cuidado teórico semelhante ao dispensado ao conceito de informação, na medida em que ambos participam da construção e a Organização do Conhecimento na área.

Nesse contexto, a centralidade dos conceitos para a construção e a Organização do Conhecimento na área pode ser observada também nas reflexões de Amorim e Café (2016). Segundo Amorim e Café (2016), o objeto de estudo da Organização do Conhecimento é o próprio conhecimento, que se apresenta de forma mais tangível na forma de conceito. Contudo, para evitar uma compreensão universalista dessa unidade, as autoras recorrem à Análise de Domínio de Hjørland para situar o conceito. Nessa abordagem, os conceitos não são vistos como entidades isoladas ou puramente lógicas, mas como construções moldadas no interior de uma comunidade discursiva e de um domínio específico (Amorim; Café, 2016). Assim, as práticas da área são subsidiadas pelas operações realizadas nos conceitos, uma vez que estes sintetizam o conhecimento por meio de definições e de suas relações com outros conceitos.

Com base nessas contribuições, essa perspectiva sugere que a atividade conceitual pode contribuir para organizar o campo e orientar suas práticas apontando para a importância da precisão terminológica e da coerência semântica no desenvolvimento da Organização do Conhecimento.

Complementarmente, Capurro e Hjørland (2007) destacam que as definições não devem ser vistas como certas ou erradas, mas sim avaliadas conforme sua utilidade. Quando alguém cria uma definição muito pessoal ou incomum, ela tende a ser ignorada, pois não favorece a compreensão mútua, o diálogo ou o desenvolvimento de ideias e práticas compartilhadas. Diante disso, pode-se argumentar que, para que o conceito de marcas de proveniência adquira relevância

teórica e operacional, é desejável que sua definição seja compreensível e útil dentro da comunidade científica. Caso contrário, há o risco de que o conceito se torne ambíguo ou pouco aplicável.

Além disso, os autores supracitados alertam para os efeitos negativos de definições persuasivas, que distorcem o papel dos conceitos em vez de esclarecê-los. Capurro e Hjørland (2007) argumentam que, no contexto da Ciência da Informação, o conceito de informação deve ser compreendido como algo que é informativo ou significativo para um indivíduo específico. Eles enfatizam que o que torna algo informativo é determinado pelas necessidades e capacidades interpretativas da pessoa. Embora essas necessidades e capacidades sejam frequentemente influenciadas e compartilhadas por pessoas que pertencem ao mesmo grupo ou comunidade de discurso, a essência da informação reside na sua relevância e utilidade para quem a recebe. Transpondo essa lógica, percebe-se que as marcas de proveniência podem vir a fazer sentido somente quando reconhecidas como elementos que contribuem para a informatividade de um objeto, ou seja, quando ajudam alguém a interpretar, validar ou contextualizar aquilo que está diante dele.

Definir marcas de proveniência, portanto, é uma forma de reconhecer que elas não são apenas vestígios materiais, mas componentes que participam da construção do significado. Tal definição precisa ser funcional, comunicável e alinhada às práticas e necessidades interpretativas da CI. Assim como no caso da informação, ignorar essa tarefa conceitual compromete a clareza e a capacidade da área de lidar com os objetos que pretende estudar.

Diante do exposto, a questão que se delineia é: como as diferentes abordagens teóricas a respeito do conceito de marcas de proveniência se interconectam no âmbito da Ciência da Informação?

Neste sentido, considera-se o método da história dos conceitos, de Reinhart Koselleck (1992; 2006), com fins de compreensão referentes às transformações semânticas e temporais em diferentes contextos.

Isto posto, apresenta-se como objetivo geral analisar a partir da literatura, os fundamentos teóricos que sustentam os estudos acerca do conceito de marcas de proveniência e suas vertentes no âmbito da Ciência da Informação articulando-os com o método da história dos conceitos proposta por Koselleck (1992; 2006).

Para alcançar esse objetivo geral, estabelecem-se os seguintes objetivos

específicos:

- Identificar, na literatura, a temática de marcas de proveniência;
- Sistematizar as diferentes definições teóricas do conceito de marcas de proveniência presentes na literatura da Ciência da Informação;
- Apresentar os elementos semânticos, políticos e sociais que compõem a compreensão das marcas de proveniência por meio do método da história dos conceitos proposto por Koselleck (1992; 2006).

Com base no exposto, o Quadro 01 reúne de forma sintética o objetivo geral e os objetivos específicos definidos.

Quadro 01 – Quadro de objetivos

Objetivo geral	
Analisar a partir da literatura, os fundamentos teóricos que sustentam os estudos acerca do conceito de marcas de proveniência e suas vertentes no âmbito da Ciência da Informação articulando-os com o método da história dos conceitos proposta por Koselleck (1992; 2006).	
Objetivos específicos	Ações
Identificar, na literatura, a temática de marcas de proveniência.	Realizar levantamento bibliográfico e mapeamento da literatura pertinente, com coleta de publicações disponíveis na base de dados BRAPCI, Oasisbr e SciELO Brasil, com foco em estudos que abordem a temática das marcas de proveniência.
Sistematizar as diferentes definições teóricas do conceito de marcas de proveniência presentes na literatura da Ciência da Informação.	Identificar as definições explícitas ou implícitas presentes nos textos selecionados; aplicar critérios de relevância temática e coerência epistemológica para a constituição do <i>corpus</i> ; e organizar sistematicamente as formulações conceituais.
Apresentar os elementos semânticos, políticos e sociais que compõem a compreensão das marcas de proveniência por meio do método da história dos conceitos proposto por Koselleck (2006).	Aplicar o método da história dos conceitos de Koselleck (1992; 2006), interpretando as definições sistematizadas à luz de dimensões sincrônicas e diacrônicas, de metacategorias como espaço de experiência e horizonte de expectativa, e considerando a polissemia e a historicidade dos conceitos sociais e políticos.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Nessa esteira de raciocínio, apresentada no Quadro 01, destaca-se que este estudo busca oferecer uma contribuição acadêmica ao campo da Ciência da Informação, considerando que a definição de conceitos ultrapassa a mera

formalidade acadêmica e configura-se como um exercício que exige rigor lógico, precisão terminológica e clareza semântica. Nesse sentido, a pesquisa propõe-se a organizar, estruturar e reunir, de forma lógica e coerente os fundamentos teóricos que auxiliem na consolidação do conceito de marcas de proveniência, área em que as definições existentes ainda se apresentam fragmentadas e pouco consolidadas. Dessa forma, a ausência de um consenso conceitual para a comunidade científica evidencia a lacuna teórica que requer aprofundamento, o que reforça a relevância desta investigação para o avanço do campo e para o fortalecimento de seus referenciais epistemológicos.

Em complemento à motivação acadêmica, sob a perspectiva pessoal, a justificativa para este estudo decorre do interesse em compreender de forma mais clara e estruturada o conceito de marcas de proveniência, especialmente no âmbito dos estudos conceituais. Esse interesse está diretamente relacionado ao percurso acadêmico iniciado na graduação, período em que ocorreu o primeiro contato com a temática por meio de uma pesquisa inicial. No mestrado, deu-se continuidade a esses estudos, ampliando a compreensão de suas implicações teóricas e práticas. Ao longo desse processo, constatou-se que, embora as marcas de proveniência ofereçam subsídios relevantes para a análise da autenticidade, da circulação e da trajetória dos documentos, a produção teórica relacionada ao tema ainda necessita de novas contribuições, o que motivou o aprofundamento desta investigação.

Sob a perspectiva social, a pesquisa revela-se igualmente significativa por sua capacidade de contextualizar e valorizar os registros do conhecimento, promovendo uma melhor compreensão das dinâmicas socioculturais, econômicas e institucionais que moldam a circulação e a posse de documentos. As marcas de proveniência, ao evidenciarem trajetórias de livros, manuscritos e outros suportes documentais, possibilitam a reconstrução de narrativas históricas que revelam práticas de apropriação, circulação e preservação do saber. Tais narrativas contribuem para a preservação da memória cultural e científica, especialmente em acervos raros ou especiais, nos quais as marcas funcionam como testemunhos das interações humanas com o conhecimento ao longo do tempo.

Além disso, este estudo busca contribuir para a proteção do patrimônio cultural ao propor a consolidação teórica do conceito de marcas de proveniência, compreendidas como sinais que evidenciam a origem, a trajetória e o contexto de objetos informacionais. Ao aprofundar o entendimento conceitual dessas marcas, a

pesquisa busca fortalecer a Ciência da Informação como campo teórico e crítico, oferecendo referenciais que iluminam as práticas socioculturais, econômicas e institucionais que moldam a história dos documentos. Esse esforço visa promover a conscientização acerca da relevância histórica e cultural do patrimônio documental, favorecendo a preservação das memórias coletivas e a valorização das narrativas que emergem das trajetórias dos acervos. Assim, a pesquisa propõe-se a fortalecer as práticas de salvaguarda documental e a fomentar uma compreensão de sua importância, impactando positivamente a sociedade por meio da preservação e da difusão das memórias que compõem a identidade coletiva.

Para alcançar os objetivos propostos, optou-se por uma pesquisa de caráter exploratório, fundamentada em levantamento bibliográfico e abordagem quali-quantitativa. A investigação se organiza em duas etapas principais: a primeira voltada ao mapeamento da literatura que compõe o referencial teórico, e a segunda dedicada à análise de resultados obtidos a partir das bases de dados selecionadas. Essa estratégia metodológica busca assegurar a amplitude e a consistência da abordagem, de modo a oferecer uma contribuição efetiva ao debate científico acerca do tema.

Sob essa perspectiva, entende-se que o aprofundamento teórico acerca do conceito de marcas de proveniência requer uma abordagem capaz de contemplar sua complexidade conceitual e relevância informacional. Assim, a presente investigação busca contribuir para o fortalecimento das bases conceituais desse campo, ampliando sua legitimidade e presença no âmbito da Ciência da Informação.

O método, nesse sentido, orienta e sustenta o percurso investigativo, pois, segundo Lakatos e Marconi (2003), pode ser compreendido como um conjunto de procedimentos organizados e racionais que, ao oferecer maior segurança e economia, orienta o pesquisador na busca por conhecimentos consistentes e verdadeiros. Além disso, estabelece o percurso a ser seguido, possibilita a identificação de falhas e contribui para a tomada de decisões no processo científico.

Diante disso, a presente pesquisa caracteriza-se como de natureza básica, também conhecida como pesquisa pura, cujo objetivo principal é o progresso da ciência. Em outras palavras, esse tipo de pesquisa visa o avanço do conhecimento científico, sem se preocupar, necessariamente, com a aplicabilidade imediata dos resultados obtidos (Appolinário, 2011). A abordagem adotada é mista (quali-quantitativa), combinando elementos das pesquisas qualitativa e quantitativa para

proporcionar uma visão mais abrangente do problema de pesquisa. De acordo com Flick (2009, p. 39), “[...] os aspectos estruturais são analisados com métodos quantitativos, e os aspectos processuais analisados com o uso de abordagens qualitativas”.

O estudo possui caráter exploratório, com delineamento bibliográfico, fundamentado principalmente em publicações indexadas na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), complementado por buscas no Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr) e na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brasil). A BRAPCI constitui uma base digital brasileira que coleta, preserva e disponibiliza literatura científica da área da Ciência da Informação, abrangendo artigos de periódicos, trabalhos publicados em anais de eventos, livros e capítulos. Seu foco em fontes brasileiras e latino-americanas a torna um recurso relevante para pesquisadores que buscam uma perspectiva regional e abrangente do campo. Além disso, por ser acessível e integrada, a BRAPCI configura-se como um ambiente propício ao desenvolvimento de metodologias de organização e recuperação da informação, características que reforçam sua adequação como base principal desta pesquisa.

De forma complementar, a escolha do Oasisbr justifica-se por se tratar de uma plataforma que agrega, monitora e avalia a produção científica brasileira em acesso aberto, com o objetivo de ampliar a visibilidade e o impacto da pesquisa nacional. Por sua vez, a SciELO Brasil destaca-se como uma biblioteca eletrônica que reúne periódicos científicos brasileiros de reconhecida qualidade, promovendo a divulgação da produção científica nacional em âmbito internacional por meio da indexação em bases de dados internacionais e da oferta de acesso aberto aos conteúdos. Assim, a utilização dessas bases de dados, de forma complementar, assegura maior amplitude e diversidade ao levantamento bibliográfico realizado.

Nesse contexto metodológico, segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória caracteriza-se como uma investigação flexível, geralmente a etapa inicial de um estudo mais amplo, cujo objetivo principal é proporcionar uma visão geral aproximativa de um fato ou um tema pouco explorado. Tal abordagem visa esclarecer e delimitar o assunto, permitindo ao pesquisador desenvolver e modificar ideias, formular problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos futuros, utilizando métodos como levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso.

Nessa mesma perspectiva, a pesquisa bibliográfica é compreendida como um processo de identificação, seleção e análise de materiais já publicados a respeito do tema, permitindo ao pesquisador acessar o conjunto do conhecimento previamente registrado em diferentes suportes e formatos (Lakatos; Marconi, 2003).

Nesta investigação, foram utilizados os descritores “marcas de proveniência”, “*provenance marks*”, “*provenance mark*” e “*ex-libris*”. Optou-se pela seleção exclusiva de artigos científicos, adotando-se como critério de exclusão outros tipos documentais, como livros, capítulos, dissertações, publicações duplicadas, artigos que não apresentavam pertinência ao tema, bem como arquivos de apresentação de eventos (slides) e artigos cujo texto completo não estivesse disponível para acesso, uma vez que a indisponibilidade do conteúdo integral inviabiliza a análise conceitual e metodológica necessária aos objetivos da pesquisa. A justificativa para a adoção do descritor “*ex-libris*” apoia-se em evidências oriundas de levantamentos realizados em investigações precedentes, que apontam esta tipologia como a mais frequentemente abordada e discutida na literatura acadêmica. Essa recorrência, verificada empiricamente, torna pertinente sua adoção para ampliar o *corpus* de análise e aprofundar a compreensão conceitual do tema.

Desse modo, adotaram-se como critérios de inclusão os artigos científicos que abordassem, de forma explícita ou implícita, a temática das marcas de proveniência e apresentassem pertinência conceitual ao escopo da pesquisa. Como critérios de exclusão, desconsideraram-se documentos de natureza diversa e publicações que não apresentavam relação direta com o objeto investigado. Foram excluídos os documentos que não atendiam a esses critérios, conforme descrito anteriormente. Não foi estabelecido corte temporal, de modo a contemplar diferentes períodos da produção científica acerca do tema e ampliar o alcance do levantamento bibliográfico.

O delineamento das ações metodológicas articula-se, ainda, ao método da história dos conceitos, de Reinhart Koselleck (2006), que orienta a análise e a interpretação dos dados coletados, ao oferecer instrumentos adequados para compreender as transformações semânticas e históricas associadas ao conceito estudado.

Diante da necessidade de delimitar com precisão a natureza da história dos conceitos (Begriffsgeschichte) na obra de Reinhart Koselleck (1992; 2006), optou-se, na presente dissertação, por adotá-la como uma abordagem e um método.

Abordagem porque toda a conceituação teórica sobre os conceitos é permeada pelas perspectivas de Koselleck. Método porque fundamenta-se na própria concepção do autor que a caracteriza como um procedimento especializado e metodologicamente autônomo, dotado de rigor analítico e instrumentalidade para a análise semântica e histórica.

Conforme afirma Koselleck (2006, p. 114), “[...] a história dos conceitos não é um fim em si mesma, ainda que tenha um aparato metodológico próprio”. Sob essa ótica, embora possua especificidade metodológica, a história dos conceitos integra o campo das pesquisas sociais e históricas, partilhando com a história social determinados pressupostos teóricos (Koselleck, 2006). O autor ressalta, ainda, a necessidade de distinção terminológica, afirmando que “[...] A especialização metodológica da história dos conceitos, os quais se expressam por palavras, requer um fundamento que possa diferenciar as expressões 'conceituais' das não conceituais [...]” (Koselleck, 2006, p. 108).

Adicionalmente, Koselleck (2006, p. 111) alude às “[...] consequências de ampliação do método da história dos conceitos [...]”. Infere-se, portanto, que a investigação de um conceito não deve ser conduzida exclusivamente sob a perspectiva da análise semântica, restringindo-se aos sentidos atribuídos às palavras e às suas transformações ao longo do tempo. Nesse sentido, enfatiza-se a análise de conceitos como indicadores de estruturas históricas (Koselleck, 2006).

Com efeito, conforme Koselleck (2006), a história dos conceitos constitui, antes de tudo, um método especializado de crítica de fontes, voltado para o exame do uso de termos social e politicamente relevantes e dedicado, de modo particular, à análise de expressões que possuem conteúdo social ou político significativo. Dessa forma, essa articulação permite, portanto, observar como os conceitos se transformam ao longo do tempo, possibilitando compreender as possíveis mudanças de sentido atribuídas às marcas de proveniência em diferentes contextos históricos.

Com o intuito de facilitar a compreensão deste trabalho, apresenta-se, a seguir, a organização adotada. A Introdução contemplou a contextualização geral da pesquisa, explicitando o problema de investigação, os objetivos propostos, as justificativas que fundamentaram a escolha do tema e os procedimentos metodológicos adotados.

A segunda seção, intitulada Marcas de proveniência: um traço dos estudos epistemológicos na Ciência da Informação, dedicou-se à discussão do conceito de

marcas de proveniência, examinando suas bases teóricas e suas articulações com os debates epistemológicos do campo.

A terceira seção, História dos conceitos, expôs o método desenvolvido por Reinhart Koselleck (2006), destacando de que maneira a análise das dimensões semânticas, históricas, políticas e sociais aplicada ao conceito de marcas de proveniência permitiu compreender suas transformações ao longo do tempo e suas implicações teóricas na Ciência da Informação.

A quarta seção, Procedimentos e discussão dos resultados, descreveu detalhadamente o percurso metodológico adotado para a constituição do *corpus* da pesquisa, incluindo as bases de dados selecionadas, os descritores utilizados, os critérios de inclusão e exclusão dos documentos e as etapas de organização do material analisado.

Na seção Procedimentos de tratamento e análise de dados, foram examinados os dados obtidos a partir do levantamento bibliográfico, articulando as definições identificadas na literatura às dimensões sincrônicas e diacrônicas propostas pelo método adotado, com vistas a evidenciar as transformações semânticas, teóricas e epistemológicas do conceito de marcas de proveniência.

Por fim, as Considerações finais retomaram os objetivos da pesquisa e sintetiza os principais resultados alcançados, destacando as contribuições teóricas do estudo para a consolidação conceitual das marcas de proveniência na Ciência da Informação, bem como apontando possíveis desdobramentos para investigações futuras.

2 MARCAS DE PROVENIÊNCIA: UM TRAÇO DOS ESTUDOS EPISTEMOLÓGICOS NA CI

Compreende-se que tratar das marcas de proveniência na Ciência da Informação implica também ter um olhar para os estudos epistemológicos da área, visto que as marcas de proveniência são traços que possibilitam a compreensão de percursos históricos, sociais e culturais dos exemplares que constituem os acervos documentais e bibliográficos, revelando sua trajetória material e os contextos de produção, circulação e apropriação do conhecimento. Assim, ao abordar as marcas de proveniência, considera-se igualmente o contexto teórico e epistemológico no qual se inserem a própria Ciência da Informação.

A Ciência da Informação, conforme delineada por Borko (1968) constitui-se como uma disciplina dedicada ao estudo das propriedades e do comportamento informacional, das forças que regulam os fluxos de informação e dos significados associados ao processamento da informação. Para o profissional da área, essa definição evidencia que o tratamento da informação não se restringe a procedimentos técnicos, mas envolve compreender como os dados são produzidos, organizados, transmitidos e utilizados em diferentes contextos. Segundo Borko (1968, p. 1):

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima.

Essa abordagem demonstra que o campo visa garantir que a informação seja efetivamente acessível e útil, assumindo uma função estratégica para instituições e indivíduos. Além disso, Borko (1968, p. 2) caracteriza a Ciência da Informação como

[...] uma ciência interdisciplinar derivada de campos relacionados, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração, e outros campos científicos semelhantes.

Essa definição reforça que a disciplina não se limita a um domínio específico, mas se estrutura a partir da convergência de diferentes saberes, integrando

perspectivas teóricas e práticas. Nesse sentido, Borko (1968, p. 3) observa que “[...] o aumento da especialização torna a comunicação e a troca de informação entre disciplinas muito difíceis [...]”, apontando a necessidade de atuação da Ciência da Informação como mediadora da comunicação científica. Consequentemente, como afirma o próprio Borko (1968, p. 2), “[...] um corpus teórico sobre informação propiciará a melhoria de várias instituições e procedimentos dedicados à acumulação e transmissão de conhecimento [...]”, demonstrando a capacidade da disciplina de integrar diferentes saberes e atuar estrategicamente.

Essa definição, embora pioneira, encontra um diálogo crítico nas reflexões epistemológicas de Japiassu (1976). Para ele, a interdisciplinaridade é, ao mesmo tempo, uma exigência e um sintoma: exigência porque representa a tentativa de superar a fragmentação do saber (Japiassu, 1976); sintoma porque revela uma “[...] situação patológica em que se encontra, hoje, o saber” (Japiassu, 1976, p. 40). Embora reconheça sua necessidade, o autor enfatiza que a interdisciplinaridade frequentemente é invocada como “um esnobismo intelectual” (Japiassu, 1976, p. 30), levando a abordagens superficiais que não atingem a essência do problema.

Para Japiassu (1976), a fragmentação do conhecimento afastou as ciências de sua finalidade essencial, de modo que “[...] Quanto mais se desenvolvem as disciplinas do conhecimento, diversificando-se, mais elas perdem o contato com a realidade humana.” (Japiassu, 1976, p. 14). Assim, o autor aponta que a interdisciplinaridade somente terá sentido pleno quando for capaz de reconstruir epistemologicamente o saber, restituindo-lhe sua função primordial: “[...] a vinculação do homem com o mundo onde ele reside.” (Japiassu, 1976, p. 16).

Além de Japiassu (1976), Tonet (2013) também problematiza o entendimento de interdisciplinaridade, destacando que a fragmentação do conhecimento não pode ser compreendida apenas como consequência da especialização crescente das ciências, mas deve ser analisada a partir das condições sociais e históricas em que se produz o saber. Para Tonet (2013, p. 729), “[...] a interdisciplinaridade é uma solução equivocada para um problema mal-equacionado.” e falha em sua proposta, já que:

[...] a fragmentação do saber não tem sua origem na esfera epistemológica, mas na esfera ontológica, então sua superação integral pressupõe, necessariamente, a transformação do mundo real que está na sua origem (Tonet, 2013, p. 725).

Dessa forma, o autor reforça a necessidade de uma abordagem crítica que contemple as dimensões sociais, históricas e epistemológicas do conhecimento.

Além dessas posições críticas, Capurro e Hjørland (2007) lembram que a própria noção de interdisciplinaridade da Ciência da Informação foi questionada desde cedo por autores como Machlup e Mansfield (1983). De acordo com Capurro e Hjørland (2007, p. 160), “[...] Machlup e Mansfield (1983) coletaram visões chaves sobre a controvérsia da interdisciplinaridade [...]”. Ou seja, o que em muitos discursos aparece como essência do campo, a interdisciplinaridade é, na verdade, alvo de disputas teóricas.

Nesse contexto, as reflexões de Saldanha (2020) tornam-se particularmente relevantes ao questionar a concepção de que a interdisciplinaridade constitui a essência da Ciência da Informação. O autor afirma categoricamente que a Ciência da informação não é interdisciplinar. Segundo Saldanha (2020), a Ciência da Informação não possui uma natureza interdisciplinar, tampouco a interdisciplinaridade constitui seu pressuposto teórico; ao contrário, ela emerge como uma especialização que, ao cientificar e tecno-especializar a meta-representação, se configura epistemologicamente como uma ciência contra o interdisciplinar. Como afirma o autor:

A CI, repetimos, nasceu como uma especialização. Não tem uma natureza interdisciplinar, nem a interdisciplinaridade é seu critério delineador – ao contrário, aparece em muitos discursos como a categoria que estratifica, fragmenta ou desagrega o que são os estudos de organização do conhecimento (Saldanha, 2020, p. 155).

Nesse sentido, ele reforça que:

A CI nasceu politicamente – ao cientificar a meta-representação – e epistemologicamente – ao tecno-especializar a meta-representação – como uma ciência contra o interdisciplinar. As afirmações que dizem ‘a Ciência da Informação nasceram interdisciplinar’, em nossa historiografia, permitem-nos responder: Isto não é Ciência da Informação (Saldanha, 2020, p. 156).

Assim, está em curso um processo de consolidação do entendimento da Ciência da Informação como um campo não interdisciplinar. Embora tenha sido inicialmente assumida quase como uma característica natural da área, revela-se, na contemporaneidade, como um desafio epistemológico em aberto. Enquanto alguns

autores a consideram um elemento essencial à constituição da disciplina, outros a problematizam ou mesmo rejeitam como princípio orientador. Por conseguinte, em vez de representar uma característica intrínseca e estável, a interdisciplinaridade apresenta configura-se como um conceito sujeito a diferentes leituras e posicionamentos no âmbito da Ciência da Informação.

Nesse panorama, é importante destacar que a Ciência da Informação, desde sua constituição como campo científico, tem sido marcada por debates epistemológicos e conceituais. A reflexão acerca dos fundamentos epistemológicos da Ciência da Informação constitui um ponto de partida para compreender sua natureza, seus limites e suas potencialidades como campo científico. Diante disso, torna-se fundamental compreender o que se entende por epistemologia.

Etimologicamente, “Epistemologia” significa discurso (logos) sobre a ciência (episteme). (Episteme + logos). Epistemologia: é a ciência da ciência. Filosofia da ciência. É o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. É a teoria do conhecimento (Tesser, 1995, p. 91).

De acordo com Hjørland e Hartel (2003):

A epistemologia é o estudo do conhecimento e de como ele é obtido, por exemplo, os papéis da observação, da análise teórica, das linguagens, das tradições, do sexo e dos valores na produção do conhecimento. Se o conhecimento é definido, seguindo Platão, como “crença verdadeira e verificada”, então o conhecimento deve refletir partes da realidade. O conhecimento é verdadeiro se houver uma correspondência entre uma afirmação e a realidade. O conhecimento (e a ciência) é visto como um sistema verificado de afirmações verdadeiras que correspondem à realidade. A implicação é que nosso conhecimento (conforme representado na literatura científica) deve mapear estruturas ontológicas (Hjørland; Hartel, 2003, p. 240, *tradução nossa*).

Outra perspectiva apresentada por Silva (2025) trata-se, na verdade, de um campo de investigação crítica, com base filosófica, que se dedica a examinar o próprio conhecimento como objeto de análise. Seu foco está em compreender a essência, os fundamentos, as fronteiras, os contextos e os processos envolvidos na produção do saber.

Por sua vez, Japiassu (1986) define epistemologia, em seu sentido mais amplo, como o estudo reflexivo e sistemático do saber, investigando como ele se

forma, se organiza, se desenvolve, funciona e quais são seus produtos intelectuais. Ou seja, ela investiga como sabemos o que sabemos.

De acordo com Japiassú (1986), a epistemologia pode ser classificada em três tipos principais, que se distinguem pelo objeto de estudo. O Quadro 02 apresenta as definições propostas pelo autor, detalhando as características específicas de cada vertente.

Quadro 02 – Tipos de Epistemologia segundo Japiassú (1976)

Tipo de Epistemologia	Objeto de Estudo	Descrição
Epistemologia Global (geral)	O saber de forma global	Estuda o conhecimento em seu conjunto, considerando a totalidade de sua organização, seus problemas e virtualidades, tanto no campo especulativo quanto no científico
Epistemologia Particular	Um campo específico do saber	Analisa um campo particular do conhecimento, seja ele especulativo ou científico.
Epistemologia Específica	Uma disciplina intelectualmente constituída	Estuda uma disciplina em detalhes e de forma técnica. Analisa sua organização, funcionamento e as possíveis relações que ela mantém com outras disciplinas.

Fonte: Elaborada pela autora baseada em Japiassu (1976).

Japiassu (1986) também menciona duas abordagens complementares que ampliam a compreensão do modo como se analisa o conhecimento científico: a epistemologia interna e a epistemologia derivada. A primeira diz respeito à análise crítica dos procedimentos de uma ciência, buscando estabelecer seus fundamentos teóricos e integrar os resultados no próprio domínio disciplinar. Já a epistemologia derivada, também denominada pelo autor de epistemologia geral, tem outro propósito:

[...] visa fazer uma análise da natureza dos procedimentos de conhecimento de uma ciência, não para fornecer-lhe um fundamento ou intervir em seu desenvolvimento, mas para saber como esta forma de conhecimento é possível, bem como para determinar a parte que cabe ao sujeito e a que cabe ao objeto no modo particular de conhecimento que caracteriza uma ciência (Japiassu, 1986, p. 17).

Nesse sentido, o autor amplia a reflexão epistemológica ao considerar que o fazer científico está imerso em fatores “[...] (sociais, culturais, ideológicos, filosóficos e políticos)” (Japiassu, 1986, p. 17), que ultrapassam a consciência imediata dos

próprios cientistas em sua prática cotidiana. Assim, enquanto a epistemologia interna se concentra na lógica interna de uma disciplina, a epistemologia derivada/geral abre espaço para compreender a ciência em sua dimensão mais ampla, vinculando-a as condições históricas e sociais de sua produção.

Essa perspectiva evidencia que a ciência não pode ser reduzida a um conjunto de descobertas acumuladas, mas deve ser entendida como um processo dinâmico e coletivo de construção do saber. Em diálogo com essa visão, Pando e Almeida (2021, p. 687) reforçam que “[...] a ciência se aproxima de um movimento de pessoas responsáveis que buscam a melhor representação testada e comprovada dos fatos [...]”, o que confirma que a epistemologia não se restringe a registros históricos, mas acompanha o movimento global de produção do conhecimento.

A partir dessa compreensão geral, torna-se possível avançar para a reflexão acerca da epistemologia na Ciência da Informação (CI). Segundo Araújo (2018), a consolidação da CI como campo científico exigiu uma ampliação de seu arcabouço conceitual, especialmente no que diz respeito à natureza da informação e sua relação com o conhecimento. O autor observa que “[...] nas distintas subáreas da Ciência da Informação, o termo conhecimento começou a ser fortemente colocado nas décadas de 1980 e 1990”. (Araújo, 2018, p. 42), marcando uma mudança teórica significativa.

Esse movimento foi acompanhado, no plano epistemológico, por uma crescente demanda por aprofundamento conceitual, o que levou ao surgimento de uma nova forma de compreender a informação: não apenas como um dado técnico ou objetivo, mas como algo “cognitivo, semântico ou subjetivo” (Araújo, 2018, p. 42). Essa abordagem, segundo o autor, considera “[...] a articulação entre os dados, entendidos como elementos da realidade independente dos sujeitos, e o conhecimento, (aquilo que os indivíduos sabem ou conhecem) [...]” (Araújo, 2018, p. 42). Nesse contexto, a informação passa a ser vista como “[...] a medida da alteração deste estado de conhecimento, ou, em outros termos, o produto da interação entre os dados e o conhecimento, no âmbito do indivíduo.” (Araújo, 2018, p. 42).

Ao apresentar essa perspectiva, Araújo (2018) relaciona o conceito de informação a outros termos importantes para a epistemologia da Ciência da Informação, como os vínculos entre dado e conhecimento, a atuação do indivíduo no

processamento da informação e a atribuição de significados, que envolvem lacunas, preenchimentos e alterações cognitivas. Essa ampliação semântica revela uma preocupação crescente com os processos cognitivos e interpretativos que envolvem a construção do conhecimento, deslocando o foco da simples organização de dados para a compreensão dos mecanismos de significação e transformação da informação no sujeito.

O autor observa ainda que a própria definição de informação, objeto central da área, carrega diferentes perspectivas epistemológicas. Como destaca Araújo (2018, p. 78):

- a) o primeiro conceito de informação na ciência da informação é mais restrito e está vinculado à sua dimensão material, física, sendo o fenômeno estudado a partir de uma perspectiva quantitativa e positivista;
- b) nos anos seguintes, tomou corpo um conceito um pouco mais amplo voltado para a dimensão cognitiva, sendo informação algo associado à interação entre dados (aquilo que existe materialmente) e conhecimento (aquilo que está na mente dos sujeitos), e seu estudo relacionado à identificação de significados, interpretações;
- c) por fim, as tendências contemporâneas implicam um grau maior de complexidade e abstração, com a inserção da informação no escopo da ação humana e no âmbito de contextos socioculturais concretos (Araújo, 2018, p. 78).

Desse modo, discutir epistemologia na Ciência da Informação é discutir também a pluralidade de entendimentos a respeito do que é informação, suas dimensões cognitivas, sociais e pragmáticas. Portanto, a epistemologia em Ciência da Informação, segundo Araújo (2018), cumpre uma dupla função: de um lado, interrogar criticamente os modelos herdados, como o positivista das décadas iniciais da área; de outro, fundamentar novas perspectivas teóricas, que dialogam com abordagens construtivistas e socioculturais. Assim, ela se coloca como um eixo fundamental para compreender o desenvolvimento do campo, suas disputas conceituais e sua legitimação como disciplina científica.

No que tange à fundamentação epistemológica da Ciência da Informação, a contribuição de Capurro (2003) constitui um marco decisivo. À luz de sua obra “Epistemologia e Ciência da Informação” (Capurro, 2003), é possível identificar a sistematização de três paradigmas centrais que orientaram, em diferentes momentos, a produção teórica e prática do campo: o paradigma físico, o paradigma cognitivo e o paradigma social.

Segundo Capurro (2003, *n. p.*), a Ciência da Informação nasce, em meados do século XX, sob o paradigma físico, fundamentado na teoria da comunicação de Shannon e Weaver (1949-1972). Nesse modelo, “[...] há algo, um objeto físico, que um emissor transmite a um receptor [...]” (Capurro, 2003, *n. p.*), concebendo a informação como sinal mensurável, o que implica a exclusão das dimensões semânticas e pragmáticas, bem como a desconsideração do papel ativo do usuário.

Esse enfoque, porém, foi progressivamente questionado pelo paradigma cognitivo, de caráter idealista e individualista, que introduziu a ideia de que “[...] a busca de informação tem sua origem na necessidade que surge quando existe [...] um estado cognitivo anômalo” (Capurro, 2003, *n. p.*). Posteriormente, em resposta a essas limitações, ambos foram confrontados pelo paradigma social, no qual como Capurro (2003, *n. p.*) destaca:

[...] Informação não é algo que comunicam duas cápsulas cognitivas com base em um sistema tecnológico, visto que todo sistema de informação está destinado a sustentar a produção, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso de conhecimentos e deveria ser concebido no marco de um grupo social concreto e para áreas determinadas [...] (Capurro, 2003, *n. p.*).

Dessa forma, Capurro (2003) rejeita uma sucessão linear, destacando a coexistência e o confronto entre paradigmas, o que evidencia a natureza complexa da Ciência da Informação. A visão de Capurro, que rejeita a sucessão linear, dialoga com a crítica de Silva (2017) que argumenta que o conceito de paradigma não deve ser abordado de forma rígida ou reducionista, pois isso poderia “[...] acomodar de forma reducionista e engessada o significado de informação na CI [...]” (Silva, 2017, p. 23). Em vez disso, o autor propõe que “[...] O conceito de paradigma tem sido utilizado como um catalisador epistemológico que dá vazão compreensiva/pragmática a CI e a informação, conforme uma visão histórico-conceitual. [...]” (Silva, 2017, p. 23). Nesse sentido, a contribuição de Silva (2017) amplia a reflexão iniciada por Capurro, ao considerar que os paradigmas não devem ser entendidos como molduras estáticas, mas como instrumentos epistemológicos que orientam a produção científica e possibilitam diferentes formas de compreender a informação.

Portanto, é possível entender que tal posicionamento revela que a Ciência da

Informação não pode ser reduzida a um único modelo teórico, mas precisa ser pensada como um campo em constante movimento, aberto a novas interpretações. Assim, ao articular as contribuições de Capurro (2003) e Silva (2017), torna-se possível compreender que a Ciência da Informação não pode ser explicada apenas por meio de sucessões paradigmáticas, mas sim como um campo marcado por diferentes visões, onde o conceito de paradigma deve ser assumido como ferramenta interpretativa, e não como limitação conceitual.

Além disso, Capurro (2003), influenciado por correntes epistemológicas do século XX como a hermenêutica de Gadamer, o racionalismo crítico de Popper e a cibernética de segunda ordem “[...] baseada em modelos recursivos de autorreferências desenvolvidos, dentre outros, por Heinz Von Foerster (Foerster 1974, Foerster/Poerksen 2001), pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela (1980, 1984) [...]” (Capurro, 2003, *n. p.*), propõe que a epistemologia da CI deve transcender reducionismos. Ele adota o conceito de “paradigma” de Kuhn (1962, *apud* Capurro, 2003, *n. p.*), não como modelo rígido, mas como analogia que revela crises e revoluções científicas, aplicando-o à CI para demonstrar que o campo não é pré-paradigmático, mas marcado por multiplicidade paradigmática. Convém ressaltar, no entanto, que:

[...] essa seleção e esquematização não só simplificam de forma extrema a complexidade das proposições, como podem dar lugar a um mal-entendido, considerando a presente exposição como avanço histórico, posto que muitas teorias se entrecruzam com distintas intensidades e em diversos períodos (Capurro, 2003, *n. p.*).

Conforme Capurro (2003), o paradigma físico foi predominante no início da Ciência da Informação, entre 1945 e 1960 baseando-se na teoria da comunicação de Shannon e Weaver (1949-1972). Sua principal crítica a esse paradigma é a exclusão das dimensões semânticas e pragmáticas. Ele cita os experimentos de Cranfield, que mediam a recuperação da informação em um ambiente de laboratório, e a teoria de Michael Buckland (1991) da “informação como coisa” (“*information-as-thing*”) como exemplos dessa visão fisicista. Embora a teoria de Buckland (1991) tenha suas raízes nas práticas de bibliotecários e documentalistas, Capurro (2003) argumenta que o “valor informativo” não é uma propriedade de um objeto, mas algo atribuído pelo usuário em um processo interpretativo.

Em resposta às limitações do paradigma físico, surgiu o paradigma cognitivo,

que reintroduz o usuário como um sujeito ativo. Representado por B. C. Brookes, Nicholas Belkin e Peter Ingwersen, esse paradigma considera a informação como uma entidade abstrata que existe em espaços mentais. Como afirma, “[...] Brookes subjetiva, por assim dizer, esse modelo no qual os conteúdos intelectuais formam uma espécie de rede que existe somente em espaços cognitivos ou mentais, e chama tais conteúdos de 'informação objetiva' [...]” (Capurro, 2003, *n. p.*).

Capurro critica essa abordagem por seu reducionismo individualista, que ignora os contextos sociais e materiais da existência humana. Ele compara a ontologia que influenciou esse paradigma, o “terceiro mundo” de Karl Popper, a um modelo platônico de “conhecimento sem sujeito cognoscente”. Ou seja:

Os limites do paradigma cognitivo se apoiam precisamente na metáfora, ou *pars pro toto*, de considerar a informação, ou como algo separado do usuário localizado em um mundo numênico, ou de ver o usuário, se não exclusivamente como sujeito cognoscente, em primeiro lugar como tal, deixando de lado os condicionamentos sociais e materiais do existir humano (Capurro, 2003, *n. p.*).

Para Capurro (2003), a limitação do paradigma cognitivo está em priorizar o indivíduo como um ser isolado, com “modelos mentais” que são transformados durante o processo informacional, sem considerar o contexto social. Sendo assim, a reflexão dos paradigmas físico e cognitivo não é meramente teórica, mas traz consequências práticas para o desenvolvimento de sistemas de recuperação da informação. Enquanto o modelo físico foca no *matching* de sinais e o cognitivo na alteração de estados mentais, a compreensão das limitações de ambos aponta para o desafio de desenvolver sistemas que para além da transmissão de dados, busquem dialogar com as necessidades reais e contextuais dos usuários.

Para facilitar a compreensão do que foi discutido, o Quadro 03 organiza, de forma comparativa, um dos modelos teóricos, o qual Capurro (2003) chama de paradigma, composto por três abordagens distintas: o Físico (ou da transmissão), o Cognitivo e o Social (também denominado hermenêutico-crítico) mostrando quem são os principais autores, quais são os pressupostos de cada paradigma, suas contribuições e suas limitações.

Quadro 03 – Paradigmas da Ciência da Informação

Paradigma	Autores-chave	Pressupostos principais	Contribuições	Limitações
Físico (ou da transmissão)	Shannon & Weaver (1949); Bush (1945); Borko (1968)	Informação = sinal transmitido por canais; foco em eficiência (<i>recall/precision</i>); separação entre emissão e recepção.	Bases da organização e recuperação da informação; formalização matemática da comunicação.	Reduz informação a aspecto quantitativo; ignora significado, contexto e usuário.
Cognitivo	Brookes (1980); Belkin (1984); Ingwersen (1992)	Informação = algo que modifica a estrutura de conhecimento do sujeito; foco no indivíduo, relevância e pertinência.	Introduz dimensão semântica; valoriza o usuário; base de estudos em comportamento informacional.	Visão individualista; pouco considera o social, cultural e político; risco de psicologização excessiva.
Social (ou hermenêutico-crítico)	Capurro (1986, 2003); Hjørland (domainanalysis); Frohmann (1992); Savolainen (1995)	Informação = prática social de produção de sentido; moldada por linguagem, cultura, poder e comunidades discursivas.	Integra fatores sociais, históricos, políticos; fortalece a análise crítica da informação; aproxima a CI das ciências humanas.	Complexidade teórica; difícil operacionalização em sistemas de informação; menos foco em métricas quantitativas.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Capurro (2003) e demais referências citadas.

Assim, a discussão acerca dos paradigmas na Ciência da Informação revela diferentes perspectivas teóricas e disputas epistemológicas que refletem a complexidade e o dinamismo do campo. Mais do que estágios sucessivos, os paradigmas devem ser entendidos como instrumentos interpretativos que evidenciam múltiplas formas de conceber a informação, seus sujeitos e seus contextos. Essa multiplicidade reforça a necessidade de fundamentação epistemológica constante, que permita compreender os limites e as potencialidades da disciplina.

Com a revisão de alguns aspectos dos fundamentos epistemológicos da Ciência da Informação, que delineiam as bases teóricas e as abordagens que orientam a produção do conhecimento no campo, torna-se igualmente relevante investigar os conceitos que estruturam e operacionalizam esse saber. Assim, a próxima seção avança da reflexão epistemológica para a análise dos estudos conceituais, examinando como os conceitos moldam a compreensão da informação e sua aplicação em contextos científicos e sociais.

2.1 MARCAS DE PROVENIÊNCIA

O estudo das marcas de proveniência tem se consolidado como um campo relevante no âmbito da Ciência da Informação, na medida em que possibilita compreender os percursos históricos, sociais e culturais dos exemplares que constituem acervos bibliográficos e documentais, sejam imagéticos ou textuais. Essa consolidação pode ser constatada pela produção acadêmica, que, embora ainda limitada em número, apresenta crescimento recente, revelando o interesse da comunidade científica na investigação dos elementos materiais e simbólicos presentes em diversos suportes informacionais, como livros, manuscritos, documentos, mapas, fotografias, a exemplo de *ex-libris*, inscrições manuscritas, carimbos e encadernações, considerados fontes legítimas para a reconstrução de trajetórias de posse, circulação e apropriação.

Seguindo essa linha, Pereira (2023, p. 48) salienta:

Objeto de pesquisadores, as marcas de proveniência buscam identificar os proprietários de alguns livros, assim como possibilitam rastrear coleções, a partir das pistas deixadas pelos seus antigos possuidores e, quando mapeadas, podem ser encontradas em diversos locais pelo mundo, fato devido ao comércio do livro. Indicam também a evolução das técnicas de produção do livro em diferentes tempos (Pereira, 2023, p. 48).

A constatação dessa limitação quantitativa decorre de levantamentos bibliográficos realizados em pesquisas anteriores, os quais indicam que, apesar da importância reconhecida da temática, ainda são escassos os estudos sistemáticos dedicados às marcas de proveniência no contexto informacional.

Essas marcas, inscritas materialmente nos objetos ou registradas em fontes externas, funcionam como vestígios que permitem reconstruir trajetórias, revelar apropriações e compreender práticas de uso. Essa compreensão é corroborada por Pinheiro, Von Helde e Pereira (2023, p. 177) que as definem como:

Elementos que podem atestar a procedência, propriedade e trajetória de um livro ou documento por uma instituição e as práticas atribuídas ao livro ao longo do tempo, sob a forma de assinaturas, autógrafos, carimbos, ex-donos, ex-líbris, super libros, etiquetas, dedicatórias, entre outros (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023, p. 177).

Diante disso, torna-se possível perceber que tais sinais, ainda que discretos, se configuram como testemunhos materiais indispensáveis para a história dos acervos. Nesse mesmo caminho, Azevedo e Loureiro (2019, *n. p.*) elucidam que “[...] Essas marcas são indícios que podem colaborar para a construção de uma narrativa histórica de determinado exemplar”.

Sob outra perspectiva, Silva (2022, p. 872) acrescenta que:

As marcas de proveniência são elementos que permitem estabelecer o itinerário geográfico e intelectual das publicações. Identificar a quem pertenceu o livro, seus leitores, contextualizar no tempo e no espaço o seu proprietário. Permitem múltiplas possibilidades de pesquisa a partir da sua identificação e divulgação (Silva 2022, p. 872).

Isto posto, compreende-se que as marcas de proveniência, além de identificar proprietários sucessivos, possibilita reconstruir as formas de circulação e apropriação dos registros do conhecimento. Para aprofundar a compreensão teórica do fenômeno, torna-se relevante examinar as definições do conceito de marcas de proveniência formuladas por diferentes autores que se tornaram referência na área. Essas definições expressam distintas perspectivas disciplinares, mas convergem ao reconhecer que tais marcas constituem evidências materiais capazes de revelar trajetórias históricas, sociais e intelectuais dos acervos.

Faria e Pericão (2008) são considerados precursores ao sistematizar o termo no âmbito da Bibliologia, definindo as marcas de proveniência como elementos que indicam a origem, a posse e a circulação de livros, configurando-se como testemunhos da história dos exemplares. Essa concepção serviu de base para trabalhos posteriores, que ampliaram o entendimento do conceito. Pearson (2019), por exemplo, define as marcas de proveniência como evidências deixadas em livros que permitem rastrear sua propriedade e uso ao longo do tempo, ressaltando o valor informacional desses indícios para a reconstrução da história do livro.

De modo semelhante, Leung (2016) compreende a proveniência como um campo conceitual que envolve a documentação das relações entre pessoas, instituições e objetos, enfatizando seu papel na organização e na descrição de acervos em ambientes digitais. Vian (2023), por sua vez, amplia essa compreensão ao associar as marcas de proveniência à vida social dos objetos, destacando que cada indício inscrito no suporte contribui para revelar práticas culturais e processos

de circulação simbólica.

Essas diferentes definições, embora apresentem enfoques específicos, revelam um núcleo conceitual comum: as marcas de proveniência são vestígios informacionais que registram a passagem de um objeto por diferentes contextos de uso, posse e significado. Tal convergência demonstra o amadurecimento teórico do campo e oferece base sólida para as análises posteriores, em especial para a aplicação do método da história dos conceitos na delimitação semântica e histórica do termo.

Diante da relevância atribuída às marcas de proveniência como fontes de informação histórica, cultural e patrimonial, torna-se essencial compreender a diversidade de suas manifestações. Nesse sentido, a literatura especializada tem se dedicado à identificação e sistematização de suas diferentes tipologias, permitindo abordagens mais precisas e consistentes.

Conforme assinala Vian (2023, p. 136):

[...] Pesquisar as evidências, internas e externas, relativas à proveniência de uma obra ou coleção bibliográfica e registrar essas informações de forma sistemática em um repositório contribui para explicitar o modo como esses materiais foram empregados ao longo da sua vida social: de que forma foram lidos, quem eram seus leitores como se deu o seu deslocamento enquanto mercadoria e artefato. Esses indícios, essas pistas, nomeadas como marca de proveniência bibliográficas, podem remodelar o sentido de uma narrativa histórica dependendo de sua tese ou conteúdo (Vian, 2023, p. 136).

A variedade de marcas presentes nos acervos bibliográficos e documentais demanda, portanto, uma abordagem tipológica que favoreça sua identificação, registro e interpretação, contribuindo para o aprofundamento das análises e para a valorização dos acervos como testemunhos materiais de trajetórias institucionais e individuais. Nesse esforço de sistematização, alguns autores têm buscado elencar e exemplificar as diferentes marcas identificáveis nos acervos.

De forma prática, podemos citar uma variada gama de marcas: *ex-libris*, assinaturas, anotações manuscritas, bilhetes, carimbos, encadernações, oblitações, etiquetas, autógrafos e dedicatórias, entre outras (Lopes; Gonçalves; Rodrigues, 2020, p. 145).

Dentre as diversas tipologias de marcas de proveniência enumeradas na

literatura, como assinaturas, anotações manuscritas e carimbos, o *ex-libris* destaca-se como uma das mais simbólicas, transcendendo sua função primordial de indicação de propriedade para se configurar como uma expressão artística e cultural que reflete as identidades dos colecionadores e as dinâmicas de circulação dos acervos.

O *ex-libris*, expressão derivada do latim que significa “dentre os livros de” ou “da biblioteca de”, refere-se a uma etiqueta, selo ou emblema afixado geralmente na contracapa ou nas primeiras folhas de um livro, contendo o nome ou as iniciais do proprietário. Essa marca pode também revelar aspectos identitários do dono, como profissão, gostos, ideais ou posição social, por meio de imagens, inscrições ou alegorias. Desde sua origem, apresenta grande diversidade de elementos visuais e textuais, como escudos de armas, monogramas, assinaturas e numerações (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023).

Nota-se, portanto, que ao ser concebido, o *ex-libris* ultrapassa o limite de um simples registro e alcança a dimensão de signo cultural. Ele não se limita a identificar um proprietário, mas incorpora valores, ideais e escolhas que se materializam em formas visuais e textuais. Nesse ponto, a observação de Bezerra (2006) é particularmente elucidativa ao afirmar que a marca gráfica corresponde a uma filosofia pessoal, elaborada no imaginário de quem a idealiza antes de ser transposta para o suporte. Assim, a função declarativa da posse convive com uma dimensão simbólica, em que a singularidade do indivíduo encontra expressão artística.

O caráter identitário que se projeta no *ex-libris* também foi destacado por Palhares (2015, p. 23), ao afirmar:

A peculiaridade de cada *ex-libris* é reflexo da personalidade de cada possuidor da obra, e revela características de cada um, que podem ser simples ou sofisticados, no entanto, possuem o mesmo significado, que é informar quem é o dono do livro. O *ex-libris* por si mesmo apresenta um padrão estrutural, que mesmo simples representa a propriedade da obra (Palhares, 2015, p. 23).

Nesse sentido, essa diversidade pode se manifestar tanto em composições mais simples quanto em representações de grande sofisticação artística, mas ambas guardam a mesma essência: a de anunciar o vínculo entre o livro e o sujeito que o possui. O padrão estrutural do *ex-libris*, ainda que reconhecível em sua função de

declarar a propriedade, abre espaço para múltiplas interpretações estéticas e subjetivas, permitindo que cada peça se torne testemunho de uma individualidade.

A interpretação estética do *ex-libris* ganha reforço na análise de Vian (2023), que aponta não ser sua imagem destinada à ornamentação do livro, mas à representação da “alma do encomendador”. Segundo a autora, “[...] A imagem representada no *ex-libris* não serve para ilustrar o livro, mas sim a alma do encomendador, que será representada através das ideias e das mãos do artista” (Vian, 2023, p. 123).

Assim, o artista, ao materializar a ideia do proprietário, cria uma síntese visual que transita entre intimidade e exteriorização, pois o signo gráfico não fala somente do objeto, mas expõe o sujeito que o idealizou. Nesse sentido, é possível afirmar que o *ex-libris* deve ser compreendido como um documento de memória, em que se inscrevem camadas de identidade pessoal e de contexto histórico-social.

Apesar da centralidade do *ex-libris* nas discussões acerca das marcas de proveniência, sua análise não esgota a amplitude do tema. “[...] Diversas são as tipologias de marcas de proveniência que podem ser encontradas em materiais bibliográficos documentos ou objetos.” (Vian, 2023, p. 120), e a literatura especializada evidencia a necessidade de considerar a variedade de manifestações possíveis, cuja sistematização em tipologias contribui para a consolidação de abordagens mais consistentes. Nesse sentido, a retomada das diferentes categorias de marcas de proveniência permite avançar na compreensão dos múltiplos indícios materiais que se inscrevem nos acervos, favorecendo interpretações mais abrangentes acerca de suas trajetórias e usos.

A esse respeito, Pearson *et al.* (2022) propõem a organização das marcas de proveniência em três categorias principais, que sistematizam os tipos de evidências deixadas nos livros e possibilitam a reconstituição de suas trajetórias ao longo do tempo: (1) marcas de propriedade, que incluem inscrições, *ex-libris*, etiquetas de livros e brasões, indicando os proprietários do livro; (2) marcas de uso, como anotações, marginalias e outras evidências de leitura, que revelam como o livro foi utilizado; e (3) evidências secundárias de propriedade, abrangendo catálogos de venda, catálogos de bibliotecas, listas de livros em inventários de sucessões e inferências referentes às publicações de um autor, que fornecem contexto adicional relacionadas a posse e circulação do livro.

Essa categorização, portanto, permite uma análise estruturada das trajetórias

dos livros, independentemente de as marcas serem extensas, cobrindo séculos de propriedade, ou mais limitadas. Assim, o estudo da proveniência não se limita ao livro em si, mas se expande para fontes externas que também documentam seu percurso histórico. Como observam os autores:

As marcas de proveniência em um livro em particular podem ser extensas - uma sucessão de proprietários que deixam seus rastros ao longo de vários séculos – ou mais limitadas, qualquer uma ou ambas são comumente encontradas (Pearson *et al.*, 2022, p. 4).

Complementando essa perspectiva, as autoras Rodrigues e Vian (2024, p. 13) propõem uma classificação que organiza essas evidências em quatro grandes grupos, facilitando sua identificação e análise. A seguir, apresenta-se o Quadro 04, que sistematiza essas categorias, destacando suas principais características:

Quadro 04 – Classificação das evidências físicas das marcas de proveniência

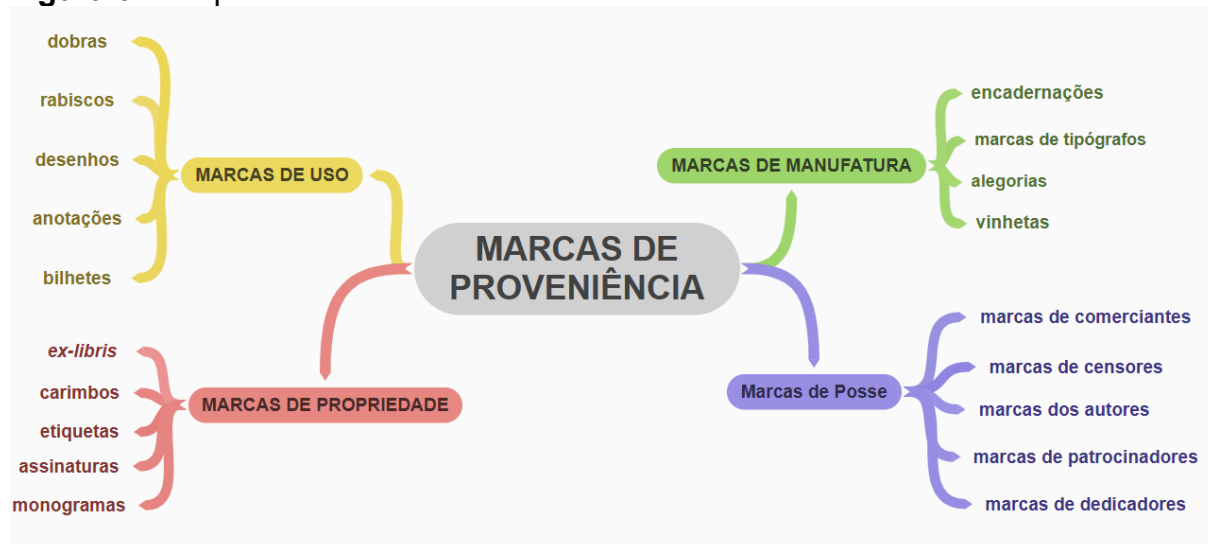
Tipo de Epistemologia	Descrição
Marcas de Manufatura	“[...] marcas produzidas por pessoas físicas ou jurídicas envolvidas na confecção do livro, tais como tipógrafos, encadernadores, ilustradores, gravadores, impressores, entre outros. Como exemplos desse tipo, podemos citar as marcas de tipógrafos, alegorias, vinhetas, encadernações.”
Marcas de Uso	“[...] marcas produzidas pelos leitores, consulentes, pesquisadores, ao utilizar uma obra. São exemplos de marcas de uso: desenhos, rabiscos, bilhetes, anotações, manchas, dobras.”
Marcas de Propriedade	“[...] marcas deixadas pelos proprietários (pessoas, instituições, famílias) de uma obra, cuja finalidade consiste em atestar a sua propriedade sobre a mesma. Podemos citar como exemplos os <i>ex-libris</i> , carimbos, etiquetas, assinaturas, monogramas.”
Marcas de Posse	“[...] marcas deixadas por pessoas físicas ou jurídicas que estiveram, em algum momento da história desse objeto, de posse do mesmo, e que, muitas vezes, não são, necessariamente, seus proprietários. São exemplos dessa categoria as marcas de circulação, as marcas deixadas por comerciantes (leiloeiros, editores, livreiros etc.), as marcas deixadas por censores, pelos próprios autores, pelos dedicadores, pelos patrocinadores, tais como anotações, papéis avulsos, oblitterações.”

Fonte: Adaptado de Rodrigues e Vian (2024, p. 113).

Ampliando as classificações apresentadas, as tipologias identificadas no *corpus* de análise foram, em especial, aglutinadas por Santos, Tramontini e Albuquerque (2024), como resultado de pesquisas anteriores que consolidaram

detalha essas categorias. Esse recurso auxilia na visualização da variedade e complexidade das marcas apresentadas por Rodrigues e Vian (2024).

Figura 02 – Tipos de Marcas de Proveniência

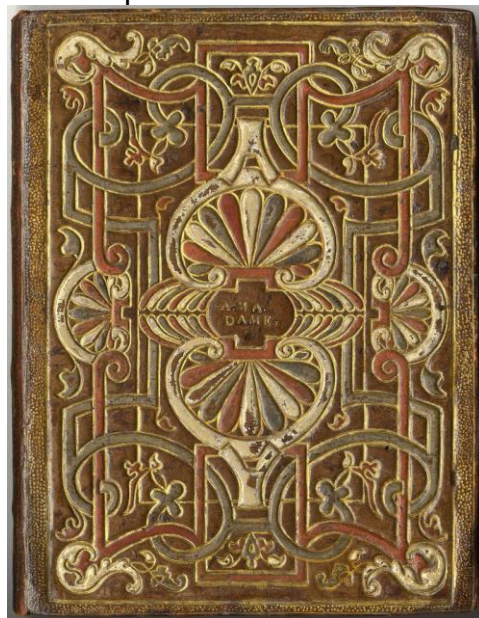


Fonte: Elaborada pela autora (2025) baseada em Rodrigues; Vian (2024).

Após a exposição teórica, apresentam-se exemplos gráficos que ilustram a materialidade das marcas de proveniência, permitindo a visualização das tipologias descritas. Essas figuras têm por finalidade demonstrar suas manifestações concretas nos acervos, auxiliando tanto na identificação quanto na análise interpretativa, o que reforça o caráter empírico da investigação.

a) Encadernação: Operação que consiste em juntar todas as folhas em cadernos, costurar e colocar uma capa mais grossa, com vistas a facilitar a leitura e também com a finalidade de preservar e proteger a obra (Figura 03).

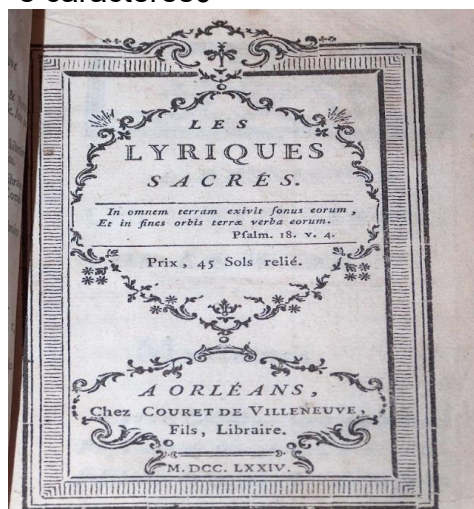
Figura 03 – Encadernação parisense em calfe, gravada a ferro, personalizada: no medalhão central na capa apresenta a inscrição “A madame” e na contracapa “Du Peron”



Fonte: Rodrigues; Vian (2021).

b) Vinheta: Elemento decorativo que aparece em manuscritos, páginas de rosto, capítulos, sob a forma de flores, figuras geométricas, arabescos, entre outros (Figura 04).

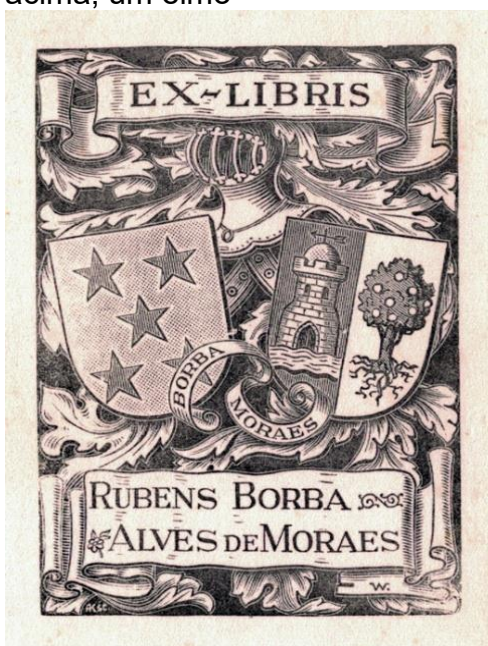
Figura 04 – Página de rosto composta de vinhetas simples e caracteres



Fonte: Rodrigues; Vian (2021).

c) *Ex- libris*: Significa “dos livros de”. Marca ou etiqueta, gravada ou impressa, colocada em livros para identificar a quem pertencem (Figura 05).

Figura 05 – *Ex-libris* de Rubens Borba de Moraes; retangular; do tipo armoriado; apresenta as inscrições “*Ex-libris*” e o nome do proprietário “Rubens Borba Alves da Moraes”; inclui os brasões das famílias “Borba” e “Moraes”, circundados por folhagens e, acima, um elmo



Fonte: Rodrigues; Vian (2021).

d) Marca de fogo: Marca carbonizada colocada, principalmente, nas bordas dos livros por um instrumento de metal quente (Figura 06).

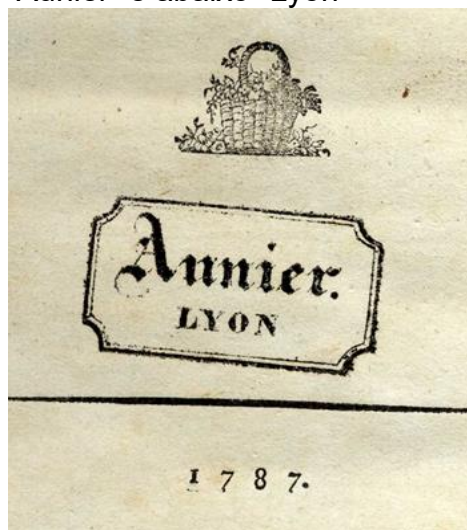
Figura 06 – Marca de fogo nos cortes superior e inferior do livro “*Libri sex ecclesiasticae Rhetoricae, sive de ratione concionandi*” (1751); emblema da Ordem dos Pregadores (México)



Fonte: Rodrigues; Vian (2021).

e) Carimbo: marca acrescentada num documento que permite atestar, autenticar, a sua origem, a sua propriedade. O carimbo é um objeto gravado em oco ou em relevo no qual aparece, entre outras coisas, um nome, um número, um emblema, uma assinatura, um brasão (Rodrigues; Vian, 2021) (Figura 07).

Figura 07 – Carimbo molhado contendo em letras góticas “Aunier” e abaixo “Lyon”



Fonte: Rodrigues; Vian (2021).

Além das classificações apresentadas, observa-se também a existência de glossários especializados que contribuem para a organização terminológica e conceitual das marcas de proveniência, oferecendo suporte à identificação e ao registro dessas evidências nos acervos.

O “*Glossário de Marcas de Proveniência*” (Rodrigues; Vian, 2021), disponível na plataforma Tesouro Semântico Aplicado (THESA), é o resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Informação e Memória da Universidade Federal do Rio Grande (GEPIM/FURG), voltado para o campo da Biblioteconomia. O THESA é uma ferramenta criada com o objetivo de auxiliar estudantes de graduação em Biblioteconomia na disciplina de Linguagens Documentárias, facilitando a elaboração de tesauros. Sua finalidade é reduzir o esforço operacional envolvido na construção de tesauros, permitindo que os estudantes se concentrem mais no desenvolvimento cognitivo e conceitual, especialmente no que se refere à modelagem de domínios do conhecimento.

A estrutura do THESA baseia-se nas relações entre conceitos, partindo do pressuposto de que um conceito pode ser representado de diversas formas, como

termos, imagens, sons, links ou outras representações. Embora o conceito em si seja estável, sua representação pode variar de acordo com o contexto histórico ou social, sendo estabelecidas formas preferenciais, alternativas ou ocultas (Rodrigues; Vian, 2021). A plataforma organiza atualmente 1.182 termos e 166 conceitos, evidenciando a abrangência do glossário e sua capacidade de sistematização terminológica.

As autoras Rodrigues e Vian (2021), com base no livro *Provenance of Rare Books*, de Marcia Reed (2017), destacam que a pesquisa de proveniência, no âmbito da Biblioteconomia e da História do Livro, fundamenta-se em dois tipos principais de evidências. O primeiro é constituído pelas “[...] evidências físicas, ou seja, as marcas presentes no livro, como anotações, assinaturas, etiquetas, carimbos, rabiscos e desenhos, etc.; [...]” (Rodrigues; Vian, 2021, p. 12). O segundo refere-se aos registros associados ao livro, que incluem obras que tratam os livros e os descrevem, como catálogos, dicionários especializados e repertórios bibliográficos. Além disso, também se consideram os indícios extrínsecos à publicação, como papéis avulsos, bilhetes, cartões-postais, santinhos, selos e cartas inseridos na obra (Rodrigues; Vian, 2021).

Portanto, essas evidências justificam a criação e o uso de glossários voltados à sistematização terminológica e à descrição das marcas de proveniência, uma vez que esses instrumentos favorecem a padronização conceitual e a precisão descritiva, além de possibilitarem o diálogo entre diferentes abordagens de pesquisa.

Outro importante instrumento terminológico é o Glossário Ilustrado de Livros Raros e Acervos de Memória, organizado por Pinheiro, Von Helde e Pereira (2023) e publicado pela Fundação Biblioteca Nacional no âmbito do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR). A obra foi idealizada a partir da participação da equipe do Planor no projeto internacional *Novum Regestrum*, desenvolvido pela Associação de Estados Ibero-Americanos para o Desenvolvimento das Bibliotecas Nacionais da Ibero-América (ABINIA), com o propósito de reunir registros de livros impressos anteriores a 1850 em bibliotecas nacionais ibero-americanas.

Conforme relatam as organizadoras (2023, p. 15):

O glossário começou a ser construído a partir da necessidade

diagnosticada por esta equipe do Planor de uma ferramenta técnica e especializada, que elencasse informações padronizadas, que contribuíssem para a catalogação, elaboração de notas bibliográficas e descrição de livros raros e acervos de memória (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023, p. 15).

Essa motivação decorre, segundo as autoras, da preocupação dos profissionais da informação com a necessidade de padronizar os procedimentos de tratamento documental. Essa padronização deve englobar a descrição física dos documentos, a análise dos conteúdos e a seleção dos termos que os representam, com o objetivo de possibilitar a recuperação da informação de maneira efetiva e eficaz (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023).

Nesse sentido, as autoras destacam que:

É importante ressaltar que uma boa catalogação, além dos pontos de acesso principais, como os dados de autoria, título, edição, local de publicação, editor e data, contempla o campo de notas, que está diretamente relacionado às características intrínsecas e extrínsecas presentes nos exemplares, identificadas através da descrição bibliográfica minuciosa e pesquisa histórica. Esse processo, que torna único o exemplar descrito, pode também constituir-se em medida de segurança em caso de sinistros. Acreditamos que ferramentas que possam contribuir com a preservação documental e acesso à informação são fundamentais (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023, p. 15).

O glossário em questão apresenta um total de 169 verbetes distribuídos alfabeticamente, abrangendo termos essenciais para a catalogação, descrição e preservação de materiais bibliográficos especiais. Essa quantidade reflete uma seleção criteriosa e compilada a partir de fontes como catálogos, dicionários, normas técnicas e acervos históricos, com o objetivo de padronizar a terminologia aplicada a livros raros, manuscritos, iluminuras e elementos tipográficos, entre outros.

Conforme descrevem as organizadoras (2023):

Para a construção do Glossário ilustrado de livros raros e acervos de memória, foram pesquisadas diferentes fontes de informação, como anais, artigos técnicos, catálogos, dicionários, dissertações, enciclopédias, glossários, livros, manuais, normas técnicas, sites, vocabulários, além de consultorias especializadas. As imagens selecionadas para os verbetes foram reproduzidas, em sua maioria, do acervo da Fundação Biblioteca Nacional e de fontes em domínio público (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023, p. 14).

Cada entrada é enriquecida por ilustrações provenientes majoritariamente do acervo da FBN e de fontes em domínio público, tornando a obra uma ferramenta técnica para bibliotecários, conservadores e pesquisadores, uma publicação acessível e visual que contribui para a memória cultural brasileira, fomentando a cooperação entre instituições ibero-americanas e a valorização do patrimônio impresso dos séculos XV ao XIX, constituindo-se como instrumento referencial para a padronização terminológica voltada à catalogação e à descrição de acervos raros e de memória.

Outro exemplo relevante da aplicação prática da análise de proveniência é o Catálogo Marcas de Oswaldo Cruz: proveniência, propriedade e circulação no Patrimônio Cultural Científico da Fiocruz, publicado em 2023. A publicação tem como objetivo:

[...] apresentar ao público as marcas de proveniência que, no recorte abordado, destacam a propriedade das peças que pertenceram à coleção particular do cientista Oswaldo Cruz em suas diversas tipologias, presentes nos acervos da Fundação Oswaldo Cruz (Sousa *et al.*, 2023, p. 19).

No desenvolvimento do catálogo, os organizadores adotam como referência as categorias das marcas de proveniência baseadas no Dicionário do Livro de Faria e Pericão (2008), que contempla as categorias de manufatura, uso, propriedade, posse e circulação. Ou seja, o catálogo amplia essa abordagem ao incluir explicitamente as marcas de circulação, correspondentes aos registros que indicam o percurso dos exemplares após sua publicação, como selos, etiquetas e carimbos. (Sousa *et al.*, 2023). Com essa ampliação, torna-se possível compreender com maior profundidade o percurso histórico dos exemplares e os contextos de circulação das peças que compõem o acervo de Oswaldo Cruz.

Os organizadores ressaltam que:

Essas marcas, em grande parte, foram confeccionadas ou escolhidas por seu proprietário e têm características que se relacionam com sua personalidade ou forma de ver o mundo. Algumas marcas foram confeccionadas especificamente para marcar os itens de sua coleção, outras foram assim aproveitadas, apesar da finalidade de origem ser distinta. Torna-se interessante evidenciar que as marcas deixadas por Oswaldo nos itens de seu acervo, por muitas vezes, aparecem de forma espontânea e, em alguns casos, refletem os momentos por ele vividos (Sousa *et al.*, 2023, p. 19).

Sousa *et al.* (2023) destacam que o material apresenta uma variedade de marcas de diferentes tipos e configurações gráficas, sendo descritivo ao detalhar os recursos visuais, os símbolos e os métodos utilizados em sua produção. Além disso, o uso de ilustrações contribui para facilitar a compreensão dos aspectos evidenciados em cada marca.

A relevância do estudo é reforçada pelos autores ao destacarem que:

A identificação e a divulgação das marcas de proveniência do acervo de Oswaldo Cruz podem contribuir para o conhecimento desse legado, trazendo novas possibilidades de relacionar o que esse patrimônio cultural científico representa para a própria Fiocruz e, eventualmente, descobrir itens em outras instituições e coleções particulares que, em algum momento, tenham feito parte da coleção Oswaldo Cruz (Sousa *et al.*, 2023, p. 35).

Esse catálogo, portanto, constitui um exemplo de investigação e documentação de marcas de proveniência, articulando a análise material e histórica dos registros com a preservação da memória científica e cultural de Oswaldo Cruz. Tal perspectiva evidencia a dimensão identitária das marcas, permitindo compreender aspectos simbólicos e sociais associados à trajetória do cientista.

Em termos de conteúdo, a obra reúne um conjunto expressivo de marcas associadas ao acervo pessoal de Oswaldo Gonçalves Cruz, abrangendo distintas tipologias de sinais de propriedade e uso. Organizada de forma descritiva e ilustrada, evidencia as marcas como testemunhos materiais da trajetória intelectual, científica e afetiva do pesquisador, configurando-se como importante instrumento de preservação e difusão de sua memória.

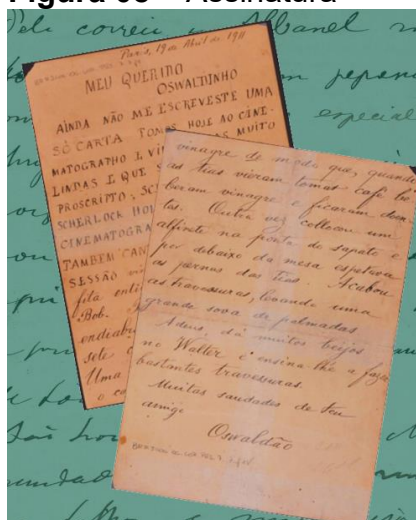
De modo geral, o catálogo documenta as principais categorias de marcas de proveniência encontradas nos acervos bibliográficos, arquivístico e museológico da Fiocruz. Entre elas, destacam-se as assinaturas, os carimbos, os *ex-libris*, os monogramas e timbres da papelaria pessoal, além de elementos gráficos presentes em encadernações e objetos museológicos. Cada tipo de marca revela facetas distintas da personalidade e da prática cotidiana de Oswaldo Cruz, oferecendo subsídios para a compreensão de sua cultura material e de sua inserção no contexto científico de sua época.

No que se refere às assinaturas, Leal e Siqueira (2023) destacam que o

catálogo apresenta múltiplas variações utilizadas pelo cientista ao longo de sua vida. Essas assinaturas, apostas em correspondências, livros e documentos diversos, revelam transformações estilísticas e contextuais: vão desde formas completas e formais até grafias reduzidas, carinhosas e familiares, como “Oswaldão”, utilizada em cartas destinadas ao filho. Em conjunto, configuram cerca de dez variações distintas de assinatura, consideradas marcas de propriedade e de autoria.

A seguir, a Figura 08 ilustra uma das formas gráficas de assinatura atribuídas a Oswaldo Cruz, evidenciando seu caráter pessoal e estilístico.

Figura 08 – Assinatura



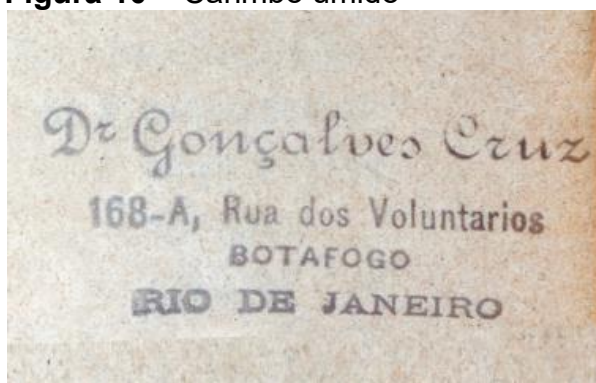
Fonte: Leal; Siqueira (2023, p. 47).

As marcas em forma de carimbo, conforme descritas por Silva, Alves e Santiago (2023), representam outra categoria relevante. Três modelos principais foram identificados: um carimbo seco circular, com o nome “Oswaldo” e as inscrições “querer, saber, esperar, poder”; um carimbo úmido de uso profissional, com a inscrição “Dr. Gonçalves Cruz – 168 - A, Rua dos Voluntários – Botafogo – Rio de Janeiro”; e um carimbo institucional, criado após a incorporação de sua biblioteca à Fundação Oswaldo Cruz, que traz a legenda “Instituto Oswaldo Cruz // Coleção Oswaldo Cruz // Biblioteca”. Tais exemplares indicam diferentes contextos de uso e demonstram a transição das marcas de propriedade pessoal para marcas institucionais.

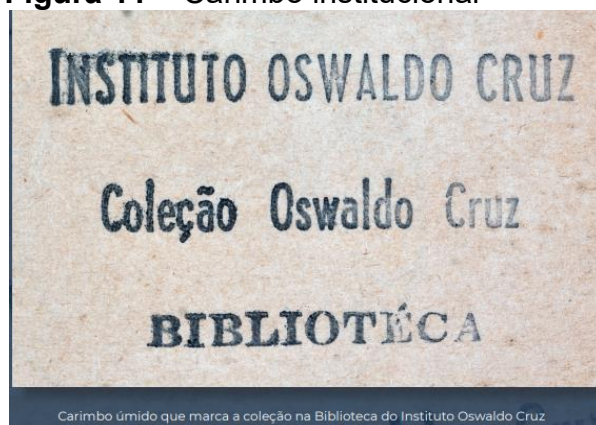
Para melhor compreensão, seguem as representações visuais dos carimbos catalogados, que exemplificam a diversidade e a função das marcas de propriedade atribuídas a Oswaldo Cruz (Figuras 09, 10 e 11).

Figura 09 – Carimbo seco

Fonte: Silva; Alves; Santiago (2023, p. 52).

Figura 10 – Carimbo úmido

Fonte: Silva; Alves; Santiago (2023, p. 53).

Figura 11 – Carimbo institucional

Fonte: Silva; Alves; Santiago (2023, p. 55).

Segundo Sousa (2023), entre os *ex-libris* catalogados, identificam-se dois modelos distintos. O primeiro, produzido em Paris em 1911 pela *Maison Stern Graveur*, traz a inscrição “Fé Eterna na Sciencia”, acompanhada de uma composição simbólica com a coruja e a Cruz de Cristo, remetendo à união entre fé, ciência e

identidade pessoal. O segundo, confeccionado no Brasil entre as décadas de 1920 e 1940, reproduz o modelo francês com pequenas variações gráficas e a latinização do nome “O. G. Crucis”. Ambos os exemplares constituem marcas de propriedade emblemáticas, que sintetizam o caráter científico e humanista de Oswaldo Cruz.

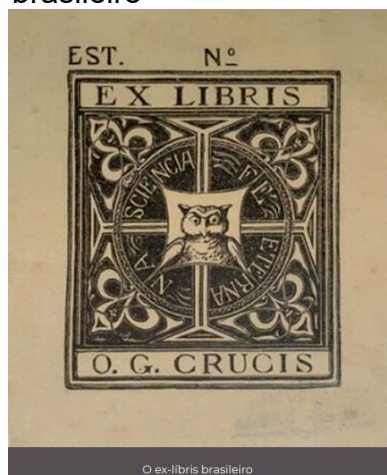
Para complementar a descrição, as Figuras 12 e 13 mostram os dois modelos de *ex-libris* identificados no catálogo, destacando suas variações formais e simbólicas.

Figura 12 – *Ex-libris* francês



Fonte: Sousa (2023, p. 60).

Figura 13 – *Ex-libris* brasileiro



Fonte: Sousa (2023, p. 62).

No tocante ao acervo museológico, Nogueira (2023), analisa os vestígios materiais presentes em objetos tridimensionais vinculados à trajetória pessoal e profissional de Oswaldo Cruz. Entre esses itens estão instrumentos médico-científicos, equipamentos laboratoriais, maquinários, mobiliário e utensílios diversos

os quais apresentam marcas de propriedade e proveniência que atestam sua autenticidade, origem e circulação. Tais marcas se manifestam por meio de assinaturas, iniciais, inscrições e etiquetas. Algumas dessas marcas foram realizadas pelo próprio cientista, enquanto outras foram posteriormente atribuídas pelo Museu da Vida Fiocruz, instituído em sua homenagem após 1917 (Figura 14).

Figura 14 – Relógio de bolso



Fonte: Nogueira (2023, p. 79).

O catálogo também apresenta marcas associadas à papelaria pessoal e profissional do cientista, como monogramas, iniciais estilizadas e timbres impressos em papéis de carta, cartões e receituários médicos (Figura 15). Essas marcas foram, em alguns casos, desenhadas pelo próprio Oswaldo Cruz, o que lhes confere caráter autoral e simbólico. Além disso, há referências a marcas presentes em encadernações e *super-libros*, observadas nas lombadas e capas de livros de sua biblioteca (Figura 16), conforme documentado por Tartaglia (2023a; 2023b).

Figura 15 – Monograma

Fonte: Tartaglia (2023a, p. 96).

Figura 16 – Douração com Cruz de Malta e um ramalhete de flores e douração no pé da lombada com as iniciais O.G.C.



Fonte: Tartaglia (2023b, p. 110).

Ao considerar o conjunto apresentado, é possível estimar que o catálogo documenta aproximadamente entre vinte e seis e vinte e nove marcas distintas, contemplando variações gráficas e funcionais de diferentes naturezas. Essa diversidade evidencia a amplitude e a riqueza das práticas de identificação e personalização adotadas por Oswaldo Cruz, revelando tanto sua atenção estética quanto seu rigor científico.

Nota-se, portanto, que o catálogo não se limita a reunir elementos gráficos, mas propõe uma leitura histórica e simbólica das marcas de proveniência como

mediadoras entre o sujeito e o objeto, entre o patrimônio científico e a memória institucional. Assim, o estudo das marcas de Oswaldo Cruz ultrapassa a dimensão material e assume relevância conceitual, social e histórica, ao articular aspectos de identidade, autenticidade e circulação do conhecimento no âmbito do patrimônio cultural científico brasileiro.

Com base nas informações descritas no catálogo e nas referências analisadas, elaborou-se o Quadro 05, que sintetiza estimativamente as principais marcas de proveniência identificadas no acervo pessoal de Oswaldo Cruz. A sistematização contempla diferentes tipologias, quantidades aproximadas e observações relevantes relacionadas ao uso e a função dessas marcas, permitindo uma visualização organizada dos dados apresentados ao longo do texto.

Quadro 05 – Síntese estimada das marcas catalogadas

Tipo de marca	Quantidade identificada	Observação
Assinaturas e rubricas	10 variações	Inclui pessoais, formais e afetivas
Carimbos	3	Se reconhecem como distintos e recorrentes
<i>Ex-libris</i>	2	
Papelaria pessoal (monogramas, timbres, etc.)	4 - 5	Descritos individualmente
Encadernações / <i>super-libros</i>	3	Variações em lombadas e capas
Museológicas (objetos, etiquetas)	4 - 6	Exemplos de marcas físicas em peças

Fonte: Adaptado de Sousa *et al.* (2023).

Nota: Total aproximado de marcas distintas documentadas: entre 26 e 29 (considerando cada variante como uma “marca” de proveniência diferente, conforme o critério usado no catálogo).

Ao considerar conjuntamente os glossários e o catálogo, percebe-se que ambos se complementam na consolidação do campo de estudos relacionados às marcas de proveniência. Enquanto os glossários cumprem função terminológica e conceitual, padronizando a linguagem e sistematizando as categorias necessárias à descrição e à identificação das marcas, o catálogo aplica esses referenciais em um contexto empírico específico, materializando os conceitos em registros visuais e descritivos. Dessa forma, o glossário representa o esforço de teorização e normatização do vocabulário técnico, ao passo que o catálogo constitui a tradução

prática desse conhecimento, permitindo a observação concreta das manifestações de proveniência. Em conjunto, esses instrumentos revelam a interdependência entre a dimensão conceitual, social, histórica e a dimensão empírica da pesquisa, fortalecendo o diálogo entre a Organização do Conhecimento e a preservação da memória cultural e científica.

Além disso, observa-se que tanto os glossários quanto o catálogo abrangem um número significativo de tipologias de marcas, refletindo a pluralidade de manifestações materiais presentes nos acervos. Em comum, os dois glossários analisados apresentam estrutura e terminologia baseadas na obra de Faria e Pericão (2008), cuja sistematização permanece como referência para os estudos de bibliologia e descrição de livros raros. Essa filiação conceitual reforça a continuidade e a coerência do campo, ao mesmo tempo em que evidencia o esforço de atualização e ampliação realizado pelas pesquisas contemporâneas das marcas de proveniência.

Em síntese, a investigação acerca das marcas de proveniência revela-se estratégica para a reconstrução das trajetórias materiais de livros e documentos, ao mesmo tempo em que oferece subsídios para a análise das práticas culturais, sociais, históricas e intelectuais inscritas nesses artefatos ao longo do tempo. As tipologias sistematizadas pela literatura especializada ordenam a diversidade dessas manifestações e evidenciam os desafios conceituais e metodológicos implicados em seu tratamento. Nesse horizonte, impõe-se a necessidade de integrar tais aportes ao arcabouço da história dos conceitos, com vistas à apreensão das variações semânticas que o termo “marcas de proveniência” tem assumido em distintos contextos históricos e correntes investigativas. Tal integração almeja contribuir para situar o conceito em sua temporalidade e para consolidá-lo como ferramenta analítica no campo da Ciência da Informação.

De modo complementar às classificações tipológicas e às abordagens teóricas apresentadas, as marcas de proveniência também assumem relevância prática na preservação e gestão de acervos. Na catalogação, são registradas em campos específicos de metadados, como o campo 500 do formato MARC 21 (Almeida; Santiago; Peruzzor, 2022), permitindo documentar a trajetória de exemplares e integrar informações a respeito da posse, circulação e uso.

[...] um dos campos do Formato MARC que mais ajuda a descrever as obras raras é o 500, que diz respeito às notas, principalmente quando nos referimos à descrição das marcas de proveniência. [...] Conclui-se que a catalogação das marcas de proveniência tem possibilitado a identificação e reunião de coleções dispersas [...] e contribuir na segurança do acervo a partir da individualização do exemplar, além da promoção da memória institucional (Almeida; Santiago; Peruzzor, 2022, p. 654).

Em ambientes digitais, essas informações fortalecem a rastreabilidade e autenticidade dos exemplares, reforçando a importância das marcas como elementos de preservação e de contextualização histórica em repositórios e bases de dados. Nessas plataformas, as práticas de catalogação ganham maior funcionalidade e acessibilidade. Integradas a sistemas automatizados como o Aleph, adotado pela Biblioteca de Manguinhos desde 1992 e atualizado em 2016, as notas de proveniência permitem a recuperação da informação em lote, facilitando buscas sistemáticas por elementos como *ex-libris*, encadernações ou intervenções de conservação (Almeida; Santiago; Peruzzor, 2022).

[...] a catalogação das marcas de proveniência tem possibilitado a identificação e reunião de coleções dispersas no acervo de origem e em outros que possam se interrelacionar e contribuir na segurança do acervo a partir da individualização do exemplar, além da promoção da memória institucional, valorização e identificação de patrimônio cultural (Almeida; Santiago; Peruzzor, 2022, p. 654).

Ademais, o uso do campo 856 para registros imagéticos ou acesso eletrônico transforma essas marcas em evidências permanentes e consultáveis, ampliando seu valor para pesquisas em biblioteconomia, história da ciência e gestão de acervos, enquanto contribui para a segurança contra perdas ou disputas de propriedade (Almeida; Santiago; Peruzzor, 2022).

Em consonância com as perspectivas apresentadas por Pearson (2019) e Leung (2016), que enfatizam o valor informacional e documental das marcas, autoras como Vian (2023) e Pinheiro, Von Helde e Pereira (2023) ampliam o entendimento do fenômeno ao integrar dimensões sociais, simbólicas e culturais. Nesse sentido, observa-se uma convergência teórica na literatura ao reconhecer as marcas de proveniência como vestígios materiais e como expressões de historicidade e identidade. De modo análogo, Rodrigues e Vian (2024) sistematizam

essas evidências em categorias que favorecem a análise de suas manifestações e contribuem para a consolidação metodológica do campo.

A partir da abordagem de Koselleck (2006), é possível compreender que o conceito de proveniência também sofre transformações históricas e semânticas, revelando como seu sentido foi se modificando conforme os contextos sociais e científicos nos quais foi empregado. Sob essa ótica, as marcas de proveniência podem ser analisadas como conceitos em movimento, cujos significados se reconfiguram ao longo do tempo, acompanhando as mudanças nas práticas de registro, preservação e representação do conhecimento. Essa articulação teórico-metodológica será aprofundada no capítulo seguinte, dedicado à aplicação do método da história dos conceitos à compreensão das marcas de proveniência na Ciência da Informação.

Em síntese, o estudo das marcas de proveniência revela-se fundamental para compreender a trajetória, a circulação e a apropriação de acervos, ampliando a leitura dos objetos informacionais enquanto testemunhos históricos e culturais. Suas múltiplas tipologias que englobam marcas de posse, uso, manufatura e propriedade e evidenciam a complexidade das relações entre o material e o simbólico na constituição do patrimônio documental. Ao mesmo tempo, a consolidação teórica e prática desse campo contribuem para fortalecer a Ciência da Informação como disciplina comprometida com a preservação, a organização e a significação da memória social.

3 HISTÓRIA DOS CONCEITOS: APONTAMENTOS PARA UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA

O termo 'conceito', em sua essência, é uma construção mental que permite compreender, categorizar e comunicar características e relações de objetos, fenômenos ou acontecimentos. Nesse sentido, Abbagnano (1998, p. 164) define o conceito como “[...] todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis”. O autor complementa afirmando que:

[...] esse termo tem significado generalíssimo e pode incluir qualquer espécie de sinal ou procedimento semântico, seja qual for o objeto a que se refere, abstrato ou concreto, próximo ou distante, universal ou individual, etc. Pode-se ter um C. de mesa tanto quanto do número 3, de homem tanto quanto de Deus, de gênero e espécie (os chamados universais [v.]) tanto quanto de uma realidade individual, como p. ex. de um período histórico ou de uma instituição histórica [...] (Abbagnano, 1998. p. 164).

Assim, Rips; Smith; Medin (2012) em suas reflexões expõem que os conceitos são utilizados para organizar o pensamento e facilitar a troca de informações entre indivíduos.

O conceito de conceito é difícil de definir, mas ninguém duvida de que os conceitos são fundamentais para a vida mental e a comunicação humana. Cientistas cognitivos geralmente concordam que um conceito é uma representação mental. As teorias em psicologia têm se concentrado em conceitos que identificam certos conjuntos de entidades: categorias. Ou seja, os conceitos se referem a algo, e aquilo a que se referem são categorias. Também é comumente assumido que a pertença a uma categoria não é arbitrária, mas sim uma questão de princípio (Rips; Smith; Medin, 2012, n. p., *tradução nossa*).

Na perspectiva da Ciência da Informação, Lara (2004, p. 92), “[...] o conceito é uma unidade abstrata criada a partir de uma combinação única de características. Os conceitos são representados pelos termos, que são designações verbais. [...]”. Ou seja, os conceitos são expressos por termos, que são designações verbais usadas em contextos específicos, especialmente em linguagens de especialidade.

Kobashi e Francelin (2011) aprofundam a análise da complexidade dos conceitos no contexto da Organização do Conhecimento, propondo que os conceitos podem ser abordados de diversas formas. Por exemplo, definem um “conceito

isolado” como aquele que “[...] pode ser considerado separadamente para fins de definição ou para ser colocado num sistema de classificação [...]”, enquanto um “conceito simples” é “[...] Aquele que se exprime através de uma palavra” (Kobashi; Francelin, 2011, p. 8). Em adição, as autoras destacam o desenvolvimento do entendimento acerca dos conceitos, afirmando, com base em Gardner (2003, p. 360), que a visão clássica foi “[...] substituída por uma visão natural dos conceitos.” (Kobashi; Francelin, 2011, p. 6), indicando uma mudança na forma como os conceitos são percebidos e interpretados dentro de diferentes contextos.

Além disso, as pesquisadoras enfatizam que fatores cognitivos, sociais e históricos influenciam a criação dos conceitos. Elas sugerem que “[...] todo tipo de conhecimento é uma tentativa de entender objetos e fenômenos naturais e humanos [...]” (Kobashi; Francelin, 2011, p. 18). Essa perspectiva revela que a formação de conceitos está intimamente ligada a diversas experiências e contextos, não se limitando a um processo isolado. Dessa forma, as reflexões propostas por Kobashi e Francelin (2011) contribuem para um entendimento mais contextualizado e interligado dos conceitos na Organização do Conhecimento.

Ainda no âmbito da Organização do Conhecimento, especificamente no campo da linguagem documentária, Campos (2001) enriquece a discussão ao explorar os conceitos na Ciência da Informação, ressaltando sua relevância na construção de instrumentos como tesouros e esquemas classificatórios. Segundo a autora, tais instrumentos podem ser organizados em forma alfabética ou sistemática, sendo esta última responsável por evidenciar as relações entre conceitos, o que favorece a compreensão e a comunicação com as bases de dados. Para serem manipulados, os conceitos necessitam de símbolos linguísticos, denominados termos de recuperação. Desse modo, conceitos e termos constituem a base tanto dos esquemas de classificação quanto dos tesouros. De forma análoga, as terminologias científicas também operam com conceitos e termos, todos inseridos no espaço de produção do conhecimento.

Hjørland (2007) dedica uma atenção significativa aos conceitos, posicionando-os como elementos-chave na interseção entre Semântica, Organização do Conhecimento e recuperação de informação. Especificamente, ele afirma que “um conceito expressa um significado” (“*one concept expresses one meaning*”), e que, em ferramentas como tesouros, cada conceito é representado por um termo preferido (descriptor) para padronizar a terminologia e facilitar a indexação

e a busca. Além disso, conceitos são o significado por trás das palavras, formando a base para relações semânticas em Sistemas de Organização do Conhecimento, como hierarquias ou associações entre termos. Como aponta o autor, “[...] A diferença entre “uma palavra” e “um conceito” é que diferentes palavras podem ter o mesmo significado e palavras semelhantes podem ter significados diferentes, enquanto um conceito expressa um único significado (Hjørland, 2007, p. 1, *tradução nossa*). Para exemplificar, Hjørland (2007) menciona que a palavra “*letter*” pode se referir a uma “carta” (correspondência) ou a uma “letra” (do alfabeto), e tesouros resolvem isso com qualificadores parentéticos (entre parênteses), como em “*Letters (Alphabet)*” e “*Letters (Correspondence)*”.

Essa ambiguidade semântica, no entanto, não é apenas um desafio técnico da Organização do Conhecimento, mas reflete um campo teórico mais amplo e fragmentado. Conforme Hjørland (2007, p. 3, *tradução nossa*):

Considerando que os conceitos são o significado por trás das palavras e que a semântica é o estudo do significado, o estudo de conceitos, significados e semântica deveria constituir um único campo interdisciplinar. Hoje, no entanto, esse campo é bastante fragmentado e complexo, abrangendo, entre outras áreas, a filosofia, a linguística, a psicologia e a ciência cognitiva, a sociologia, a ciência da computação e a ciência da informação. Além da dispersão disciplinar da pesquisa em semântica, o campo baseia-se em diferentes pressupostos epistemológicos com raízes que remontam a centenas de anos na história da filosofia. Ademais, o campo parece teoricamente confuso (Hjørland, 2007, p. 3, *tradução nossa*).

Essa fragmentação reforça a necessidade de abordagens que integrem conhecimento linguístico, histórico e de domínio, como defendido pelo próprio autor. Nesse sentido, Hjørland (2007) enfatiza que conceitos avançados exigem conhecimento especializado para definição e administração. As relações semânticas entre conceitos requerem “conhecimento do mundo” (*world knowledge*), e não apenas linguístico. Por exemplo, determinar se “Copenhague” é parte de “Dinamarca” exige geografia, indexadores do Medline precisam de graduação em ciências biomédicas.

O conhecimento de domínio não é apenas uma questão para a ciência da informação, mas também para a linguística e diversas metaciências (como a ciência cognitiva e a sociologia da ciência). Grande parte das teorias cognitivas e linguísticas sobre conceitos, significado e semântica é fortemente limitada por tentativas de evitar

o “conhecimento de mundo” (Hjørland, 2007, p. 8, *tradução nossa*).

Hjørland (2007) discute relações semânticas como ligações entre conceitos significados e sentido (Hjørland, 2007, p. 19, *tradução nossa*). Essa perspectiva ganha especial relevância nas humanidades, onde os conceitos estão profundamente entrelaçados com visões de mundo e contextos históricos. O autor argumenta que os buscadores de informação necessitam de mapas semânticos que os orientem no mundo em que vivem e atuam. Isso é particularmente evidente nas ciências humanas, em que os conceitos são historicamente situados e carregados de significados culturais. Um exemplo disso é o conceito alemão de *Begriffsgeschichte* (história conceitual), que ilustra como historiadores e pesquisadores das humanidades reconhecem a necessidade de compreender o significado dos termos conforme o período histórico em que foram utilizados (Hjørland, 2007, p. 21, *tradução nossa*).

Em resumo, para Hjørland (2007), os conceitos são pragmáticos e específicos de domínio. Sua abordagem promove a Organização do Conhecimento como uma ciência interdisciplinar, que integra filosofia, linguística e conhecimento especializado, com o objetivo de desenvolver ferramentas que reflitam o mundo real e atendam às necessidades humanas.

Em complemento, Dahlberg (1978) desenvolveu a Teoria do Conceito e aborda a definição e a estrutura dos conceitos, destacando a interação entre linguagem e conhecimento. A autora argumenta que a formação dos conceitos é a “[...] reunião e compilação de enunciados verdadeiros a respeito de determinado objeto [...]” (Dahlberg, 1978, p. 102) e que, para fixar o resultado dessa compilação, é necessário um instrumento, que se constitui na palavra ou em qualquer signo que possa “[...] traduzir e fixar essa compilação” (Dahlberg, 1978, p. 102). Essa perspectiva sugere que o conceito é, em essência, uma síntese das informações sistematizadas de um objeto ou fenômeno.

Ademais, a autora diferencia entre a “intensão” e a “extensão” de um conceito (Dahlberg, 1978, p. 105). A intensão é caracterizada como a “[...] soma total de características [...]” (Dahlberg, 1978, p. 105) que definem o que um conceito é, enquanto a extensão representa a “[...] soma total dos conceitos mais específicos que possui [...]”. (Dahlberg, 1978, p. 105). Ela explica que a extensão pode ser compreendida em dois níveis: a extensão de um conceito genérico e a extensão dos

possíveis conceitos individuais (Dahlberg, 1978, p. 105). Essa distinção permite compreender como os conceitos operam em diferentes níveis de abstração, desde definições genéricas até instâncias específicas, sendo aplicáveis tanto na linguagem comum quanto na científica.

Complementando essa visão, Barros (2016) reforça a relevância dos conceitos como ferramentas essenciais para a produção do conhecimento nas ciências humanas, destacando que “[...] o conceito não é uma desprezível palavra comum, e que tampouco é apenas uma ‘unidade de comunicação [...]’” (Barros, 2016, p. 35). Para Barros (2016), os conceitos possuem funções específicas, como generalizar, comparar e articular fenômenos, sendo indispensáveis para estruturar o saber científico.

Além disso, Barros (2016) também aborda a distinção entre intensão e extensão, explicando que “[...] todo conceito possui duas dimensões a serem consideradas: a ‘extensão’ e a ‘compreensão’ (às vezes também chamada de ‘intensão’) [...]” (Barros, 2016, p. 72). A compreensão, segundo Barros (2016), refere-se ao conjunto de características que definem o conceito, enquanto a extensão corresponde ao conjunto de casos ou objetos aos quais o conceito se aplica. Ele exemplifica:

Qualquer alteração na compreensão de um conceito repercute imediatamente na extensão do mesmo. Ou seja, se modifico a delimitação do conceito – isto é, se à compreensão do conceito acrescento esse aspecto e não outro – isso possibilita que certos casos ou objetos, e não outros, caibam no conceito proposto (Barros, 2016, p. 72).

Essa relação entre compreensão e extensão, conforme discutida por Barros (2016) dialoga diretamente com a Teoria do Conceito de Dahlberg (1978), que também enfatiza a importância dessas duas dimensões.

Paralelamente, na História, Koselleck (2006), por meio de sua abordagem da *Begriffsgeschichte* (história dos conceitos), oferece uma perspectiva que enfatiza a historicidade e a performatividade dos conceitos no campo das ciências humanas. A partir dessa abordagem, o autor analisa como conceitos históricos, como o de “cidadão” (*Staatsbürger*) estruturam as relações sociais e políticas. Ele destaca que:

Um conceito não é somente o indicador dos conteúdos compreendidos por ele, é também seu fator. Um conceito abre determinados horizontes, ao mesmo tempo que atua como limitador das experiências possíveis e das teorias. Por isso a história dos conceitos é capaz de investigar determinados conteúdos não apreensíveis a partir da análise empírica. A linguagem conceitual é, em si, um meio consistente para problematizar a capacidade da experiência e dimensão teórica (Koselleck, 2006, p. 109).

Koselleck (2006, p. 108) destaca ainda a polissemia dos conceitos:

A transformação de uma palavra em conceito pode, também, ter um caráter homogeneizante, conforme seu uso na língua examinada. Isso se deve, primeiramente, à ocorrência de polissemia, da qual compartilham tanto as palavras quanto os conceitos — quando entendidos “apenas” como palavras. Reside aí também sua qualidade histórica comum.

Ainda nesse sentido, o autor complementa:

[...] Contudo, pode-se entender a polissemia de maneira diferente, dependendo da possibilidade de se compreender ou não uma palavra como conceito. Ainda que os significados abstratos e concretos estejam associados a seus significantes (as palavras), eles se nutrem também do conteúdo suposto, do contexto falado ou escrito e da situação social. Isso vale inicialmente para ambos, palavras e conceitos. O sentido de uma palavra pode ser determinado pelo seu uso. Um conceito, ao contrário, para poder ser um conceito, deve manter-se polissêmico. Embora o conceito também esteja associado à palavra, ele é mais do que uma palavra: uma palavra se torna um conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e para as quais essa palavra é usada, se agrega a ela (Koselleck, 2006, p. 109).

Por sua vez, Barros (2016) complementa essa perspectiva ao enfatizar a historicidade e a polissemia dos conceitos nas ciências humanas, destacando que “Os conceitos transformam a própria história; não são apenas um produto dela.” (Barros, 2016, p. 63). Assim, para Barros (2016), os conceitos são agentes históricos ativos, capazes de estruturar modos de compreensão e influenciar ações sociais.

Tal ocorre por uma razão. Os conceitos elaborados no âmbito das ciências humanas apresentam um nível bastante elevado de polissemia possível. A polissemia – ou a possibilidade de uma palavra ou conceito apresentar uma certa variedade de sentidos bem aceitos – é de modo geral uma característica dos conceitos em todas as áreas. Nos campos de saber ligados às ciências humanas, todavia, a polissemia é ainda maior (Barros, 2016, p. 55).

Em síntese, os conceitos são construções mentais complexas que transcendem simples palavras, assumindo funções na produção e comunicação do conhecimento. A partir das contribuições de Lara (2004), Kobashi e Francelin (2011), Campos (2001), Dahlberg (1978), Koselleck (2006), Hjørland (2007) e Barros (2016), percebe-se que os conceitos são influenciados por fatores históricos, sociais e cognitivos, e caracterizados por uma relação intrínseca entre intensão (o conjunto de características que os definem) e extensão (os casos ou objetos que abrangem). Essa dualidade, somada à polissemia e à historicidade, permite que os conceitos sejam flexíveis e adaptáveis, com especial relevância na organização do saber, sobretudo nas ciências humanas, onde sua capacidade de estruturar e transformar a realidade histórica é particularmente evidente. Assim, os conceitos refletem a realidade em constante diálogo com ela, estabelecendo pontes entre o pensamento humano e o mundo que ele busca compreender.

3.1 MÉTODO HISTÓRIA DOS CONCEITOS DE KOSELLECK (2006)

Diante da relevância dos conceitos na estruturação e transformação da realidade histórica, torna-se necessário aprofundar a reflexão acerca do método da história dos conceitos desenvolvido por Reinhart Koselleck (2006). Já mencionado na discussão inicial, esse referencial metodológico será tomado como eixo central da presente investigação, uma vez que oferece instrumentos teóricos para compreender a historicidade, a performatividade e a dimensão crítica dos conceitos.

O método conceitual desenvolvido por Reinhart Koselleck (2006), conhecido como história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*), constitui uma abordagem historiográfica voltada à compreensão das transformações de sentido que os conceitos sofrem ao longo do tempo, revelando, com isso, mudanças nas estruturas históricas, sociais e políticas. Tal como formulada por Koselleck (2006), admite-se que é um campo que busca compreender como determinados conceitos se transformam ao longo do tempo e como participam da construção das experiências históricas.

Nesse sentido,

[...] a história dos conceitos é, em primeiro lugar, um método especializado da crítica de fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que analisa

com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social ou político. É evidente que uma análise histórica dos respectivos conceitos deve remeter não só à história da língua, mas também a dados da história social, pois toda semântica se relaciona a conteúdos que ultrapassam a dimensão linguística (Koselleck, 2006, p. 103).

Essa abordagem é corroborada por Rabello (2008) que observa que Koselleck (2006) propôs uma história dos conceitos que abarca as experiências históricas e as ações humanas representadas nos próprios conceitos. De modo geral trata-se de um método atento às noções políticas e sociais essenciais expressas nos documentos da época estudada, reforçando seu caráter de crítica especializada das fontes. Além disso, o autor supracitado complementa que:

O escopo de investigação de Koselleck (2006) reside nas questões relativas à semântica política dos conceitos, ou seja, no estudo dos momentos de duração, alteração e futuridade que uma situação política concreta se expressa linguisticamente (Rabello, 2008, p. 29).

Nesse mesmo sentido, Rabello (2008, p. 28) enfatiza que:

Koselleck objetivou apreender, mediante o intercruzamento das categorias representativas de passado e futuro (plano categórico-abstrato), o movimento da ação política e social ao longo da história (no plano empírico), a partir da investigação sobre a maneira como os homens combinaram concretamente o seu presente à luz da dimensão de sua experiência passada com as expectativas de futuro (Rabello, 2008, p. 28).

Essa formulação reforça, portanto, a compreensão de que, na perspectiva koselleckiana, a história dos conceitos não se limita à análise linguística, mas procura apreender a historicidade das experiências humanas e o modo como estas se projetam temporalmente. Conforme interpretação de Rabello (2008), o método combina duas dimensões analíticas complementares. A primeira, de caráter categórico-abstrato, possui orientação filosófica e está voltada à reflexão dos aspectos ontológicos e hermenêuticos dos conceitos, ou seja, trata-se de uma abordagem do “ser” e o sentido histórico da experiência humana. A segunda, de natureza analítica e causal, apresenta enfoque científico e dedica-se à análise histórica e empírica dos conceitos, ou seja, considera tanto sua diacronia, as transformações ao longo do tempo, quanto sua sincronia, os diferentes usos em um

mesmo momento histórico.

Contudo, para delimitar o escopo desse estudo, é fundamental notar que, para Koselleck (2006), não se trata de estudar palavras em si, mas de investigar conceitos cuja elaboração envolve um grau elevado de abstração e reflexão. Ele afirma ser “[...] preciso estabelecer a distinção entre conceito e palavra [...]” (Koselleck, 1992, p. 135), destacando que apenas certos termos possuem densidade teórica suficiente para justificar exame histórico, pois são “[...] conceitos para cuja formulação seria necessário um certo nível de teorização e cujo entendimento é também reflexivo [...]” (Koselleck, 1992, p. 135).

A distinção entre palavra e conceito, portanto, é central para a abordagem koselleckiana. Embora os conceitos estejam vinculados a expressões linguísticas, seu alcance ultrapassa o nível lexical, exigindo uma análise que considere os contextos históricos e sociais em que são formulados e utilizados. Como afirma o autor, “[...] Todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito social e político. Conceitos sociais e políticos contêm uma exigência concreta de generalização, ao mesmo tempo em que são sempre polissêmicos (Koselleck, 2006, p. 108).

Entende-se, portanto, que essa característica de múltiplos sentidos não é um obstáculo à análise conceitual, mas sim uma condição que revela sua densidade teórica e sua capacidade de condensar experiências históricas diversas. A transformação de uma palavra em conceito, nesse sentido, não ocorre de forma automática, mas depende da incorporação de elementos que lhe conferem complexidade e profundidade.

Embora o conceito também esteja associado à palavra, ele é mais do que uma palavra: uma palavra se torna um conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e para as quais essa palavra é usada, se agrega a ela (Koselleck, 2006, p. 109).

Dessa forma, sugere-se que o conceito emerge como uma unidade de sentido que articula linguagem, experiência e teoria, sendo capaz de expressar conteúdos e as condições históricas que os tornam significativos. Ou seja, uma palavra torna-se conceito quando é capaz de generalizar e abarcar a totalidade das experiências vividas. Isso não significa, em nenhum momento, que o conceito seja fixo. Ao contrário, o que se discute é justamente sua natureza polissêmica, ou seja, o

conceito pode reunir diferentes sentidos que se modificam ao longo do tempo. Além disso, é possível que conceitos distintos se refiram a uma mesma realidade, dependendo do contexto em que são empregados.

Para compreender essas variações, considera-se necessário realizar dois tipos de análise: a diacrônica, que investiga as mudanças de sentido de um conceito ao longo do tempo; e a sincrônica, que examina os diferentes usos de um conceito em um determinado momento histórico. A articulação entre essas duas abordagens permite identificar as transformações conceituais e entender como os sentidos se reorganizam em função das experiências históricas e sociais. Essa articulação é necessária porque, como observa o autor:

Não é necessário que a permanência e a alteração dos significados das palavras correspondam à permanência e alteração das estruturas por elas designadas. O método da história dos conceitos é uma condição *sine qua non* para as questões da história social exatamente porque os termos que mantiveram significado estável não são, por si mesmos, um indício suficiente da manutenção do mesmo estado de coisas do ponto de vista da história dos fatos; por outro lado, fatos cuja alteração se dá lentamente, a longo prazo, podem ser compreendidos por meio de expressões bastante variadas (Koselleck, 2006, p. 114).

Assim, a história dos conceitos busca compreender como as experiências passadas se prolongam no tempo e como certas teorias mantêm sua influência, alternando entre análises que observam os diferentes sentidos de um conceito em um mesmo momento histórico (sincronia) e aquelas que investigam suas transformações ao longo do tempo (diacronia). Esse procedimento, portanto, possibilita reconhecer situações em que “[...] disjunções entre antigos significados lexicais [...]” revelam fatos ou circunstâncias já inexistentes, assim como a emergência de novos sentidos associados a uma mesma palavra (Koselleck, 2006, p. 115). Desse modo, a história dos conceitos evidencia que mudanças semânticas e mudanças estruturais não seguem o mesmo ritmo, embora se influenciem mutuamente.

Na proposta de Koselleck (2006), a conexão entre sincronia e diacronia ajuda a esclarecer como os conceitos se formam e se transformam. Cada ato de linguagem é único e irrepetível, pois “[...] o uso pragmático da língua é sempre único [...]” (Koselleck, 1992, p. 139). No entanto, ele só é compreensível porque se fundamenta em uma semântica de longa duração, que se transforma lentamente.

Essa permanência estrutural é explicitada por Koselleck (1992) ao afirmar que a semântica é composta por “[...] estruturas linguísticas que se repetem e cuja repetição é necessária para que o conteúdo seja compreensível, ainda que seja uma única vez [...]” (Koselleck, 1992, p. 141). Essa tensão entre unicidade do uso e durabilidade semântica que permite reconstruções históricas, uma vez que ele sintetiza, “[...] Toda sincronia contém sempre uma diacronia presente na semântica, indicando temporalidades diversas que não posso alterar.” (Koselleck, 1992, p. 141).

A história dos conceitos põe em evidência, portanto, a estratificação dos significados de um mesmo conceito em épocas diferentes. Com isso, ela ultrapassa a alternativa estreita entre diacronia ou sincronia, passando a remeter à possibilidade de simultaneidade da não-simultaneidade que pode estar contida em um conceito. [...] A profundidade histórica de um conceito, que não é idêntica à sequência cronológica de seus significados, ganha com isso uma exigência sistemática, a qual toda investigação de cunho social e histórico deve ter em conta (Koselleck, 2006, p. 115).

A história dos conceitos também mantém relação intrínseca com a história social, embora não se reduza a ela. Como observa Koselleck (2006), as duas esferas se articulam porque “[...] as análises metodológicas mostram que a relação da história dos conceitos e da história social é mais complexa do que a simples possibilidade de redução de uma disciplina à outra.” (Koselleck, 2006, p. 98-99). Isso ocorre porque sociedade e conceitos formam um par interdependente. “[...] Uma ‘sociedade’ e seus ‘conceitos’ encontram-se em uma relação de polarização” que caracteriza também as disciplinas históricas a eles associados (Koselleck, 2006, p. 98). Por essa razão, a história social não pode se desvincular da história dos conceitos, já que ambas se iluminam mutuamente, pois, como afirma o autor, a história social depende das “[...] implicações histórico-críticas da história dos conceitos” para compreender processos estruturais (Koselleck, 2006, p. 99).

A incorporação das metacategorias formuladas por Koselleck (2006) denominadas espaço de experiência e horizonte de expectativa, permite ampliar o enquadramento teórico deste trabalho, situando-o no campo das estruturas temporais formais que orientam a historicidade dos conceitos. Essas categorias atuam em um nível meta-histórico, pois, como afirma o autor, sua função não é explicar histórias concretas, mas “[...] delinear e estabelecer as condições das histórias possíveis, não as histórias mesmas. [...]” (Koselleck, 2006, p. 306).

Em outras palavras: todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem. Com isso, porém, ainda nada dissemos sobre uma história concreta — passada, presente ou futura (Koselleck, 2006, p. 306).

Portanto, nesse sentido, essas metacategorias retomam diretamente a concepção de Koselleck a respeito da estrutura temporal interna dos conceitos, segundo a qual estes articulam conteúdos experienciais acumulados e expectativas inovadoras, possuindo valências temporais diferenciáveis (Koselleck, 2006).

Conforme Koselleck (2006, p. 117):

Por isso, todos os conceitos apresentam uma estrutura temporal interna. Dependendo da quantidade de conteúdos experienciais que nele se acumulam e da quantidade de expectativas inovadoras que para ele confluem, um conceito possui valências temporais diferenciáveis. Existem tanto conceitos retrospectivos que armazenam experiências antigas e são avessos a reinterpretções, quanto conceitos prospectivos, antecipações que invocam um futuro novo ou diferente. Falando terminologicamente, existem conceitos de experiência, de expectativa, de movimento, de futuro, entre outros (Koselleck, 2006, p. 117).

Essa formulação evidencia consequentemente que os conceitos descrevem realidades e participam da produção de novas interpretações históricas. Assim, a análise conceitual permite compreender como determinadas noções se transformam, estabilizam ou adquirem novos sentidos, revelando mudanças sociais e políticas.

Em seu delineamento antropológico, Koselleck (2006) define que “[...] a experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. [...]”, acrescentando que nela “[...] se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento [...]” (Koselleck, 2006, p. 309). Essa dimensão reúne estratos temporais heterogêneos que coexistem simultaneamente, uma vez que, como afirma o autor, “[...] toda experiência salta por cima dos tempos, ela não cria continuidade no sentido de uma elaboração aditiva do passado.” (Koselleck, 2006, p. 311).

A expectativa, por sua vez, constitui a dimensão voltada ao futuro e opera como orientação para o que está por vir. Koselleck (2006) descreve-a como “[...] futuro presente, voltado para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto [...]”, abrangendo esperança, medo, vontade e cálculo racional (Koselleck,

2006, p. 307). A metáfora mais adequada, segundo o autor, é a do horizonte, entendido como “[...] a linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado.” (Koselleck, 2006, p. 311). Deste modo, expectativa e experiência formam uma relação mútua, na qual uma depende da outra, conforme afirma Koselleck (2006, p. 307) “[...] não se pode ter um sem o outro: não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”.

Assim, a tensão entre ambas é o que funda o tempo histórico. Koselleck (2006) observa que “[...] a tensão entre experiência e expectativa [...] suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico.” (Koselleck, 2006, p. 313). Tal relação, entretanto, não é estática: trata-se de um vínculo que se transforma ao longo da história, especialmente na modernidade. O autor demonstra que, com o advento da modernidade, “[...] o espaço de experiência deixou de estar limitado pelo horizonte de expectativa. Os limites de um e de outro se separaram.” (Koselleck, 2006, p. 318). Esse movimento está ligado ao surgimento de um futuro concebido como distinto do passado, pois, como formula Kant, citado por Koselleck (2006, p. 319), “[...] pela experiência não se pode solucionar imediatamente a tarefa do progresso”. Assim, expectativas passam a se orientar para possibilidades inéditas e não deduzíveis da experiência acumulada.

Essa diferenciação crescente caracteriza a modernidade como um tempo novo, pois:

na era moderna a diferença entre experiência e expectativa aumenta progressivamente, ou melhor, só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir do momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então (Koselleck, 2006, p. 314).

A partir desse enquadramento, espaço de experiência e horizonte de expectativa funcionam como metacategorias que evidenciam a amplitude e a complexidade da temporalidade histórica, sem se vincularem a conteúdos específicos. Como afirma o autor, são categorias que “[...] indicam a condição humana universal; ou, se assim o quisermos, remetem a um dado antropológico prévio, sem o qual a história não seria possível, ou não poderia sequer ser imaginada.” (Koselleck, 2006, p. 308). Sua pertinência reside precisamente em oferecer uma moldura conceitual capaz de sustentar análises de como conceitos se

transformam ao longo do tempo, de modo que as tensões entre passado acumulado e futuro projetado possam ser reconhecidas como constitutivas tanto da prática histórica quanto do próprio conhecimento histórico.

A perspectiva apresentada por Koselleck (2006) encontra ressonância na interpretação de Rabello (2010), que destaca a relevância dessas categorias para a análise epistemológica no campo da Ciência da Informação. O autor observa que a história dos conceitos “[...] não se limita a uma propedêutica no âmbito de uma epistemologia positivista [...]” (Rabello, 2010, p. 40), mas constitui uma abordagem capaz de articular diferentes dimensões do processo histórico-conceitual. Nesse sentido, Rabello (2010) sublinha que essa abordagem “[...] permite investigar o emprego das noções políticas e sociais expressas nos documentos da época estudada” (Rabello, 2010, p. 38), ressaltando seu potencial para revelar tensões, permanências e mutações de sentido.

Em sua análise, Rabello (2010) enfatiza a centralidade das metacategorias koselleckianas ao afirmar que Koselleck (2006):

[...] toma o estudo linguístico como “pano de fundo” para explicar a dimensão da ação social expressa nos conceitos. O interesse do autor não é puramente “histórico-linguístico” tendo em vista que não busca apenas os significados históricos dos termos. O autor intentou transcender a perspectiva histórico linguística ao se debruçar sobre a compreensão da experiência humana expressa na linguagem (Rabello, 2010, p. 41).

Essa observação reforça que espaço de experiência e horizonte de expectativa não operam como descritores de conteúdos específicos, mas como ferramentas que possibilitam compreender como as experiências acumuladas e as projeções de futuro se articulam nas formulações conceituais. Ao refletir acerca dessa dinâmica, o autor acima mencionado argumenta que “[...] a *história dos conceitos* congrega a dimensão *categórico-abstrata*, num plano filosófico, à dimensão *analítico-causal*, num plano científico [...]” (Rabello, 2010, p. 38), articulando o plano especulativo e o plano histórico de modo a permitir uma leitura ampliada dos processos de significação.

A leitura de Rabello (2010) complementa o quadro teórico proposto por Koselleck (2006) ao demonstrar que as metacategorias constituem instrumentos que sustentam uma reflexão acerca do tempo histórico e possibilitam compreender como

os conceitos especialmente os de relevância teórica, emergem, se estabilizam, se transformam ou acumulam camadas de sentido no interior das práticas científicas. Nesse alinhamento, seu argumento reforça que tais categorias funcionam como uma chave metodológica capaz de iluminar a complexidade das formações conceituais no campo científico.

4 PROCEDIMENTOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a construção do *corpus* de análise, foi considerado, como universo de investigação, o conjunto de artigos científicos relacionados ao conceito de marcas de proveniência no campo da Ciência da Informação. A coleta dos dados ocorreu por meio de levantamento bibliográfico, orientado por critérios previamente definidos com o objetivo de garantir coerência metodológica e aderência aos objetivos da pesquisa. As bases de dados especializadas foram selecionadas em função de sua relevância e abrangência para a área, a saber: a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), o Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr) e a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brasil).

A busca foi realizada a partir dos descritores “marcas de proveniência”, “*provenance marks*”, “*provenance mark*” e “*ex-libris*”, utilizados de forma isolada e sem delimitação temporal, de modo a contemplar diferentes períodos da produção científica relacionadas à temática. Foram considerados para compor o *corpus* apenas artigos científicos que apresentassem relação direta com o objeto de estudo e pertinência conceitual em relação aos objetivos da pesquisa.

Foram excluídos outros tipos documentais, bem como publicações duplicadas, trabalhos que não se relacionavam ao escopo da investigação e artigos cujo texto completo não estivesse disponível para acesso. A indisponibilidade do conteúdo integral foi considerada um fator impeditivo, uma vez que compromete a análise conceitual e interpretativa proposta. O conjunto de artigos selecionados constituiu o *corpus* submetido à análise segundo o percurso metodológico da história dos conceitos de Reinhart Koselleck (1992; 2006).

Mediante os procedimentos delineados, realizou-se a sistematização dos dados para embasar o estudo. As estratégias de busca adotadas e o quantitativo inicial de resultados podem ser visualizados no Quadro 06.

Quadro 06 – Estratégias de busca e resultados iniciais

BASE	DESCRIPTOR	RESULTADO
BRAPCI	marcas de proveniência	44
BRAPCI	<i>provenance mark</i>	1
BRAPCI	<i>provenance marks</i>	6
BRAPCI	<i>Ex-libris</i>	30
SciELO Brasil	marcas de proveniência	2
SciELO Brasil	<i>provenance mark</i>	1
SciELO Brasil	<i>provenance marks</i>	2

Scielo Brasil	<i>Ex-libris</i>	1
OASISBR	marcas de proveniência	9
OASISBR	<i>provenance mark</i>	0
OASISBR	<i>provenance marks</i>	5
OASISBR	<i>Ex-libris</i>	14
TOTAL: 115 resultados		

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Como pode ser visualizado no Quadro 06, foram recuperados 115 registros ao todo, com notável concentração de resultados na base BRAPCI (81 itens), seguida pela Oasisbr (28 itens) e, por fim pela Scielo Brasil (6 itens). No que tange aos descritores, a recuperação se deu majoritariamente pelos termos 'marcas de proveniência' (55 ocorrências) e '*Ex-libris*' (45 ocorrências), que juntos somaram 100 documentos do *corpus* inicial.

A partir dos registros inicialmente recuperados, procedeu-se o refinamento do *corpus*. Em consonância com os critérios metodológicos estabelecidos, foram excluídas as publicações duplicadas, as tipologias documentais distintas de artigos científicos, os trabalhos sem pertinência temática e aqueles cujo texto completo encontrava-se indisponível. O Quadro 07 detalha o processo de aplicação desses filtros.

Quadro 07 – Artigos para analisar depois do refinamento

BASE	DESCRIPTOR	RESULTADO
BRAPCI	marcas de proveniência	43
BRAPCI	<i>provenance mark</i>	0
BRAPCI	<i>provenance marks</i>	4
BRAPCI	<i>Ex-libris</i>	10
Scielo Brasil	marcas de proveniência	0
Scielo Brasil	<i>provenance mark</i>	0
Scielo Brasil	<i>provenance marks</i>	0
Scielo Brasil	<i>Ex-libris</i>	0
OASISBR	marcas de proveniência	1
OASISBR	<i>provenance mark</i>	0
OASISBR	<i>provenance marks</i>	1
OASISBR	<i>Ex-libris</i>	4
TOTAL: 63 resultados		

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Com a finalização das etapas de filtragem descritas no Quadro 07, obteve-se uma amostra final composta por 63 artigos. O Quadro 08 apresenta os resultados do processo de refinamento, indicando o número de publicações excluídas em função dos critérios estabelecidos. Para fins de consulta detalhada, a listagem integral dos

trabalhos selecionados encontra-se disponível no Apêndice A.

Quadro 08 – Resultado após o refinamento de Dados

Resultado	
Parâmetros de refinamento	Quantidade de publicações
Artigos repetidos	46
Artigos sem acesso	2
Artigos fora do tema	4
Total de exclusões: 52	

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Desse modo, a etapa de coleta de dados resultou na constituição de um conjunto inicial de documentos recuperados a partir dos critérios e estratégias de busca previamente definidos, sistematizados no Quadro 06. O processo de refinamento, detalhado nos Quadros 07 e 08, assegurou a amplitude e a rastreabilidade do levantamento bibliográfico, bem como a transparência do procedimento metodológico adotado. A partir desse conjunto preliminar, deu-se início à etapa subsequente da pesquisa, dedicada à avaliação criteriosa e à seleção dos artigos, tendo como critério norteador a presença da definição do conceito de marcas de proveniência.

4.1 PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Concluída a etapa de levantamento e seleção do *corpus* bibliográfico, procedeu-se à descrição dos procedimentos adotados para o tratamento e a análise dos dados. Esta fase da pesquisa destinou-se a sistematizar e interpretar as definições do conceito de marcas de proveniência identificadas na literatura, aplicando o percurso metodológico da história dos conceitos, conforme proposto por Koselleck (1992; 2006), de modo a evidenciar a historicidade do conceito, suas condições de polissemia e suas variações semânticas ao longo do tempo no âmbito da Ciência da Informação.

O *corpus* analítico foi constituído a partir dos artigos científicos que, além de abordarem a temática das marcas de proveniência, apresentaram a definição do conceito, condição considerada indispensável para o tipo de análise conceitual aqui

proposta. Dessa forma, embora o levantamento bibliográfico tenha identificado um conjunto mais amplo de publicações acerca do tema, apenas os artigos que formularam definições do conceito foram selecionados para a etapa analítica, conforme apresentado no Quadro 09.

Essa delimitação justifica-se pelo objetivo geral da pesquisa, que consiste em analisar, a partir da literatura, os fundamentos teóricos que sustentam os estudos acerca do conceito de marcas de proveniência e suas vertentes no âmbito da Ciência da Informação, articulando-os com o método da história dos conceitos proposto por Koselleck (1992; 2006). Nessa perspectiva, a investigação não se orienta ao mapeamento de usos empíricos ou aplicações técnicas do termo, mas à compreensão de como as diferentes abordagens teóricas que o definem se constituem, se articulam e se interconectam no campo. Assim, os artigos listados no Quadro 09 constituem o núcleo analítico do estudo e foram examinados individualmente, considerando tanto o conteúdo das definições apresentadas quanto os contextos teóricos e discursivos em que foram formuladas.

O tratamento dos dados envolveu, inicialmente, a leitura integral dos textos selecionados, com identificação e extração das passagens que explicitam ou fundamentam a definição de marcas de proveniência. Em seguida, essas definições foram organizadas de forma sistemática, permitindo a observação de recorrências, aproximações, deslocamentos semânticos e diferenças conceituais entre os autores.

A análise propriamente dita foi conduzida com base no percurso metodológico da história dos conceitos, que possibilita compreender os conceitos como construções históricas atravessadas por disputas de sentido, usos sociais e expectativas teóricas, em vez de concebê-los como unidades semânticas estáveis. Nessa perspectiva, buscou-se interpretar as definições à luz das dimensões sincrônica e diacrônica, bem como das relações entre espaço de experiência e horizonte de expectativa, conforme formuladas por Reinhart Koselleck (1992; 2006).

Desse modo, o procedimento analítico adotado almejou evidenciar como o conceito de marcas de proveniência é compreendido, delimitado e ressignificado na literatura da Ciência da Informação, contribuindo para a compreensão de seus fundamentos teóricos e para a discussão acerca de sua consolidação conceitual no campo. Nesse contexto, foram analisados 10 (dez) artigos e seus respectivos conceitos identificados, conforme listado a seguir:

Quadro 09 – Conceitos identificados no *corpus* de análise

Artigo	Definição
SILVA, R. C. As marcas de proveniência da coleção Celso Cunha: uma análise preliminar. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 858-882, dez. 2022.	As marcas de proveniência são elementos que permitem estabelecer o itinerário geográfico e intelectual das publicações. Identificar a quem pertenceu o livro, seus leitores, contextualizar no tempo e no espaço o seu proprietário (Silva, 2022, p. 872).
ARAÚJO, J. M. G. Carimbo, sim: o carimbo como um aliado da segurança em coleções especiais. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 566-581, dez. 2022.	Dessa forma, é possível compreender que marcas de proveniência são vestígios dos lugares por onde uma obra passou e/ou das pessoas a quem pertenceu, e são marcas extrínsecas – que não fazem parte da produção do item, sendo adicionadas no decorrer da vida do mesmo. Elas registram não apenas a origem do item, mas também a sua trajetória, servindo para assegurar o pertencimento do item à pessoa ou instituição que o marcou, ou o marcou por último (Araújo, 2022, p. 571). Marcas de propriedade entendidas como “[...] carimbo, etiqueta, selo branco ou outro distintivo, que identifica um documento como pertença de um determinado particular ou instituição. Marca de Posse. [...]” (Faria; Pericão, 2008, p. 806 <i>apud</i> Araújo, 2022, p. 570).
FERREIRA, F. A. Brasilidade, indigenismo e identidade visual: capas e folhas de guarda como marca de proveniência no Itamaraty (1920-1930). Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 341364, dez. 2022.	“As marcas de proveniência podem ser entendidas como diferentes tipos de elementos que denotem origem ou posse de um documento, seja arquivístico ou bibliográfico. Porém, eles são capazes de expressar as diferentes formas de uso pela qual tal documento passou, assim como sua trajetória e significado social (Pearson, 2019 <i>apud</i> Ferreira, 2022, p. 344)”.
BASTOS, A. W. B.; NUNES, J. V.; FILGUEIRAS, L. M.; LIMA, T. C. B. As dedicatórias manuscritas na coleção bibliográfica de Ciccillo Matarazzo: um estudo de caso biblioteca acervos especiais da Universidade de Fortaleza. Ponto de Acesso , Salvador, n. 16, n. 3, p. 440-466, dez. 2022.	“[...] marcas de proveniência são consideradas indícios que podem colaborar para a construção de uma narrativa histórica de determinado exemplar” (Azevedo; Loureiro, 2019 <i>apud</i> Bastos; Nunes; Figueiras; Lima, 2022, p. 444).
SANTOS, C. R.; TRAMONTINI, V. R. P.; ALBUQUERQUE, A. C. Caleidoscópio teórico: uma aproximação teórica acerca das marcas de proveniência no contexto da Organização do Conhecimento. <i>In</i> : ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024. Anais [...]. Vitória-ES: ANCIB, 2024.	“[...] as marcas de proveniência são elementos fundamentais para revelar o trajeto geográfico e intelectual das publicações, possibilitando a identificação de seus donos e leitores, e contextualizando-os temporal e espacialmente” (Silva, 2022 <i>apud</i> Santos; Tramontini; Albuquerque, 2024, p. 2). Araújo (2022, p. 571) declara que: “Dessa forma, é possível compreender que marcas de

	proveniência são vestígios dos lugares por onde uma obra passou e/ou das pessoas a quem pertenceu, e são marcas extrínsecas – que não fazem parte da produção do item, sendo adicionadas no decorrer da vida do mesmo. Elas registram não apenas a origem do item, mas também a sua trajetória, servindo para assegurar o pertencimento do item à pessoa ou instituição que o marcou, ou o marcou por último.” (<i>apud</i> Santos; Tramontini; Albuquerque, 2024, p. 5).
AZEVEDO, F. C.; LOUREIRO, M. L. de N. M. Afinal, os objetos falam? Reflexões sobre objetos, coleções e memória. <i>In</i> : ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019. Anais [...] . Florianópolis: UFSC, 2019.	“[...]. Essas marcas são indícios que podem colaborar para a construção de uma narrativa histórica de determinado exemplar. [...]” (Azevedo; Loureiro, 2019, p. 11).
SILVA, M. T.; OLIVEIRA, B. M. J. F. Arquivos a biblioteca privativa de Francisco Brendan: formação da coleção. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia , João Pessoa, v. 20, n. 4, p. 23-44, 2025.	“As marcas de proveniência são elementos que permitem estabelecer o itinerário geográfico e intelectual das publicações. Identificar a quem pertenceu o livro, seus leitores, contextualizar no tempo e no espaço o seu proprietário. Permite múltiplas possibilidades de pesquisa a partir da sua identificação e divulgação. Esse estudo aprofundado do acervo propicia a valoração do patrimônio bibliográfico da coleção além de dar maior segurança patrimonial em casos de furto ou roubo com descrição detalhada das marcas da coleção” (Silva, 2022, p. 872 <i>apud</i> Silva; Oliveira, 2025, p. 39).
DUARTE, F. L. S. Patrimônio musical bibliográfico na Seção de Obras Raras da Biblioteca Fran Paxeco do Grêmio Literário e Recreativo Português em Belém do Pará: um estudo acerca de memórias e identidades em uma coleção especial. Orfeu , Florianópolis, v. 5, n. 3, p. 444-577, dez. 2020.	“[...]. Essas marcas são indícios que podem colaborar para a construção de uma narrativa histórica de determinado exemplar. A base para a compreensão das marcas de proveniência bibliográfica assenta-se em David Pearson (1998; 2019), que é muito enfático sobre a necessidade um [sic] estudo sério das bibliotecas privadas, sua origem, formação e desenvolvimento, pois há muito a apreender destes resultados. Para ele, essas marcas não estão associadas apenas à origem ou ao proprietário, mas também a aspectos que evidenciam o uso do exemplar de um livro (Azevedo; Loureiro, 2019, p. 11 <i>apud</i> Duarte, 2020, p. 450).
CASTRO, E. V. Las marcas de procedencia en los libros de procesa sarmiento, como vestigios de la educación del siglo xix en Argentina y Chile. Palabra Clave , Argentina, v. 14, n. 1, e234, 2024.	“[...]. Em geral, esse tipo de sinais são indícios de posse, circulação, práticas de leitura ou uso do próprio documento e constituem elementos históricos agregados como possíveis evidências na história do exemplar” (Salomón Salazar; Paisano Rodríguez, 2019 <i>apud</i> Castro, 2024, p. 6, <i>tradução nossa</i>).
RUIZ CORONA, V. Marcas de propiedad en el Fondo Reservado de libros de la biblioteca	“As marcas de propriedade são 'evidências de posse, circulação, práticas de leitura ou usos

Gregorio Torres Quintero de la Universidad Pedagógica Nacional. Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información, México, v. 39, n. 103, p. 43-65, abr./jun. 2025.	do próprio documento (impresso ou manuscrito) que se inferem a partir de elementos históricos agregados a este [...]” (Salomón Salazar; Paisano Rodríguez, 2019, p. 10, <i>tradução nossa apud</i> Ruiz Corona, 2025, p. 45).
--	---

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

A partir das definições sistematizadas no Quadro 9, inicia-se o percurso metodológico da pesquisa. Essa etapa tem como finalidade explicitar os fundamentos teóricos e analíticos que orientam a investigação, considerando a história dos conceitos proposta por Koselleck (1992; 2006).

O movimento metodológico parte da distinção entre palavra e conceito, avança para a identificação dos processos de teorização e consolidação conceitual e, em seguida, contempla a análise de usos, contextos e transformações semânticas em Koselleck (1992; 2006). Dessa forma, o *corpus* selecionado é interpretado como expressão de disputas de sentido e de articulações históricas que configuram o conceito de marcas de proveniência no campo da Ciência da Informação.

Embora Koselleck (1992) não apresente um método rigidamente sistematizado, sua reflexão teórica possibilita traçar o percurso analítico aqui adotado. Desse modo, um primeiro aspecto a ser considerado diz respeito à distinção entre palavra e conceito. Nem toda palavra é passível de uma história conceitual, uma vez que apenas algumas demandam um nível de abstração e de reflexão teórica que as torne historicamente relevantes. Como afirma o autor, “[...] não é toda palavra existente em nosso léxico que pode se transformar num conceito e que, portanto, pode ter uma história” (Koselleck, 1992, p. 134). A história dos conceitos pressupõe, assim, a identificação daquelas palavras que comportam teorização.

À luz dessa distinção, o primeiro movimento analítico pode ser identificado na seleção criteriosa das palavras que comportam teorização. Tal seleção fundamenta-se no reconhecimento de que conceitos pressupõem um conteúdo reflexivo compartilhado, isto é, um “[...] mínimo de sentido comum, uma pré-aceitação de que se trata de palavras importantes e significativas” (Koselleck, 1992, p. 134). Assim, para o autor, o conceito, nessa perspectiva, não surge de forma imediata, mas resulta de um processo de abstração progressiva, no qual experiências históricas concretas passam a ser pensadas como totalidades dotadas de maior generalidade.

A partir desse entendimento, pode-se reconhecer o segundo momento analítico relacionado à identificação do processo histórico de teorização dos conceitos. Koselleck (1992) demonstra que os conceitos se constituem a partir da repetição de práticas e experiências que, retrospectivamente, tornam possível a abstração. No exemplo do conceito de *Bund* (Liga), por ele mesmo analisado, evidencia-se que, em um primeiro momento, recorria-se a formas verbais para descrever associações concretas, inexistindo ainda “[...] nenhuma expressão capaz de conter de forma sintetizada e abstrata uma teoria acerca da união política” (Koselleck, 1992, p. 135). A consolidação conceitual ocorre, portanto, quando se torna possível pensar uma unidade que ultrapassa os acordos particulares e específicos.

Em continuidade a esse percurso, outro eixo analítico relevante refere-se à análise do uso dos conceitos. Para Koselleck (1992), todo conceito deve ser compreendido simultaneamente como fator e indicador da realidade histórica. Como afirma o autor, “[...] todo conceito é sempre concomitantemente Fato (*Faktor*) e Indicador (*Indikator*)” (Koselleck, 1992, p. 135). Isso implica reconhecer que o conceito descreve a realidade e a torna pensável e operacional, influenciando práticas sociais, políticas e institucionais.

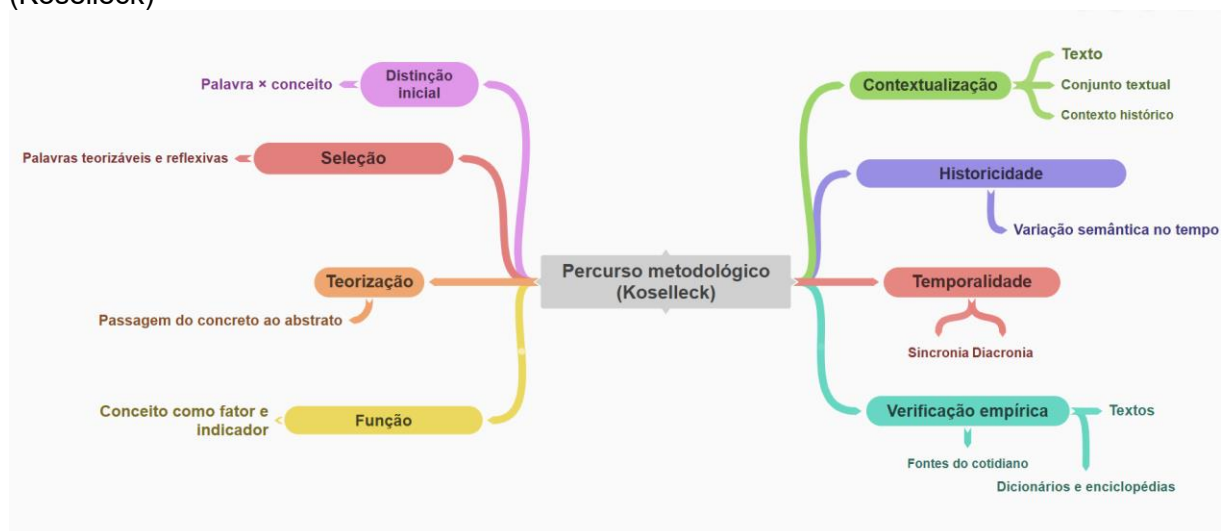
Associado a esse aspecto, a abordagem metodológica exige uma contextualização em diferentes níveis que vai além do uso isolado do termo. Todo conceito encontra-se inserido em uma rede de textos e contextos, uma vez que “[...] todo conceito está imbricado em um emaranhado de perguntas e respostas, textos/contextos” (Koselleck, 1992, p. 136). Metodologicamente, isso implica considerar diferentes escalas de análise, que vão do parágrafo ao texto em seu conjunto e, deste, ao contexto histórico mais amplo no qual o conceito é empregado.

Outro elemento desse percurso interpretativo é o reconhecimento da historicidade dos conceitos. Koselleck (1992) sustenta que cada conceito é formulado em uma situação histórica específica e, nesse sentido, apresenta um caráter específico. Todavia, essa singularidade não inviabiliza a escrita de sua história, pois, como observa o autor, “[...] a palavra pode permanecer a mesma, no entanto o conteúdo por ela designado altera-se substancialmente” (Koselleck, 1992, p. 138). Desse modo, a análise conceitual deve atentar para as transformações semânticas que ocorrem ao longo do tempo, mesmo quando há continuidade lexical.

Por fim, esse percurso metodológico pode ser compreendido como resultando na articulação entre sincronia e diacronia. Embora o uso pragmático de um conceito seja sempre situado e singular, ele mobiliza estruturas semânticas de longa duração. Koselleck (1992, p. 141) sintetiza essa relação ao afirmar que “[...] toda sincronia contém sempre uma diacronia presente na semântica [...]”. Assim, a história dos conceitos torna-se possível justamente porque cada uso específico atualiza significados transmitidos, ao mesmo tempo em que os transforma, articulando temporalidades distintas em um mesmo ato de linguagem.

Com base nessa compreensão, o percurso metodológico aqui delineado é apresentado de forma sintética no mapa mental e no quadro analítico a seguir, que não têm por finalidade estabelecer etapas rígidas, mas sim explicitar eixos de análise que orientam a investigação conceitual valendo-se da proposta de Reinhart Koselleck (1992).

Figura 17 – Mapa mental do percurso metodológico para a formulação de um conceito (Koselleck)



Fonte: Elaborada pela autora (2026).

O mapa mental apresentado sintetiza graficamente os principais eixos analíticos que compõem o percurso metodológico da história dos conceitos em Koselleck (1992). Sua função é explicitar, de modo articulado, os movimentos interpretativos envolvidos na análise conceitual, evidenciando as relações entre distinção terminológica, processos de teorização, usos históricos e transformações semânticas ao longo do tempo.

A fim de conferir maior clareza analítica e operacionalidade metodológica à investigação, esses eixos são desdobrados e organizados de forma sistemática no quadro 10. Tal sistematização não deve ser compreendida como uma sequência linear ou prescritiva de etapas, mas como um instrumento analítico que articula dimensões interdependentes do percurso conceitual, possibilitando apreender, de maneira integrada, os elementos que orientam a análise histórica dos conceitos segundo a proposta koselleckiana.

Quadro 10 – Sistematização analítica do percurso metodológico proposto a partir da história dos conceitos de Reinhart Koselleck

Etapas do percurso	Movimento conceitual	O que se analisa	Koselleck (1992)
1	Distinção inicial	Palavra × conceito	"[...] não é toda palavra existente em nosso léxico que pode se transformar num conceito [...]"
2	Seleção	Palavras teorizáveis e reflexivas	"[...] conceitos para cuja formulação seria necessário um certo nível de teorização e cujo entendimento é também reflexivo."
3	Teorização	Passagem do concreto ao abstrato	"Tornou-se possível [...] pensar numa unidade maior [...]"
4	Função do conceito	Conceito como fator e indicador	"[...] todo conceito é sempre concomitantemente Fato e Indicador."
5	Contextualização	Texto, conjunto textual e contexto histórico	"[...] todo conceito está imbricado em um emaranhado de perguntas e respostas, textos/contexto."
6	Historicidade	Variação semântica no tempo	"A palavra pode permanecer a mesma, no entanto o conteúdo [...] altera-se substancialmente."
7	Temporalidade	Relação sincronia/diacronia	"Toda sincronia contém sempre uma diacronia presente na semântica [...]"
8	Verificação empírica	Fontes e tipos de texto	"[...] as estruturas repetitivas [...] encontram-se diferentemente distribuídas."

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Desse modo, o percurso metodológico aqui sistematizado busca oferecer um referencial analítico para a investigação da constituição histórica dos conceitos, respeitando o caráter não normativo e aberto da história dos conceitos. Ao articular distinção conceitual, processos de abstração, usos históricos, contextualização textual e temporalidade semântica, esse percurso pode contribuir para a compreensão dos conceitos como construções historicamente situadas, cujos significados se transformam em função das experiências e expectativas que os atravessam. Tal abordagem fornece, portanto, possibilidades teórico-metodológicas para orientar a análise desenvolvida nesta pesquisa, sem reduzir a complexidade

histórica dos conceitos a esquemas rígidos ou definições estáticas.

Em continuidade ao percurso investigativo, a seção subsequente dedica-se à análise interpretativa das citações sistematizadas no Quadro 09, operacionalizando o percurso metodológico da história dos conceitos. Com o intuito de compreender as camadas de significado e as dinâmicas históricas que envolvem o objeto de estudo, o exame dos dados estruturou-se em três categorias analíticas distintas:

1) Palavras-chave: voltada à identificação das escolhas terminológicas recorrentes, dos indícios de estabilidade ou variação semântica e dos termos que organizam as definições (ex.: vestígios, indícios, posse, circulação, itinerário, pertencimento, uso).

2) Trajetória (histórico) / Propriedade: evidenciando as relações de posse, as dimensões temporais da circulação dos exemplares e os vínculos de pertencimento (individual ou institucional) que as marcas revelam.

3) Ambientes informacionais: situando os contextos institucionais e de custódia, representação e tratamento das marcas no âmbito da Ciência da Informação (ex.: catalogação, metadados, preservação de acervos).

Tal recorte justifica-se metodologicamente por abarcar, respectivamente: (1) a dimensão léxica e sincrônica (palavras-chave como indicadores de uso contemporâneo); (2) a dimensão diacrônica e social/política (trajetória e pertencimento como espaços de experiência acumulada e relações de poder); (3) a dimensão das expectativas institucionais (ambientes informacionais como horizonte de expectativa que se materializa em práticas atuais e projeta possibilidades futuras de consolidação e redefinição conceitual no campo).

A fim de conferir maior sistematicidade à operacionalização das categorias analíticas e evidenciar sua articulação com as dimensões temporais da história dos conceitos, apresenta-se, a seguir, o Quadro 11. Essa organização evidencia a correspondência entre os eixos analíticos adotados e as dimensões sincrônica e diacrônica, bem como sua vinculação ao horizonte de expectativa, conforme formulado por Koselleck (1992). Desse modo, o quadro demonstra como cada categoria contribui para a compreensão do conceito em sua constituição histórica, considerando a tensão entre espaço de experiência e horizonte de expectativa e preservando o caráter aberto e não normativo do percurso metodológico.

Quadro 11 – Categorias analíticas e suas correspondências temporais

Categoria Analítica	Foco de Análise	Dimensão Temporal
Palavras-chave	Escolhas terminológicas e organização das definições	Sincrônica
Trajetória (histórico) / Propriedade	Relações de posse e circulação	Diacrônica / Espaço de experiência
Ambientes informacionais	Contextos institucionais e práticas de tratamento	Horizonte de expectativa

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

À luz das categorias sistematizadas no Quadro 11, passa-se à análise interpretativa das definições de marcas de proveniência identificadas no *corpus*. A leitura das formulações autorais e das definições incorporadas permitiu observar como o conceito se estruturou, circulou e se consolidou no âmbito da Ciência da Informação, revelando movimentos simultâneos de estabilização semântica e expansão interpretativa.

Mais especificamente, a análise das definições de marcas de proveniência identificadas no *corpus* sugeriu um processo de constituição e consolidação conceitual no âmbito da Ciência da Informação. Os dados do levantamento indicaram esse desenvolvimento ao permitirem distinguir dois movimentos complementares: de um lado, as formulações autorais, representadas por Silva (2022), Araújo (2022) e Azevedo e Loureiro (2019) e, de outro, as definições incorporadas da obra de referência de Faria e Pericão (2008) e de referenciais internacionais, tais como Pearson (1998; 2019), Salomón Salazar e Paisano Rodríguez (2019).

Observou-se, contudo, que tais formulações se articularam em um núcleo conceitual que se expandiu por meio de citações diretas e indiretas no interior do próprio *corpus*. A definição proposta por Silva (2022) foi retomada por Santos, Tramontini e Albuquerque (2024) e por Silva e Oliveira (2025), indicando sua circulação e incorporação como referência interpretativa a respeito do itinerário geográfico e intelectual das obras. De modo semelhante, a formulação de Azevedo e Loureiro (2019) foi mobilizada por Bastos *et al.* (2022) e por Duarte (2020), configurando-se como eixo explicativo recorrente para a compreensão das marcas como indícios históricos. A definição autoral de Araújo (2022), por sua vez, foi reiterada por Santos, Tramontini e Albuquerque (2024), reforçando a ênfase nas marcas como vestígios extrínsecos que confirmam o pertencimento e a trajetória do

item. Em âmbito internacional, as contribuições de Salomón Salazar e Paisano Rodríguez (2019) fundamentaram as abordagens de Castro (2024) e Ruiz Corona (2025) ao tratarem as marcas como evidências de posse, circulação e práticas de leitura, enquanto o referencial de Pearson (1998; 2019) orientou a interpretação apresentada por Ferreira (2022) e subsidiou a análise de Duarte (2020).

A dinâmica de retomadas, incorporações e reformulações observada nas definições analisadas evidencia a constituição de uma rede de influência conceitual no interior do *corpus*. Tal rede demonstra a circulação de referenciais teóricos e indica processos de apropriação e resignificação que contribuem para a consolidação do conceito no campo. A fim de tornar visível essa trama de relações e explicitar os vínculos entre obras de referência e autores que as mobilizam, apresenta-se, a seguir, o Quadro 12.

Quadro 12 – Rede de Influência Conceitual (Citações e Apropriações)

Referência Base (Origem)	Autor(es) que Incorporam/Citam	Conceito no <i>Corpus</i>
Silva (2022)	Santos, Tramontini e Albuquerque (2024); Silva e Oliveira (2025)	Itinerário geográfico e intelectual; contextualização no tempo e espaço.
Araújo (2022)	Santos, Tramontini e Albuquerque (2024)	Vestígios extrínsecos; marcas que registram a trajetória e o pertencimento.
Azevedo e Loureiro (2019)	Bastos <i>et al.</i> (2022); Duarte (2020)	Indícios para a construção de uma narrativa histórica do exemplar.
Salomón Salazar e Paisano Rodríguez (2019)	Castro (2024); Ruiz Corona (2025)	Evidências de posse, circulação e práticas de leitura.
Pearson (1998; 2019)	Ferreira (2022); Duarte (2020)	Diferentes formas de uso, trajetória e significado social do documento.
Faria e Pericão (2008)	Araújo (2022)	Distinção técnica de marcas de propriedade (carimbo, etiqueta, selo).

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

O Quadro 12 indica, portanto, as relações de citação e apropriação conceitual entre os estudos analisados, permitindo visualizar a formação de uma rede de influência teórica no interior do *corpus*. Esse movimento de retomadas, citações e reapropriações em diferentes estudos revela a circulação de definições e sugere um processo de aproximação terminológica, perceptível na repetição de termos compartilhados, tais como itinerário, trajetória, vestígios, indícios, posse, circulação,

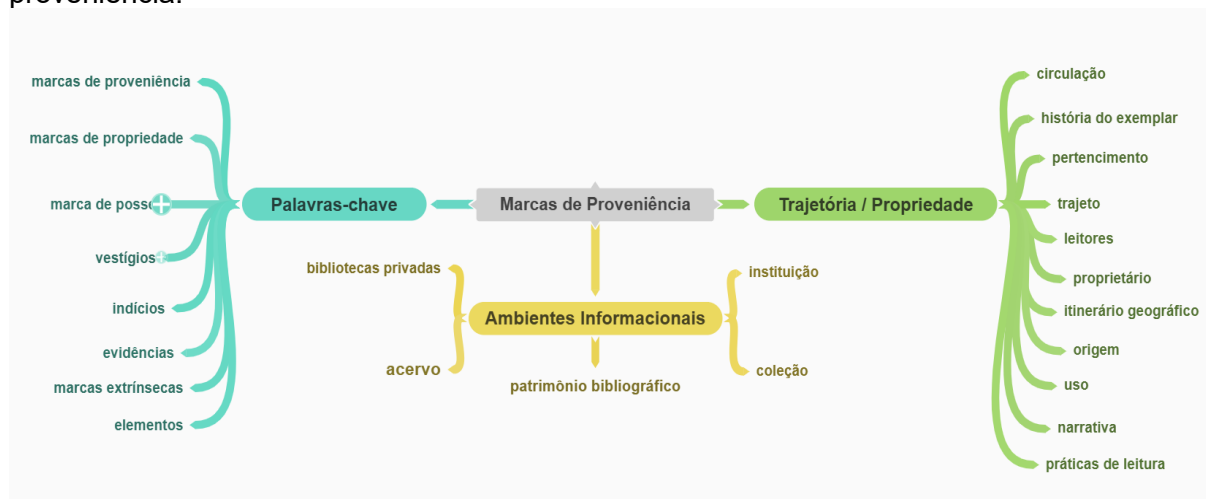
uso e pertencimento.

Mediante essa leitura comparativa, as três categorias analíticas adotadas mostraram-se pertinentes como possibilidades de organização interpretativa do *corpus*, pois permitiram observar: as escolhas terminológicas mobilizadas (categoria 1), as dimensões históricas e de posse/pertencimento enfatizadas (categoria 2) e os contextos institucionais de custódia nos quais o conceito é empregado (categoria 3). Trata-se, portanto, de um recorte analítico que busca sistematizar tendências identificadas nas definições, sem implicar a afirmação de uniformidade conceitual ou de estabilização definitiva do termo.

Com o objetivo de tornar mais visível a articulação entre essas três categorias e os termos recorrentes identificados no *corpus*, apresenta-se, a seguir, um mapa mental (Figura 18). O esquema sintetiza graficamente os principais eixos interpretativos delineados na análise, constituindo uma representação visual das aproximações identificadas entre:

1. **Palavras-chave** (núcleo léxico),
2. **Trajetória (histórico) / Propriedade** (dimensões temporal e relacional),
3. **Ambientes informacionais** (contextos de aplicação contemporâneos), articulados às metacategorias formuladas por Koselleck (1992): polissemia, relação sincrônica/diacrônica, espaço de experiência e horizonte de expectativa.

Figura 18 – Mapa mental das categorias analíticas aplicadas às definições de marcas de proveniência.



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Após a representação gráfica no mapa mental (Figura 18), que sintetiza as aproximações entre palavras-chave, dimensões de trajetória/propriedade e ambientes informacionais, prossegue-se à análise detalhada das categorias, operacionalizando o percurso metodológico de Koselleck (1992). Cada categoria é examinada de acordo com as etapas propostas: distinção inicial (palavra x conceito), seleção de termos teorizáveis, passagem do concreto ao abstrato, função do conceito como fator e indicador, contextualização textual e histórica, historicidade (variação semântica), temporalidade (sincronia/diacronia) e verificação empírica nas fontes.

Categoria 1: Palavras-chave

Essa categoria corresponde à etapa 1 (distinção inicial palavra x conceito) e etapa 2 (seleção de palavras teorizáveis e reflexivas) do percurso de Koselleck (1992). Nem toda palavra se torna conceito; apenas aquelas capazes de abstração e reflexão teórica passam a ter valor conceitual. No *corpus* examinado, termos como itinerário, trajetória, vestígios, indícios, posse, circulação, uso, pertencimento e origem emergem de forma recorrente e reflexiva, deixando de ter apenas um sentido descritivo para indicar estruturas mais amplas.

Por exemplo:

- “itinerário geográfico e intelectual” (Silva, 2022; Santos *et al.*, 2024; Silva; Oliveira, 2025) pode ser compreendido como formulação que permite analisar a circulação temporal e espacial.
- “vestígios”, “indícios” e “pertencimento” (Araújo, 2022; Azevedo; Loureiro, 2019; Bastos *et al.*, 2022; Duarte, 2020; Castro, 2024) são selecionados de modo reflexivo, pois indicam evidências materiais que demandam interpretação histórica.

Sob a perspectiva da etapa 7 (temporalidade: sincronia/diacronia) observa-se relativa estabilidade terminológica no uso recente dessas palavras, ao mesmo tempo em que se identificam deslocamentos semânticos, como a mudança da noção de “posse”, que passa a incluir formas institucionais de pertencimento.

Considerando a etapa 4, tais termos funcionam como indícios de uma semântica compartilhada em consolidação na área.

Categoria 2: Trajetória (histórico) / Propriedade

Essa categoria articula as etapas 3 (teorização: passagem do concreto ao abstrato), 6 (historicidade: variação semântica no tempo) e 5 (contextualização: texto/contexto histórico). As definições partem de elementos concretos como carimbos, dedicatórias e *ex-libris* para abstrair conceitos como “trajetória”, “narrativa histórica” e “pertencimento”. Exemplos diretos do *corpus*:

- “itinerário geográfico e intelectual das publicações” e a possibilidade de “identificar a quem pertenceu o livro, seus leitores, contextualizar no tempo e no espaço” (Silva, 2022; Santos *et al.*, 2024; Silva; Oliveira, 2025) indicam movimento interpretativo que associa marca física à reconstrução de percurso histórico.
- “vestígios dos lugares por onde uma obra passou e/ou das pessoas a quem pertenceu”, “trajetória”, “pertencimento do item à pessoa ou instituição” (Araújo, 2022) enfatiza a historicidade, na medida em que o conceito varia semanticamente do ‘concreto’ (marca de posse) para o ‘abstrato’ (pertencimento como vínculo identitário e institucional).
- “indícios que podem colaborar para a construção de uma narrativa histórica de determinado exemplar” (Azevedo; Loureiro, 2019 *apud* Bastos *et al.*, 2022; Duarte, 2020) contribuem para a contextualização histórica na medida em que as marcas se imbricam em perguntas sobre uso, circulação e significado social (etapa 5).
- “indícios de posse, circulação, práticas de leitura ou uso” (Salomón Salazar; Paisano Rodríguez, 2019 *apud* Castro, 2024; Ruiz Corona, 2025) apontam para uma variação semântica que vai da posse individual (histórico) ao pertencimento coletivo.

Nesse contexto, evidencia-se a etapa 4 (conceito como fator e indicador), na medida em que as marcas operam simultaneamente como fato histórico e como indicador de configurações de apropriação e circulação. A sincronia atual do conceito contém camadas diacrônicas nas quais permanecem inscritos sentidos anteriores, da posse privada às formas institucionais de pertencimento, transformados semanticamente ao longo do tempo.

Categoria 3: Ambientes informacionais

Essa categoria corresponde à etapa 5, (contextualização: texto, conjunto

textual e contexto histórico) e à etapa 8 (verificação empírica: fontes e tipos de texto), com ênfase na dimensão institucional. Embora as definições do Quadro 09 não usem explicitamente termos como “catalogação” ou “metadados”, elas remetem a contextos institucionais de custódia, preservação e uso como indicam as expressões tais como “segurança patrimonial”, “pertencimento à instituição”, “valoração do patrimônio bibliográfico”. Exemplos extraídos do *corpus* evidenciam essa inserção:

- “servindo para assegurar o pertencimento do item à pessoa ou instituição que o marcou” (Araújo, 2022) indica a custódia institucional e segurança.
- “dar maior segurança patrimonial em casos de furto ou roubo com descrição detalhada das marcas” (Silva, 2022 *apud* Silva; Oliveira, 2025) sugere verificação empírica em gestão de acervos.
- “evidências de posse, circulação, práticas de leitura ou usos” (Salomón Salazar; Paisano Rodríguez, 2019 *apud* Castro, 2024; Ruiz Corona, 2025) aponta para contexto e análise associados ao tratamento informacional e à interpretação documental.

A dimensão temporal também se faz presente, conforme a etapa 7, que articula sincronia e diacronia, na medida em que o uso contemporâneo do conceito em ambientes institucionais incorpora camadas históricas de significado acumuladas ao longo de sua trajetória. A marca, inicialmente associada à identificação de posse, passa a ser compreendida como elemento relevante para organização, descrição e valorização de acervos, evidenciando ampliação semântica.

Como fator e indicador (etapa 4), as marcas funcionam como fator de preservação presente e indicador de expansão futura como por exemplo a integração em catálogos digitais. A perspectiva de Koselleck (1992) permite compreender esse movimento como uma historicidade em curso, na qual o conceito se configura em ambientes institucionais, variando semanticamente do concreto (marca física) ao abstrato (elemento informacional).

Essa análise sugere um conceito dotado de polissemia e em processo de consolidação: as palavras-chave organizam o léxico (etapas 1 e 2), a trajetória (histórico)/propriedade acumula e reelabora experiência histórica por meio da passagem do concreto ao abstrato (etapas 3 e 6), e os ambientes informacionais contextualizam e projetam usos institucionais (etapas 5 e 8). Ao mesmo tempo, o conceito opera como fator e indicador (etapa 4), na medida em que estrutura

práticas contemporâneas e sinaliza transformações na área, evidenciando a tensão entre sincronia presente e diacronia acumulada (etapa 7).

Seguindo neste raciocínio, o Quadro 13 apresenta a organização das dimensões conceituais identificadas na análise da literatura, articuladas ao percurso metodológico da história dos conceitos, conforme proposto por Koselleck (1992). A sistematização permite observar como o conceito de marcas de proveniência se constitui historicamente, ao mesmo tempo em que reúne diferentes camadas de sentido associadas a contextos sociais, políticos e informacionais. O Quadro 13, portanto, sintetiza os resultados da análise, demonstrando de que maneira as definições examinadas podem ser compreendidas nas dimensões sincrônica e diacrônica, permitindo visualizar o processo de constituição e consolidação conceitual no âmbito da Ciência da Informação.

Quadro 13 – Síntese analítica das dimensões conceituais das marcas de proveniência no percurso metodológico da história dos conceitos

Categoria	Etapas	Movimento conceitual	Evidências no <i>corpus</i>	Temporalidade e função conceitual
1. Palavras-chave	1 (palavra × conceito); 2 (seleção); 4 (fator/indicador); 7 (sincronia/diacronia)	Seleção de termos recorrentes que ultrapassam o uso descritivo e assumem densidade reflexiva	“itinerário”, “trajetória”, “vestígios”, “indícios”, “posse”, “circulação”, “uso”, “pertencimento”, “origem”	Estabilidade terminológica recente com deslocamentos semânticos (ex.: posse → pertencimento institucional). Funcionam como fator de consolidação semântica e indicador de campo em formação.
2. Trajetória / Propriedade	3 (teorização); 5 (contextualização); 6 (historicidade); 4 (fator/indicador); 7 (temporalidade)	Passagem do concreto (marca física) ao abstrato (trajetória, narrativa histórica, pertencimento)	“itinerário geográfico e intelectual”; “vestígios dos lugares”; “pertencimento do item”; “indícios de posse e circulação”	Camadas diacrônicas inscritas no conceito: da posse privada ao pertencimento institucional. Atua como vestígio histórico (marca) e como indicador de práticas sociais e institucionais.
3. Ambientes informacionais	5 (contexto textual e histórico); 8 (verificação empírica); 4 (fator/indicador); 7 (temporalidade)	Inserção do conceito em contextos institucionais de custódia, preservação e organização	“segurança patrimonial”; “pertencimento à instituição”; descrição de marcas; evidências de uso	Sincronia atual incorpora heranças diacrônicas. A marca deixa de ser apenas sinal de posse e passa a ser compreendida como elemento informacional. Atua como fator de preservação e indicador de expansão para ambientes digitais

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Por fim, a análise das definições pode ser compreendida à luz do percurso metodológico da história dos conceitos de Koselleck (1992), uma vez que evidencia um movimento de consolidação conceitual no âmbito da Ciência da Informação. Desde a distinção entre palavra e conceito, torna-se possível indagar se o termo em questão permanece como simples designação lexical ou se passa a reunir experiências históricas sob unidade de sentido relativamente estabilizada. A recorrência de vocábulos como vestígios, itinerário, trajetória e pertencimento indica que o termo assume função estruturante, articulando dimensões materiais e temporais em campo semântico compartilhado.

No âmbito da seleção de palavras teorizáveis, percebe-se que o conceito exige elaboração reflexiva e mediação interpretativa. As definições analisadas revelam movimento de abstração pelo qual o vestígio material passa a integrar construção conceitual que articula historicidade, circulação e pertencimento institucional. Esse deslocamento corresponde ao processo de teorização descrito por Koselleck (1992), no qual experiências concretas são integradas em unidade semântica capaz de produzir compreensão historicamente situada.

A função do conceito como fator e indicador mostra-se igualmente relevante. As marcas de proveniência registram experiências acumuladas ao longo da circulação dos exemplares, configurando-se como indicadores de práticas passadas bem como estruturam modos contemporâneos de interpretação e valorização do patrimônio documental. Nessa dupla dimensão, o conceito atua como mediação entre experiência histórica e elaboração teórica, revelando sua operatividade no campo da Ciência da Informação.

As definições analisadas evidenciam as discussões relativas à custódia, à circulação de exemplares e às práticas institucionais de tratamento documental. Tal inserção confirma a imbricação entre texto e contexto destacada por Koselleck (1992), segundo a qual todo conceito se desenvolve em determinado horizonte histórico.

Quanto à temporalidade, a permanência formal do termo convive com deslocamentos internos de sentido. Em determinadas formulações, privilegia-se a identificação de propriedade; em outras, enfatiza-se a reconstrução de trajetórias históricas. Essa coexistência de camadas temporais do conceito evidencia sua historicidade, na medida em que o conteúdo se transforma ao longo do tempo sob manutenção da forma lexical.

Desse modo, as categorias palavras-chave, trajetória (histórico) / propriedade e ambientes informacionais permitem tornar visível o processo de estabilização semântica observado no *corpus* analisado. A aplicação do percurso metodológico da história dos conceitos de Koselleck (1992) sugere que o termo analisado se estabelece gradualmente como conceito no âmbito da Ciência da Informação, adquirindo maior consistência teórica e delimitação epistemológica.

4.2 SÍNTESE

A análise sistematizou a produção científica recuperada nas bases BRAPCI, Oasisbr e SciELO Brasil e aplicou o conceito de marcas de proveniência ao percurso metodológico da história dos conceitos de Koselleck (1992). As análises das definições presentes nos artigos revelaram um campo ainda em formação, marcado por variações terminológicas e por uma diversidade de enfoques que vão da descrição prática em acervos específicos até reflexões relacionadas ao valor informacional e patrimonial desses vestígios.

Os núcleos semânticos que se repetem com maior frequência tais como, vestígios, indícios, posse, circulação, itinerário e outros estruturam a compreensão do termo ao longo do *corpus* examinado. Esse conjunto semântico permitiu acompanhar o deslocamento do conceito: de um registro material de propriedade, centrado na identificação de antigos donos, para uma noção mais ampla, que reconhece as marcas como elementos informacionais capazes de produzir sentido, autenticar documentos, contextualizar trajetórias e enriquecer processos de Organização do Conhecimento.

Sob a ótica de Koselleck (1992), ao articular a sincronia das práticas atuais com a diacronia dos sentidos acumulados, percebe-se que as marcas deixaram de ser apenas evidências físicas para se tornarem categorias analíticas importantes. Esta síntese revela que o conceito possui densidade semântica e está em processo de consolidação, legitimando-se como um recurso para compreender as relações entre memória, patrimônio e circulação do saber.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como propósito analisar, a partir da literatura da Ciência da Informação, os fundamentos teóricos que sustentam os estudos acerca do conceito de marcas de proveniência, articulando-os ao método da história dos conceitos. Partiu-se do reconhecimento de que, embora as marcas de proveniência estejam relacionadas às práticas de identificação, descrição, preservação e valorização de acervos, sua delimitação conceitual ainda se apresenta fragmentada e pouco sistematizada no campo.

Ao longo do percurso investigativo, foi possível constatar que a produção científica recuperada evidencia uma diversidade de abordagens atribuídas às marcas de proveniência. Em determinados estudos, elas aparecem associadas a dimensões técnicas, especialmente no âmbito da catalogação, da representação descritiva e da segurança patrimonial. Em outros, são tratadas como vestígios históricos capazes de revelar trajetórias de circulação, práticas de leitura, formas de apropriação e dinâmicas institucionais. Essa pluralidade confirma o caráter polissêmico do termo e reforça a necessidade de um exame conceitual aprofundado.

Nesse sentido, a articulação entre a história dos conceitos de Koselleck (1992) e o conceito de marcas de proveniência, no âmbito da Ciência da Informação, mostrou-se pertinente, visto que possibilitou compreender algumas questões, tais como, deslocamentos semânticos presentes nas definições, as dimensões sincrônicas e diacrônicas, bem como a relação entre experiência e expectativa. Cumpre destacar, entretanto, que a dimensão diacrônica aqui considerada refere-se às transformações conceituais observadas no interior da produção científica recente da área, configurando deslocamentos teóricos e interpretativos no âmbito da área, e não mudanças estruturais de longa duração histórica.

Foi possível, ainda, observar que o conceito de marcas de proveniência se afasta de uma definição estável e fechada, configurando-se como uma construção histórica atravessada por contextos sociais, políticos e institucionais. Assim, o conceito atua como indicador de transformações mais amplas no modo como a Ciência da Informação compreende os objetos documentais, sua materialidade e sua inserção em práticas sociais.

Os resultados evidenciaram que, no âmbito da Ciência da Informação, o conceito de marcas de proveniência apresentou indícios de deslocamento de uma

compreensão mais restrita, centrada no registro material de posse, para uma perspectiva mais abrangente, que incorpora dimensões de circulação, historicidade e pertencimento institucional, sem que os sentidos anteriores sejam totalmente abandonados, caracterizando um processo de ampliação e reconfiguração semântica no desenvolvimento contemporâneo do campo.

Ao sistematizar as definições encontradas na literatura, verificou-se a fragmentação conceitual que dificulta por sua vez, a identificação consensual terminológica consolidada no âmbito da Ciência da Informação. Contudo, identificaram-se núcleos semânticos recorrentes, tais como origem, posse, trajetória e circulação. Esses elementos constituem um eixo comum que pode servir de base para o fortalecimento conceitual do termo, sem desconsiderar sua historicidade e abertura interpretativa. Assim, em vez de propor uma definição normativa, esta pesquisa buscou evidenciar as camadas de sentido que sedimentam o conceito no interior do debate teórico da área e os contextos que o moldam.

Do ponto de vista epistemológico, a investigação destacou que a discussão conceitual consiste em um exercício importante para a consolidação de um campo científico. A clareza e a coerência na formulação dos conceitos impactam diretamente as práticas de organização, representação e preservação da informação. Ao examinar criticamente o conceito de marcas de proveniência, esta dissertação buscou contribuir para o fortalecimento das bases teóricas da Ciência da Informação e para a ampliação de sua capacidade reflexiva.

No plano social e patrimonial, o estudo indicou a relevância das marcas de proveniência como instrumentos de preservação da memória e de valorização do patrimônio documental. Ao evidenciar trajetórias e contextos, tais marcas permitem reconstruir narrativas que ultrapassaram o conteúdo textual dos documentos, inscrevendo-os em redes históricas e culturais mais amplas. Dessa forma, O aprofundamento conceitual aqui realizado, portanto, dialoga diretamente com as práticas de salvaguarda e com a responsabilidade social das instituições de memória.

Reconhece-se, por fim, que esta pesquisa adotou um recorte necessário para garantir a profundidade da análise, centrando-se na delimitação do corpus e em bases de dados específicas que melhor representam a produção científica da área. Estudos futuros poderão expandir esse escopo empírico, incorporando outras fontes documentais e explorando comparativamente o uso do conceito em diferentes

contextos.

Conclui-se que o conceito de marcas de proveniência se revela como uma categoria analítica relevante para compreender as relações entre documento, memória, circulação e conhecimento. Ao situá-lo no horizonte da história dos conceitos, esta dissertação procurou evidenciar sua densidade semântica e sua inserção em processos históricos mais amplos, aqui compreendidos como processos históricos internos ao desenvolvimento epistemológico da Ciência da Informação, contribuindo para sua consolidação no âmbito da área.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/area-restrita/Abbagnano-Dicionario_Filosofia.pdf. Acesso em: 20 set., 2025

ALMEIDA, Fátima Duarte de; SANTIAGO, Maria Cláudia; PERUZZOR, Tarcila. Atualizações dos estudos e práticas na catalogação de materiais bibliográficos raros e especiais: experiência da seção de obras raras da biblioteca de Manguinhos da Fiocruz. **Ponto de Acesso**, v. 16, n. 3, 654-668, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52328>. Acesso em: 3 nov. 2025.

AMORIM, Igor Soares; CAFE, Lúgia Maria Arruda. Os conceitos de comunidade discursiva, domínio e linguagem na análise de domínio hjoerlandiana. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016. **Anais [...]**. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/view/3580>. Acesso em 1 nov. 2025

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295 p.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ARAÚJO, Jullyana Monteiro Guimarães de. Carimbo, sim: o carimbo como um aliado da segurança em coleções especiais. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 16, n. 3, p. 566-581, dez. 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/211833>. Acesso: 25 nov. 2025.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de, LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Afinal, os objetos falam? Reflexões sobre objetos, coleções e memória. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/951>. Acesso em: 5 set. 2025

BARROS, José D'Assunção. **Os conceitos: seus usos nas ciências humanas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

BASTOS, Aana Wanessa Barroso; NUNES, Jefferson Veras; FIGUEIRAS, Larissa Monte; LIMA, Tainá Copini Brasileiro de. As dedicatórias manuscritas na coleção bibliográfica de Ciccillo Matarazzo: um estudo de caso biblioteca acervos especiais da Universidade de Fortaleza. **Ponto de Acesso**, Salvador, n. 16, n. 3, p. 440-466, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52319>. Acesso em: 15 nov. 2025.

BEZERRA, José Augusto. Ex-Líbris: a marca de propriedade do livro. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 120, p. 129-144, 2006. Disponível em: https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2006/01_Artigos/09-Ex_Libris.pdf. Acesso em: 14 set. 2025.

BORKO, Harold. Information science: what is this? **American Documentation**, v. 19, p. 3-5, 1968. Disponível em: <https://arquivologia.net.br/wp-content/uploads/ciencia-da-informacao-o-que-e-isto-harold-borko.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. n.], v. 42, n. 5, p. 351-360, jun.1991. Disponível em: [https://www.cin.ufpe.br/~cjgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20\(thing\).pdf](https://www.cin.ufpe.br/~cjgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20(thing).pdf). Acesso em: 10 set. 2025.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagem documentária: teorias que fundamentam sua elaboração**. Niterói: EdUFF, 2001. 133 p.

CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e Ciência da Informação**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4., 2003. Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. Disponível em: https://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 21 out. 2025.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, abr. 2007. Disponível: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 ago. 2025.

CASTRO, Elina V. Las marcas de procedencia en los libros de procesa sarmiento, como vestigios de la educación del siglo xix en Argentina y Chile. **Palabra Clave**, Argentina, v. 14, n. 1, e234, oct./mar. 2024. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3505/350578746010/350578746010.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2025.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115>. Acesso em: 9 dez. 2024.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Patrimônio musical bibliográfico na Seção de Obras Raras da Biblioteca Fran Paxeco do Grêmio Literário e Recreativo Português em Belém do Pará: um estudo acerca de memórias e identidades em uma coleção especial. **Orfeu**, Florianópolis, v. 5, n. 3, p. 444-577, dez. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/17873>. Acesso em: 20 dez. 2025.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Edusp, 2008.

FERREIRA, F. A. Brasilidade, indigenismo e identidade visual: capas e folhas de guarda como marca de proveniência no Itamaraty (1920-1930). **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 16, n. 3, p. 341364, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52313>. Acesso em: 15 jan. 2026.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARDNER, Howard. **A nova ciência da mente**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HJØRLAND, Birger. **Semantics and Knowledge Organization**. In: ANNUAL REVIEW OF INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY, v. 41, n. 1, p. 367-405, dec. 2007. Disponível em: https://eclass.aueb.gr/modules/document/file.php/INF180/bibliography/Semantics_and_KO_K.pdf. Acesso em: 25 ago. 2025.

HJØRLAND, Birger; HARTEL, Jenna. Afterword: ontological, epistemological, and sociological dimensions of domains. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 4, p. 239-247, dec. 2003. Disponível em: <https://www.imrpress.com/journal/ko/30/3-4/10.5771/0943-7444-2003-3-4-239>. Acesso em: 15 ago. 2025.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KOBASHI, Nair Yumiko; FRANCELIN, Marivalde Moacir. Conceitos, categorias e organização do conhecimento. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 1-24, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10390>. Acesso em: 20 fev. 2025.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1945>. Acesso em: 2 out. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 91-96, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1050>. Acesso em: 20 fev. 2025.

LEAL, João Eurípedes Franklin; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de. **As Assinaturas e as assinaturas de Oswaldo Cruz**. In: SOUSA, Alexandre Medeiros Correia de; SILVA, Aline Gonçalves da; TARTAGLAI, Ana Roberta; ALVES, Fátima Duarte de Almeida; NOGUEIRA, Inês Santos; LEAL, João Eurípedes Franklin; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de; SANTIAGO, Maria Cláudia. **Catálogo no Patrimônio Cultural Científico da Fiocruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023. p. 37-48.

LEUNG, Colette. **The journey of books: rare books and manuscripts provenance metadata in a digital age**. 2016. Dissertação (Master of Arts in Humanities Computing and Master of Library and Information Studies) – University of Alberta, School of Library and Information Studies, Edmonton, Canadá, 2016.

LOPES, Ana Julia; GONÇALVES, Maison Roberto Mendonça; RODRIGUES, Marcia Carvalho. Marcas de proveniência bibliográfica: desenvolvimento de ferramentas para seu armazenamento e reconhecimento. In: 45 ANOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA; SEMANA ACADÊMICA, 22.; FÓRUM DE EGRESSOS, 1., 2020. **Anais [...]**. Rio Grande, RS: FURG, 2021. v. 1. p. 143-151.

MACHLUP, Fritz.; MANSFIELD, Una (Ed). **The study of information: Interdisciplinary messages**. New York, NY: Wiley, 1993.

NOGUEIRA, Inês Santos. **Marcas de propriedade e proveniência de Oswaldo Cruz no acervo museológico**. In: SOUSA, Alexandre Medeiros Correia de; SILVA, Aline Gonçalves da; TARTAGLAI, Ana Roberta; ALVES, Fátima Duarte de Almeida; NOGUEIRA, Inês Santos; LEAL, João Eurípedes Franklin; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de; SANTIAGO, Maria Cláudia. **Catálogo no Patrimônio Cultural Científico da Fiocruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023. p. 67-86.

PALHARES, Márcia M. **O ex-libris e a xilogravura como possibilidades de exploração no ensino de Artes Visuais**. 2015. 39 f. Monografia (Programa de Pós-Graduação em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/9e45edbe-7587-411a-8ab4-8f651c6b28e6/content>. Acesso em: 30 set. 2025.

PANDO, Daniel Abraão; ALMEIDA, Carlos Cândido de. Análise sobre a epistemologia e sua aplicação à ciência da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 2, p. 680-705, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/41635>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PEARSON, David. **Provenance research in book history: a handbook**. London: The British Library, 1998.

PEARSON, David. **Provenance research in book history: a handbook**. London: The Bodleian Library, 2019.

PEARSON, David; AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; MARTINS, Luciana Ferreira; BIBAS, Marli Gaspar; HENRICH, Nathália. Editorial. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 16, n. 3, p. 2-24, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52364>. Acesso em: 21 out. 2025.

PEREIRA, Sílvia Fernandes. **O Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional (CPBN) e as marcas de proveniência bibliográfica**. 2023. 184 f. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/handle/20.500.11997/18125/Disserta%C3%A7%C3%A3o_%20final_SILVIA%20FERNANDES%20PEREIRA__PPGMA_27MAR2023.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 3 out. 2025.

PINHEIRO, Andréa de Souza; VON HELDE, Rocha; PEREIRA, Sílvia Fernandes (orgs.). **Glossário ilustrado de livros raros e acervos de memória**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2023. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/Livros_eletronicos/bndigital2607/bndigital2607.pdf. Acesso em: 15 nov. 2024.

RABELLO, Rodrigo. A contribuição da história dos conceitos à ciência da informação: dimensões categórico-abstratas e analítico-causais. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, n. 3, p. 35-46, set./dez. 2010. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1264>. Acesso em: 02 nov. 2025

RABELLO, Rodrigo. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 13, n. 26, 2º sem.2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n26p17?articlesBySimilarityPage=84>. Acesso em: 02 nov. 2025

REED, Marcia. Provenance of rare books. In: BATES, Marcia (coord.). **Encyclopedia of library and information sciences**. Boca Raton: CRC Press, 2017. v. 6, p. 4333-4339.

RIPS, Lance Jeffrey; SMITH, Edward. Elmer; MEDIN, Douglas L. Concepts and categories: memory, meaning, and metaphysics. In: HOLYOAK, Keith; MORRISON, Robert G. (Eds.). **The Oxford Handbook of Thinking and Reasoning**. Oxford University Press, 2012. p. 177-209.

RODRIGUES, Marcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon. **Glossário de marcas de proveniência**. Rio de Janeiro: UFRGS, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/terms/336>. Acesso em: 7 set. 2025.

RODRIGUES, Marcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon. **Glossário de marcas de proveniência**. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2024.

ROQUETA, Mario Guido Barité. La definición de conceptos y su impacto sobre la representación del conocimiento con fines documentales. *In*: CONGRESSO ISKO, 5., 2001. **Anais** [...]. Madrid: Universidad de Alcalá, 2001. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1455806>. Acesso em: 15 set. 2025.

RUIZ CORONA, Victor Ruiz. Marcas de propiedad en el Fondo Reservado de libros de la biblioteca Gregorio Torres Quintero de la Universidad Pedagógica Nacional. **Investigación Bibliotecológica**: archivonomía, bibliotecología e información, México, v. 39, n. 103, p. 43-65, abr./jun. 2025. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/347150>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SALAZAR, Mercedes Isabel Salomón; RODRÍGUEZ, Maria del Refugio Paisano. **Propiedad y uso**: exlibris, marcas de fuego, sellos y anotaciones manuscritas. México: Universidad de las Américas Puebla, 2019.

SALDANHA, Gustavo. **Ciência da Informação**: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: IBICT, 2020. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1101/1/SaldanhaGustavo_CI_CriticaEpistemologicaHistoriografica_2020a.pdf. Acesso em: 4 ago. 2025.

SANTOS, Cristina Ribeiro dos; TRAMONTINI, Viviane Rodrigues Plácido; ALBUQUERQUE, Ana Cristina. Caleidoscópio teórico: uma aproximação teórica acerca das marcas de proveniência no contexto da organização do conhecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024. **Anais** [...]. Vitória-ES: ANCIB, 2024. Disponível em: <https://conferencias.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2465>. Acesso em: 20 set. 2025.

SILVA, Aline Gonçalves da; ALVES, Fátima Duarte de Almeida; SANTIAGO, Maria Cláudia. Os carimbos que retratam a proveniência da Coleção Oswaldo Cruz. *In*: SOUSA, Alexandre Medeiros Correia de; SILVA, Aline Gonçalves da; TARTAGLAI, Ana Roberta; ALVES, Fátima Duarte de Almeida; NOGUEIRA, Inês Santos; LEAL, João Eurípedes Franklin; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de; SANTIAGO, Maria Cláudia. **Catálogo no Patrimônio Cultural Científico da Fiocruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023. p. 49-56.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Fundamentos da informação I**: perspectivas em Ciência da Informação. São Paulo: ABECIN Editora, 2017. v. 1. 271 p. Disponível em: <https://portolivre.fiocruz.br/fundamentos-da-informacao-i-perspectivas-em-ciencia-da-informacao>. Acesso em: 02 ago. 2025.

SILVA, Marinez Teixeira; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Arquivos a biblioteca privativa de Francisco Brendan: formação da coleção. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 20, n. 4, p. 23-44, 2025. Disponível em: <https://www.pbcib.com/pbcib/article/view/62740>. Acesso em: 15 jan. 2026.

SILVA, Rosângela Coutinho da. As marcas de proveniência da coleção Celso Cunha: uma análise preliminar. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 16, n. 3, p. 858-882, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52338>. Acesso em: 5 set. 2025.

SILVA, Vinícius Carvalho da. Teoria do Conhecimento e Epistemologia das Ciências. **SciELO Preprints**, 2025. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/11306>. Acesso em: 6 ago. 2025.

SOUSA, Alexandre Medeiros Correia de. Fé eterna na ciência: o(s) ex-líbris de Oswaldo Cruz. In: SOUSA, Alexandre Medeiros Correia de; SILVA, Aline Gonçalves da; TARTAGLIA, Ana Roberta; ALVES, Fátima Duarte de Almeida; NOGUEIRA, Inês Santos; LEAL, João Eurípedes Franklin; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de; SANTIAGO, Maria Cláudia. **Catálogo no Patrimônio Cultural Científico da Fiocruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023. p. 57-66. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/cb430cc6-f6bc-4925-b333-0e0af8972866>. Acesso em: 21 set. 2025.

SOUSA, Alexandre Medeiros Correia; SILVA, Aline Gonçalves da; TARTAGLIA, Ana Roberta; ALVES, Fátima Duarte de Almeida; NOGUEIRA, Inês Santos; LEAL, João Eurípedes Franklin; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de; SANTIAGO, Maria Cláudia. **Catálogo Marcas de Oswaldo Cruz: proveniência, propriedade e circulação no Patrimônio Cultural Científico da Fiocruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/cb430cc6-f6bc-4925-b333-0e0af8972866>. Acesso em: 7 set. 2025.

TARTAGLIA, Ana Roberta. Marcas de propriedade, marcas de personalidade: traços de Oswaldo Cruz em sua papelaria pessoal. In: SOUSA, Alexandre Medeiros Correia de; SILVA, Aline Gonçalves da; TARTAGLIA, Ana Roberta; ALVES, Fátima Duarte de Almeida; NOGUEIRA, Inês Santos; LEAL, João Eurípedes Franklin; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de; SANTIAGO, Maria Cláudia. **Catálogo no Patrimônio Cultural Científico da Fiocruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023a. p. 87-104. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/cb430cc6-f6bc-4925-b333-0e0af8972866>. Acesso em: 7 set. 2025.

TARTAGLIA, Ana Roberta. Vestígios de Oswaldo Cruz nas encadernações de seus livros. In: SOUSA, Alexandre Medeiros Correia de; SILVA, Aline Gonçalves da; TARTAGLIA, Ana Roberta; ALVES, Fátima Duarte de Almeida; NOGUEIRA, Inês Santos; LEAL, João Eurípedes Franklin; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de; SANTIAGO, Maria Cláudia. **Catálogo no Patrimônio Cultural Científico da Fiocruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023b. p. 105-114. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/cb430cc6-f6bc-4925-b333-0e0af8972866>. Acesso em: 7 set. 2025.

TESSER, Gerson João. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educar**, Curitiba, n. 10, p.91-98. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/RqVtSyMvVkrCQVGtbxKYZpt/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 06 ago. 2025

TONET, Ivo. Interdisciplinaridade, formação e emancipação humana. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 116, p. 725-742, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/GXvFhStx9X44bbqzhJWQNfs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 ago. 2025.

VIAN, Amanda Esperon. **Cultura material e proveniência bibliográfica no ensino da história: um estudo sobre os ilustres doadores do acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense**. 2023. 438 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2023. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/e7134c4c7bcac2734f62bb0c1dbd3df8.pdf>. Acesso em: 3 out. 2025.

APÊNDICE

APÊNDICE A
Artigos Recuperados

	ANO	AUTOR	TÍTULO	RESUMO	PALAVRAS-CHAVE
01	2022	ALMEIDA, F. D.; SANTIAGO, M. C. Identificação e análise das marcas de proveniência no acervo de Manguinhos. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 582-620, dez. 2022.	Identificação e análise das marcas de proveniência no acervo de Manguinhos.	Considera-se marcas de proveniência bibliográficas de um acervo, é imprescindível conhecer primeiro a história da instituição, da biblioteca e do próprio acervo onde os exemplares e suas marcas estão inseridos, afinal são parte de um todo e existindo um propósito para cada movimento de entrada e permanência dos itens que o constituem. Procurou-se considerar algumas singularidades entre as marcas de propriedade e as marcas de proveniência, aplicando este olhar sobre o acervo da Biblioteca de Manguinhos. Em um primeiro momento apenas observar, depois passou-se a fotografar e conferir marcas “estranhas” para futura identificação e, em seguida, passou-se a registrar em planilhas de organização física as marcas localizadas nos exemplares de forma sistemática. Em seguida, começamos a nos aproximar de um vocabulário próprio destas marcas e nos apropriar de um conhecimento que pudesse se transmutar em informação. As marcas de proveniência adquirem, portanto, um sentido de evidenciar a formação e desenvolvimento da coleção resultante dos 120 anos de pesquisa institucional, alicerçadas na herança documental, científica e de potencial cultural do acervo de Manguinhos. Assim como vem sendo parte da produção científica da Fiocruz ao longo da sua existência, também integra seu patrimônio cultural e da sociedade em que está inserida.	Palavras-chave: marcas de proveniência; Fundação Oswaldo Cruz; acervos científicos.
02	2022	ALMEIDA, F. D.; SANTIAGO, M. C.; PERUZZOR, T. Atualizações dos estudos e práticas na catalogação de materiais bibliográficos	Atualizações dos estudos e práticas na catalogação de materiais bibliográficos raros e especiais: experiência da seção	A Catalogação descritiva é uma técnica que permite extrair informações dos materiais bibliográficos de modo a torná-los conhecidos pelos usuários. Essa técnica já está bem cristalizada em relação aos livros comuns, porém as obras raras trazem especificidades que precisam ser igualmente descritas para que elas sejam adequadamente representadas. Nesse sentido, um dos	Palavras-chave: catalogação automatizada; formato MARC; obras raras; marcas de proveniência; Fiocruz.

		raros e especiais: experiência da seção de obras raras da biblioteca de Manguinhos da Fiocruz. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 654-668, dez. 2022.	de obras raras da biblioteca de Manguinhos da Fiocruz.	campos do Formato MARC que mais ajuda a descrever as obras raras é o 500, que diz respeito às notas, principalmente quando nos referimos à descrição das marcas de proveniência. Esse artigo propõe relatar o trabalho de estudo e aplicação do campo 500 as informações extraídas do acervo da coleção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca de Manguinhos após a feitura da bibliografia material das mesmas. Observamos que as notas possuem três naturezas distintas, que categorizamos como “intrínsecas” - inseridas na nota 500 (notas gerais), “extrínsecas” - alocadas nos campos de notas 590 (notas locais), 563 (encadernação) e as “auxiliares” - sendo os campos 541 (fonte de aquisição imediata), 561 (custódia histórica), 583 (nota de intervenção), 585 (nota de exposição), 591 (estado de conservação do material), e registro imagético ou acesso eletrônico no campo 856. Conclui-se que a catalogação das marcas de proveniência tem possibilitado a identificação e reunião de coleções dispersas no acervo de origem e em outros que possam se interrelacionar e contribuir na segurança do acervo a partir da individualização do exemplar, além da promoção da memória institucional, valorização e identificação de patrimônio cultural.	
03	2022	ALVES, M. C.; RAMOS, D. S.; FERNANDES, M. J. S. A importância do carimbo e outras marcas de propriedade no acervo da Biblioteca Nacional. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 730-761, dez. 2022.	A importância do carimbo e outras marcas de propriedade no acervo da Biblioteca Nacional.	A Fundação Biblioteca Nacional (FBN) é uma das mais antigas e tradicionais instituições de estudo e pesquisa do Brasil, cujas diferentes denominações que teve ao longo do tempo foram resgatadas por meio de carimbos das publicações, prática de identificação adotada desde a sua gênese. Objetivou-se demonstrar a importância das marcas de propriedade em uma instituição como a FBN, analisando sua história, relatando ocorrências em que esses indicativos nos ajudaram a recuperar peças furtadas e informando sobre as atuais medidas tomadas pela instituição para garantir o uso correto e seguro dos carimbos, anotações e ex-libris. Extraíram-se dados sobre os furtos, e consequente recuperação das obras da coleção de iconografias da FBN, em jornais e nos relatórios gerenciais da FBN. Constatou-se que a despeito de todas as dificuldades que a recuperação de obras furtadas enfrenta, a FBN tem recuperado obras em momentos esparsos e em quantidades módicas. Dados do último levantamento da instituição informam que	Palavras-chave: marcas de proveniência; Fundação Biblioteca Nacional – história; furtos de materiais bibliográficos.

				foram restituídos ao acervo cerca de 10% do total furtado, o que equivale a 12 das 102 peças que foram furtadas em 2004; e 116 das 1.096 peças que foram furtadas em 2005, e o elemento que permitiu repatriar os itens roubados foi justamente o carimbo.	
04	2022	ARAUJO, J. M. G. Carimbo, sim: o carimbo como um aliado da segurança em coleções especiais. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 566-581, dez. 2022.	Carimbo, sim: o carimbo como um aliado da segurança em coleções especiais.	O objetivo central desse trabalho é apresentar o carimbo como uma importante ferramenta de segurança em coleções especiais, considerando seu lugar como marca de proveniência e a relevância de garantir que itens roubados e/ou dissociados voltem para o lugar de onde foram retirados. Para isso, entende-se que coleções especiais são aquelas construídas por itens considerados, por seu valor distinto, especiais o suficiente para serem diferenciadamente preservados; segurança como os sistemas utilizados para prevenção de danos ao acervo como roubos e dissociação; marcas de proveniência como aquelas marcas extrínsecas ao item que configuram um vestígio do pertencimento desse item à uma instituição, biblioteca e/ou coleção; e especificamente, entende-se carimbo como a inscrição, desenho, arte, etc., gravado à tinta ou à seco e também o instrumento utilizado para realizar essa gravação. Conclui-se, dessa forma, que o carimbo é uma marca de proveniência que vai além da relevância enquanto controle de itens no acervo, sendo importante ainda para a proteção da instituição, a biblioteca e o item, assegurando que este retorne ao lugar – biblioteca, coleção – de onde foi retirado, caso seja perdido em ocasião de roubo ou furto.	Palavras-chave: carimbo; coleções especiais; segurança física; marca de proveniência.
05	2022	AUQUI, G. M. T.; CHUCHON, M. E. S. Marcas de procedência: contribuições para seu estudo no Peru. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 209-238, dez. 2022.	Marcas de procedência: contribuições para seu estudo no Peru.	El presente trabajo busca dar un panorama general sobre las marcas de procedencia y en específico el Exlibris en el Perú; esto es, poner en evidencia que esta práctica cultural se dio en los diferentes periodos históricos coloniales y republicanos. Este aspecto desarrollado afronta a su vez, una grandificultad metodológica para su investigación, la cual se consigna como la razón por la cual no se ha desarrollado el estudio del exlibris en un país con una antigua cultura del libro en el continente.	Palabras-claves: marcas de procedência; Exlibris; historia del libro; Perú.

06	2019	AZEVEDO, F. C.; LOUREIRO, M. L. N. M. Afinal, os objetos falam? Reflexões sobre objetos, coleções e memória. <i>In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</i> , 20., 2019. Anais [...]. Florianópolis, SC, 2019.	Afinal, os objetos falam? Reflexões sobre objetos, coleções e memória.	Este trabalho parte do questionamento acerca da fala simbólica dos objetos assentando a ideia de que estes estão relacionados às coleções - abordadas como representações da memória. Tanto o livro impresso quanto uma peça de indumentária são considerados motivadores de colecionismo e ao longo dos anos podem ser re-significados. O objeto possuído, transformado em suas funções, passa a carregar narrativas que engendram uma eloquência que reproduz sua vida social. Ao incluir na categoria de objeto o livro impresso, produto de uma manufatura, pretende-se, por meio de uma discussão que considera a Bibliografia Material e a História do Livro, analisar o seu papel no contexto da memória das coleções e dos indivíduos. A metodologia buscou deslindar, através de uma revisão de literatura, de que maneira as trajetórias e as memórias desses objetos se constroem e como eles as expressam, isto é, como falam. Percebeu-se que, seja numa peça de indumentária ou num livro, o passado sobrevive e dialoga a partir das marcas. No caso dos livros, as marcas de proveniência, que dão voz a objetos silentes em reservas técnicas ou bibliotecas. Ao finalizarmos, confirmamos nossa questão inicial com a assertiva de que os objetos são fundamentais para a rememoração e que colecioná-los é um ato contra a dispersão e o esquecimento.	Palavras-chave: objeto; coleção; história do livro; bibliografia material.
07	2022	BASTOS, A. W. B.; <i>et al.</i> As dedicatórias manuscritas na coleção bibliográfica de Ciccillo Matarazzo: um estudo de caso biblioteca acervos especiais da Universidade de Fortaleza. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 440-466, dez. 2022.	As dedicatórias manuscritas na coleção bibliográfica de Ciccillo Matarazzo: um estudo de caso biblioteca acervos especiais da Universidade de Fortaleza.	Este trabalho tem por objetivo identificar, mapear e analisar as dedicatórias do tipo manuscritas, apostas nos exemplares de livros da biblioteca particular do industrial e mecenas ítalo-brasileiro Francisco Antônio Paulo Matarazzo Sobrinho (Ciccillo Matarazzo), coleção especial que faz parte da biblioteca Acervos Especiais da Universidade de Fortaleza. A pesquisa aborda os conceitos de cultura e bibliografia material, marcas de proveniência e coleções especiais; discorre sobre as dedicatórias na História do livro e as suas tipologias; busca mapear as redes de sociabilidade de Ciccillo Matarazzo através das dedicatórias manuscritas, identificadas na coleção bibliográfica do mecenas; utiliza a metodologia de análise bibliológica que permite relatar todas as informações acrescentadas ao livro. A partir das análises, foi possível constatar as relações de sociabilidade de Ciccillo para com escritores, artistas, críticos, e	Palavras-chave: marcas de proveniência; dedicatórias manuscritas; coleções especiais; Ciccillo Matarazzo.

				outras personalidades importantes na História da arte brasileira, onde se apresentaram diferentes tipos de conexões, tais como: vínculos afetivos, conflituosos, gratíficos e profissionais. Permitiu-se também, firmar a magnitude de Ciccillo no meio artístico do Brasil. Este artigo contribui para fomentar estudos sobre livros raros incipientes na literatura biblioteconômica no Brasil.	
08	2022	BIBAS, M. G.; AZEVEDO, F. C. A trajetória de um exemplar e outras histórias que se revelam em suas páginas. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 306-340, dez. 2022.	A trajetória de um exemplar e outras histórias que se revelam em suas páginas.	Este artigo se propõe a descrever a análise da obra <i>Histoire de l'origine et des premiers progrès de l'Imprimerie</i> , da coleção do primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, que foi trasladada da Fundação Biblioteca Nacional para a UNIRIO. A bibliografia material foi utilizada como metodologia, e de modo mais específico, para pesquisar o contexto histórico da publicação de 1740; analisar e descrever as características materiais do livro e do exemplar; identificar as marcas de proveniência e relacionar a trajetória do exemplar com a história da UNIRIO e de outras instituições a que pertenceu. A escolha do exemplar se fundamentou em uma de suas marcas de proveniência: o carimbo úmido da Real Biblioteca. Isso nos fez pensar sobre a trajetória que percorreu: impresso na Holanda, colecionado em Portugal, a chegada ao Brasil com o acervo fundador da Biblioteca Nacional brasileira, até sua permanência nas estantes da BC UNIRIO. Conclui-se que, de forma independente ou complementar, todas as marcas de proveniência nos narram a história social do livro.	Palavras-chave: marcas de proveniência; história da Biblioteconomia – Brasil; Fundação Biblioteca Nacional.
09	2022	CAMPOS, F. Feliciano Maria de Milão (1629 - 1705): na marca de posse o lema de vida. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 75-101, dez. 2022.	Feliciano Maria de Milão (1629 - 1705): na marca de posse o lema de vida.	Figura enigmática e quase mítica do século XVII português, conhece-se de D. Feliciano Maria de Milão um percurso de vida insólito para as normas sociais da época. Dela restou a memória da sua marcada cultura e, sobretudo, do espírito crítico, presente no espólio escrito que deixou, nos testemunhos da convivência que desenvolveu com personalidades da corte e, ainda, na vida religiosa que adotou em 1659, ao entrar para o mosteiro de S. Dinis de Odivelas. Não seria fácil a uma mulher no século XVII, ainda para mais sem parentes conhecidos, distinguir-se pelo espírito e pela erudição. Porém, nas respostas prontas que ficaram registradas para a posteridade e na correspondência que manteve com figuras	Palavras-chave: D. Feliciano Maria de Milão (1629-1705); marca de posse; marcas de proveniência; Portugal.

				marcantes da sociedade, é evidente que D. Feliciano de Milão teve um privilegiado acesso a obras que lhe modelaram a cultura na sua expressão oral e escrita. O encontro com livros (poucos) que lhe pertenceram, não chega para um estudo da sua biblioteca. Revelam, no entanto, a presença de literatura em língua italiana, invulgar para a época, ainda mais tratando-se de uma mulher. Revelam, sobretudo, uma marca de posse que é, em si mesma, um lema de vida: "La fortuna o lamejor o ninguna".	
10	2022	CARDOSO, T. M. M.; CORBO, P. A. B. As marcas de proveniência presentes na biblioteca histórica e nas coleções especiais do Colégio Pedro II. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 815-835, dez. 2022.	As marcas de proveniência presentes na biblioteca histórica e nas coleções especiais do Colégio Pedro II.	O presente trabalho tem por finalidade apresentar a Biblioteca Histórica do Colégio Pedro II, primeiro colégio de instrução secundária oficial do Brasil, e explorar as peculiaridades das Coleções Especiais por meio das marcas de proveniência contidas em seus 6acervos, cujas coleções estão divididas em duas partes: Coleções Especiais e Acervo Antigo. Abrange obras de assuntos gerais, nos diversos ramos do conhecimento, sendo grande parte escrita em francês. Além de obras diversas, esse acervo reúne, também, livros e periódicos do século XVI ao século XX, perfazendo um total aproximado de 20.000 volumes. Incluem-se aí textos e coleções que fundamentam a educação no Brasil desde o século XIX. As marcas de proveniência mais encontradas no corpus da pesquisa foram: carimbos úmidos, ex-libris e etiquetas de livrarias. Conclui-se que as Coleções Especiais do Colégio Pedro II têm um significado histórico para a instituição e um valor de memória inestimável para a mesma e sociedade. Constituem-se como repositório da memória institucional. As marcas permitem identificar e reconhecer as diferentes fases e reformas institucionais e educacionais, assim como as transformações sociais, políticas e culturais, retratando épocas históricas e costumes da sociedade.	Palavras-chave: marcas de proveniência; biblioteca histórica do Colégio Pedro II; história da educação – Brasil.
11	2024	CASTRO, E. V. Las marcas de procedencia en los libros de Procesa Sarmiento, como vestigios de la educación del siglo XIX en Argentina	Las marcas de procedencia en los libros de Procesa Sarmiento, como vestigios de la educación del siglo	Procesa Sarmiento (1818-1899) fue una de las primeras mujeres argentinas que, durante la segunda mitad del siglo XIX, ejerció el oficio de artista y educadora en Argentina y Chile. Actualmente su obra de enseñanza es una faceta de su vida que se está explorando. El objetivo del presente trabajo de caso es analizar cualitativamente el sentido de las marcas de procedencia en los libros de su biblioteca	Palavras-chave: Procesa Sarmiento; educación; biblioteca privada; marcas de procedencia; bibliografía material; Argentina.

		y Chile. Palabra Clave, Argentina, v. 14, n. 1, e234, 2024.	XIX en Argentina y Chile.	privada y de su esposo, Benjamín Lenoir, colección heredada por tl hijas Sofía y Victorina, y que con los años pasó a constituir parte de la biblioteca de la Casa Natal de Sarmiento (San Juan, Argentina). El paradigma tlânticas (Ginzburg, 1994) invita a reflexionar sobre estas trazas visibles en los volúmenes para elaborar ciertas hipótesis sobre el reconocimiento personal pretendido por tl dueños o tl herederos. Analizamos cómo el contexto de custodia de estos libros actúa sobre la tlânticas cultural que adquieren a partir de su incorporación en los acervos públicos. En este sentido, aquellas inscripciones funcionan como huellas indécicas de los sucesos entre siglos. Como conclusión, observamos que este acervo bibliográfico, que tlântic como instrumento de educación, nos ofrece una tl privilegiada de acceso a las vidas privadas y a la memoria de tl propietarios, como así también una posibilidad de reconstruir indicialmente aspectos clave del momento histórico en que circularon estos volúmenes.	
12	2022	CIRNE, T. O desenvolvimento da BMJVS sob a ótica de suas coleções especiais: marcas de posse e proveniência no contexto PGE-RJ. Ponto de Acesso, Salvador, v. 16, n. 3, p. 785-814, dez. 2022.	O desenvolvimento da BMJVS sob a ótica de suas coleções especiais: marca de posse e proveniência no contexto PGE-RJ.	O levantamento sobre as coleções especiais da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro (PGE-RJ) foi iniciado em 2010, quando identificou-se o acervo que pertenceu ao jurista Francisco Campos. A partir de então, foram mapeadas importantes bibliotecas particulares adquiridas pela instituição. Este artigo objetiva analisar o acervo da Biblioteca Marcos Jurueña Villela Souto (BMJVS) a partir da formação de coleções especiais no contexto da PGE-RJ. Metodologicamente, na maioria dos casos, foram analisadas as entradas administrativas das obras, a partir dos volumes de livros de tombo, fontes fidedignas que registraram a formação e desenvolvimento da BMJVS. Este procedimento permitiu mapear uma parte considerável das coleções uma vez que as colunas “observações”, que constavam nos registros, foram importantes indicadores sobre os doadores. Posteriormente, foram iniciados os procedimentos de análise material, primeiramente pela Coleção Octavio Tarquinio e Lucia Miguel Pereira, seguindo o projeto de descrição e análise (2017). Após estas etapas, ainda em curso, observou-se que a biblioteca da PGE-RJ possui 8 coleções especiais, com forte apelo histórico e de considerável vínculo com	Palavras-chave: Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro; coleções particulares; bibliotecas privadas; marcas de proveniência.

				atores ligados à trajetória da instituição. Estas coleções, com suas marcas plurais, tornam-se partes integrantes do patrimônio bibliográfico, não apenas da Procuradoria, mas de todo o estado.	
13	2022	CORREA, I. E. J.; SLAIBI, T. H. A. As marcas do tempo e a constituição de uma coleção. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 365-384, dez. 2022.	As marcas do tempo e a constituição de uma coleção.	Esta pesquisa trata do engendramento que dá visibilidade a um conjunto específico de peças no catálogo da Biblioteca Nacional: uma coleção fin-de-siècle e belle-époque, formada a partir de livros editados entre 1880 e 1920. São duas categorias que balizam o recorte concebido como corpus do projeto: as marcas do tempo literário e as marcas de proveniência. As marcas literárias estão nas obras que editaram no período indicado. As marcas de proveniência permitem reelaborar a memória da trajetória de um exemplar específico ou da coleção de uma biblioteca. Vestígios que, identificados e decodificados, possibilitam uma investigação que recupere os processos de produção, comercialização e seu pertencimento. O projeto tem como objetivo investigar de que maneira estas duas categorias se complementam, ampliando o conhecimento sobre o período e a gama de informações disponíveis no catálogo.	Palavras-chave: belle époque; coleção; fin-de-siècle; marcas de proveniência; memória.
14	2021	CORTES, M. D. F.; BRAHM, J. P. S.; NUNES, J. F. I.; SERRES, J. C. P. Ex-líbris: reminiscências do passado. Revista Memória em Rede , Pelotas, v. 13, n. 25, p. 292-311, 15 jul./dez. 2021.	Ex-líbris: reminiscências do passado.	As marcas colocadas em livros para identificar a posse pelos proprietários constituem importantes vestígios históricos para pensarmos hábitos de indivíduos no passado assim como a memória. Na nossa volta, os objetos são testemunhas da diversidade cultural e encontramos nos ex-líbris uma potencia simbólica de memória que dá sentido a uma prática social e cultural além de ser um contraponto à fluidez da vida pós-moderna. Diante disso, esse trabalho tem o objetivo de refletir sobre a prática social de utilizar e produzir ex-líbris, na contemporaneidade, a partir da perspectiva da memória. Para tanto, realizou-se uma revisão de literatura e discutiu-se conceitos fundamentais de obras de importantes teóricos, como Maurice Halbwachs, Paul Ricoeur, Joël Candau, Zygmunt Bauman, Paul Claval, Pierre Nora e François Hartog, em um texto estruturado em partes inter-relacionadas.	Palavras-chave: ex-líbris; memória; presentismo.

15	2021	CORTES, M. D. F.; NUNES, J. F. I. Discussões teóricas sobre o patrimônio e a memória em torno dos ex-líbris. BIBLOS: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 35, n. 2, p. 144-163, jul./dez. 2021.	Discussões teóricas sobre o patrimônio e a memória em torno dos ex-líbris.	Os ex-líbris estão entre as marcas de proveniência bibliográfica, deixadas em um livro, que mais possibilitam fixar, manifestar, reconhecer e evocar a memória. Além de demarcar posse, os ex-líbris podem ingressar em coleções e serem ressignificados. Diante disso, o presente estudo tem o objetivo de discutir os ex-líbris a partir de concepções teóricas da memória e do patrimônio. Essa pesquisa parte de uma revisão bibliográfica em textos de teóricos como Halbwachs (1990), Candau (2016), Ricoeur (2007), Bertinazzo (2012), Prats (2000), Melot (2004) entre outros. Como procedimentos metodológicos, os dados foram coletados in loco na Bibliotheca Rio-Grandense, onde os ex-líbris foram fotografados, por ser esse um instrumento de salvaguarda e que permite posterior análise. Dentre a coleta, foi selecionada uma amostra de ex-líbris, com diferentes temáticas, que reúne elementos que mostram, claramente, a influência dos quadros sociais da memória, na construção das lembranças do titular, manifestadas na criação da marca de posse bibliográfica. Os resultados apontam que os ex-líbris podem ser patrimônios por ressonância e constituem importantes instrumentos de representação de seus titulares, visto que seus rastros estão relacionados aos quadros sociais, assim como a metamemória na evocação de lembranças. Observou-se, especialmente, a presença do ambiente de trabalho, de lugares, de profissões e de objetos que revelam o contexto em que viveu o proprietário de livros.	Palavras-chave: ex-líbris; memória; patrimônio.
16	2019	CORTES, M. D. F.; NUNES, J. F. I. Ex-Líbris: a memória de uma técnica. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade , [S. l.], v. 5, n. 4, ed. esp., abr. 2019.	Ex-Líbris: a memória de uma técnica.	A presença de um Ex-Líbris, marca de propriedade, além de revelar uma etiqueta gráfica com técnicas de impressão específicas, designa valores estéticos e informacionais próprios da cultura visual que atraem a atenção, principalmente de colecionadores. O Ex-Líbris documenta não só a relação entre o proprietário e uma obra, documenta uma técnica, representa a arte de uma época, gostos, predileções e, sobretudo a memória gráfica. Nessa esteira, o presente estudo reflete sobre a potência destes objetos operarem como portadores de uma identidade que contém substrato para a memória social a partir de suas características de re-representação. Contemplando uma breve análise, como instância metodológica, este estudo desenvolve-se a partir da seleção de Ex-	Palavras-chave: ex-líbris; memória; identidade; cultura visual.

				Líbris brasileiros em xilogravura presentes no Museu de Arte Frederikshavn Kunstmuseum na base “The digital Ex-Líbris Museum” e aponta em tese, como conclusão parcial, que estes objetos re-apresentam um padrão estético próprio de autor, de proprietário e de técnica de produção, evidenciando aspectos da cultura visual que compõe a memória social.	
17	2023	CORTES, M. D. F.; NUNES, J. F. I. Relação entre autor e obra: marcas de autoria. Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF , [S. l.], v. 22, n. 1, p. 76-91, já./abr. 2023.	Relação entre autor e obra: marcas de autoria.	As diversas marcas encontradas em um livro nos ajudam a melhor compreender as relações estabelecidas entre os sujeitos e os objetos. Algumas podem ser adicionadas pelos proprietários ou leitores e outras, podem ser adicionadas no momento de produção de um livro, tais como as marcas de autorias que fornecem indícios de marcas de propriedade bibliográficas. Com isso, o presente artigo busca identificar as marcas de autoria presentes no Centro de Documentação e Obras Valiosas (CDOV) da Bibliotheca Pública Pelotense e refletir sobre o seu papel e importância, na materialidade do livro. Para tanto, realizou-se uma pesquisa documental e uma revisão bibliográfica em autores como Stelling (2022), Machado (2014), Febvre e Martin (1992) e outros. Constatou-se 15 marcas de autoria no referido acervo, pertencentes a homens ou instituições brasileiras, impressas em diferentes livros.	Palavras-chave: marcas de autoria; indícios de marcas de propriedade bibliográficas; ex-líbris.
18	2022	COSTA, J. Algumas marcas de proveniência bibliográfica na livraria dos Viscondes de Balsemão. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 146-168, dez. 2022.	Algumas marcas de proveniência bibliográfica na livraria dos Viscondes de Balsemão.	A primígena ‘Livraria’ dos Viscondes de Balsemão integra atualmente os fundos patrimoniais da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Portugal. Referem-se as vicissitudes que afetaram esta notável biblioteca aristocrática privada, bem como os seus principais obreiros. O objetivo principal deste trabalho é, contudo, evidenciar e analisar diversas tipologias de marcas de proveniência em alguns dos impressos da biblioteca Balsemão, referindo-se ainda itinerários de circulação de livros e conexões com antigos possuidores.	Palavras-chave: biblioteca dos Viscondes de Balsemão; marcas de proveniência; antigos possuidores; circulação de livros; história do livro e das bibliotecas.
19	2021	COUTINHO, P. A.;	Biblioteca privada e	O presente artigo analisa o colecionismo bibliográfico e estratégias	Palavras-chaves: Henry

		RANGEL, M. F. Biblioteca privada e marca de propriedade: da reunião à sua dispersão. BIBLOS: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 35, n. 2, p. 128-143, jul./dez. 2021.	marca de propriedade: da reunião à sua dispersão.	para seu reconhecimento social, tendo como objeto de análise o colecionador Henry Joseph Lynch (1878-1958). A pesquisa é de natureza qualitativa, de cunho teórico-documental, tendo como principais fontes de análise e interpretação os bens culturais, o ex libris do colecionador, jornais da época, catálogos e documentos sobre a coleção. A bibliografia consultada se distribui em temas que abordam o colecionismo, com referenciais especializados em cultura material, bibliofilia, bens culturais (coleção) e ex libris. A reunião de objetos, por meio do desejo de posse, a trajetória colecionista, as estratégias de legitimação social e, por fim, a dispersão da coleção de livros de Lynch, fazem da parte da vida social dessa coleção	Joseph Lynch; coleção de livros; ex libris.
20	2022	DOMINGUES, M. A. M. Marcas de proveniência bibliográfica e a biografia dos objetos na coleção Silvio Goldgewicht (BMJVS/PGE-RJ). Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 836-857, dez. 2022.	Marcas de proveniência bibliográfica e a biografia dos objetos na coleção Silvio Goldgewicht (BMJVS/PGE-RJ).	O artigo analisa a coleção de Silvio Goldgewicht, um ex-procurador que teve sua biblioteca particular doada à instituição para qual trabalhou por 30 anos. Esta coleção integra o conjunto de coleções especiais da Biblioteca Marcos Juruena Villela Souto (BMJVS), na PGE-RJ. Adotou-se como aportes metodológicos para análise as marcas de proveniência da Coleção Silvio Goldgewicht à luz da biografia dos objetos e da teoria pierceana. O acervo de 706 obras da Coleção Silvio Goldgewicht, doado para a PGE-RJ em 2018, é formado, principalmente por obras jurídicas. No corpus selecionado foram identificadas as seguintes marcas de proveniência: exlibris manuscritos, carimbos, etiquetas e dedicatórias manuscritas. No tocante às etiquetas pôde-se identificar três tipos: a de livreiros/livrarias, a de encadernadores, a de instituições. Em relação às dedicatórias foram encontradas ofertas tanto para o Dr. Leon (pai de Silvio), para o Dr. Silvio e para ambos, em conjunto. Conclui-se que ao falar de marcas de proveniência bibliográfica, seu estudo nos permite entender melhor um dado conjunto bibliográfico, seu tamanho, suas particularidades, como ele se desenvolveu ao longo do tempo, de modo que seja possível traçar caminhos e tentar entender como os livros circularam e chegaram a determinada coleção.	Palavras-chave: Goldgewicht, Silvio; marcas de proveniência; biografia dos objetos; teoria pierceana.
21	2022	DOMINGUES, P. T. C.; AZEVEDO, F. C.;	Tráfico ilícito de livros e as marcas de		

		SANTIAGO, M. C. Tráfico ilícito de livros e as marcas de propriedade e proveniência: entrevista com o delegado Paulo Teles de Castro Domingues. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 912-925, dez. 2022.	propriedade e proveniência: entrevista com o delegado Paulo Teles de Castro Domingues.		
22	2020	DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Patrimônio musical bibliográfico na Seção de Obras Raras da Biblioteca Fran Paxeco do Grêmio Literário e Recreativo Português em Belém do Pará: um estudo acerca de memórias e identidades em uma coleção especial. Orfeu , Florianópolis, v. 5, n. 3, p. 444-577, dez. 2020.	Patrimônio musical bibliográfico na Seção de Obras Raras da Biblioteca Fran Paxeco do Grêmio Literário e Recreativo Português em Belém do Pará: um estudo acerca de memórias e identidades em uma coleção especial.	Embora menos mencionados no campo da musicologia histórica no Brasil do que os arquivos, os acervos das bibliotecas também contêm fontes de interesse para o estudo da música. Neste trabalho, busca-se compreender a constituição da Seção de Obras Raras da Biblioteca do Grêmio Literário e Recreativo Português do Pará, observando-se indícios que sugiram ou afastem a hipótese de que os itens da seção e, mais especificamente, aqueles de interesse musical – manual de procissões, livros de teoria e libretos encadernados, datados dos séculos XVII e XVIII – tenham tido usos locais ao tempo de sua produção. Para tanto, foi pesquisa de campo no Pará e em Lisboa, recorrendo-se ainda ao quadro teórico de Cataldo e Loureiro, Mouren e Candau. Os resultados apontam para a provável aquisição dos itens bibliográficos no século XIX, que, embora não pareçam ter relação com práticas musicais locais, sua seleção reflete a afirmação intencional de uma identidade luso-amazônica.	Palavras-chave: marcas de proveniência; patrimônio musical bibliográfico; história religiosa da Amazônia; memórias, identidades e acervos; livrarias das casas religiosas de Lisboa.
23	2022	FERREIRA, F. A. Brasilidade, indigenismo e identidade visual: capas e folhas de guarda como marca de proveniência no Itamaraty (1920-1930).	Brasilidade, indigenismo e identidade visual: capas e folhas de guarda como marca de proveniência no	Busca-se entender neste artigo, por meio da análise dos elementos que compõem as encadernações e folhas de guarda aplicadas pelo Itamaraty, seu uso enquanto marcas de posse e proveniência e examiná-las como um esforço institucional de consolidar uma imagem institucional e posicioná-lo em um lugar diferenciado frente aos demais órgãos da administração pública federal. Identificou-se	Palavras-chave: encadernação; folha de guarda; memória institucional.

		Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 341-364, dez. 2022.	Itamaraty (1920 – 1930).	que os acervos arquivísticos e bibliográficos foram encadernados contendo a nova capa e folha de guarda com motivos indígenas propostos por Correia Dias. Emblemas e notações foram gravados nas capas e a douração no corte dianteiro. Conclui-se que as necessidades administrativas, como a de padronizar os formatos e as características básicas dos suportes documentais, se entendidas dentro do processo mais amplo de reformulação do próprio Itamaraty, acabaram ganhando nuances que vão muito além de sua necessidade imediata. A adoção dos elementos materiais nacionais e os padrões estilísticos utilizados por Correia Dias acabaram criando uma marca de proveniência dos documentos do órgão. Eles remetiam a uma ideia de brasilidade, ao mesmo tempo que levaram à valorização do Ministério das Relações Exteriores como uma marca. Uma marca com uma identidade visual própria e que expressava uma imagem organizacional bastante característica.	
24	2022	FLAESCHEN, J. H. F. Marcas de proveniência em coleções doadas à Biblioteca Nacional: Salvador de Mendonça e Tereza Christina Maria. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 385-403, dez. 2022.	Marcas de proveniência em coleções doadas à Biblioteca Nacional: salvador de Mendonça e Tereza Christina Maria.	Este artigo apresenta a pesquisa desenvolvida sobre a identificação das marcas de proveniência bibliográfica em duas coleções doadas à Biblioteca Nacional no século XIX. De caráter experimental, ela objetiva identificar estas marcas nas obras doadas por D. Pedro II em 1891 e Salvador de Mendonça entre 1884 e 1890 à instituição. Uma ficha técnica foi elaborada para se reunir um conjunto de registros técnicos e fotográficos durante a análise das obras. O entendimento dos procedimentos e levantamento das marcas de proveniência bibliográfica será capaz de revelar a própria história da Biblioteca Nacional, uma vez que nesses exemplares podem conter diversos testemunhos de diferentes períodos da instituição que possam contribuir com seu reconhecimento, pertencimento e segurança.	Palavras-chave: coleções bibliográficas; marcas de proveniência; coleção Tereza Christina Maria; coleção Salvador de Mendonça; Fundação Biblioteca Nacional.
25	2022	FONT, C. C. A reconstrução da biblioteca de Andrés Bello através das marcas de proveniência bibliográfica. Ponto de Acesso ,	A reconstrução da biblioteca de Andrés Bello através das marcas de proveniência	Estudo para a reconstituição da Biblioteca de Andrés Bello López, um dos maiores polímatas chilenos, a partir da análise das marcas de proveniência bibliográfica. Essa importante biblioteca pessoal no século 19 foi comprada pela Universidad de Chile após a sua morte. A metodologia utilizada para análise dos livros da área jurídica de Bello baseia-se nos catálogos mais conhecidos da biblioteca, o	Palavras-chave: marcas de proveniência; patrimônio bibliográfico; biblioteca particular; Chile.

		Salvador, v. 16, n. 3, p. 102-125, dez. 2022.	bibliográfica.	manuscrito de Barros Arana do século XIX e o estudo de Velleman de 1995. Os itens selecionados foram analisados individualmente e foram observados em conjunto a partir de um grupo interconectado de marcas de proveniência: exlibris, carimbo em baixo relevo na encadernação, anotações manuscritas, sejam comentários anotados na margem ou pequenas cruzeiras, números manuscritos indicadores da localização nas prateleiras no século XIX, estampas de estrelas, notas OPAC, e a individualidade de um exemplar único no país, aliadas a fontes historiográficas ou de conteúdo. A metodologia utilizada para os livros jurídicos pode ser utilizada para a reconstrução de toda essa biblioteca pessoal que contribuirá para o acervo científico no âmbito do direito e para recuperação do patrimônio cultural e bibliográfico hispanoamericano.	
26	2021	GARCIA, I. El fascinante mundo del libro novohispano anotado: posesión, censura y conocimiento. BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação , Rio Grande, v. 35, n. 2, p. 17-30, jul./dez. 2021.	El fascinante mundo del libro novohispano anotado: posesión, censura y conocimiento	Trabalhar com livros antigos no México, impressos e manuscritos, também requer da paleografia para compreender o significado e a representação daqueles considerados como livros anotados. Estes caracterizam-se por suas anotações, as quais indicam os livros que efetivamente foram usados no passado. Por isso, representam o testemunho mais próximo da leitura daqueles que nos precederam. Não obstante, em sua maioria, são objetos desconhecidos já que suas características não costumam ser consideradas nas descrições catalográficas. As anotações são elementos históricos de valor inestimável, agregando a cada objeto bibliográfico um valor patrimonial que só se poderá compreender mediante o estudo, caracterização e registro.	Palavras-chave: livros anotados; marcas de proveniência; cultura escrita.
27	2023	GONCALVES, M. F. O papel na capitania de Minas Gerais: identificação de proveniência a partir do estudo material da documentação avulsa da coleção casa dos contos do arquivo público mineiro	O papel na capitania de Minas Gerais: identificação de proveniência a partir do estudo material da documentação avulsa da coleção casa dos contos do arquivo público mineiro (1750-	O papel é considerado um elemento material da cultura e deve ser estudado em sua materialidade e historicidade. Esta pesquisa buscou identificar os fabricantes dos papéis utilizados pela administração pública na capitania de Minas Gerais, compreendendo a proveniência do papel a partir de análises materiais e históricas em uma perspectiva interdisciplinar, destacando os papéis italianos. A caracterização da documentação visa contribuir para o estudo do arquivo como objeto material da cultura.	Palavras-chave: papel de trapo; marcas d'água; coleção Casa dos Contos; século XVIII.

		(1750-1800). Revista Acervo (Arquivo Nacional) , Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p. 1-32, set./dez. 2023.	1800).		
28	2024	GREENHALGH, R. D. Ex-líbris em notícias: socialização nos jornais e revistas brasileiros dos séculos XIX e XX. Revista VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais , [S. l.], v. 23, n. 1, p. 84-97, 2024.	Ex-libris em notícias: socialização nos jornais e revistas brasileiros dos séculos XIX e XX.	No Brasil o interesse pelos ex-líbris foi variável e por isso, o presente trabalho buscou entender a socialização em torno destes artigos do patrimônio cultural, ao longo dos séculos XIX e XX. Portanto, foi realizada uma busca pelo termo “ex libris” na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, em todas as décadas destes dois séculos. Foram analisadas 556 notícias e matérias em jornais ou revistas, onde observou-se que a década de 1950 foi o ápice da socialização dos ex-líbris no período analisado. Os jornais cariocas foram os que mais noticiaram sobre os acontecimentos ex-libristas, trazendo informações que permitiam ao leitor se aproximar e entender os ex-líbris, mantendo colunas específicas sobre eles, em que Manuel Esteves e Alberto Lima exerceram papel relevante na divulgação do tema.	Palavras-chave: ex-libris; ex librisismo; socialização; colecionismos; periódicos.
29	2021	GREENHALGH, R. D. Homero Pires: o colecionismo bibliográfico e as marcas de proveniência. Em Questão , Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 402-431, jan./mar. 2021.	Homero Pires: o colecionismo bibliográfico e as marcas de proveniência.	O presente trabalho consiste no levantamento, descrição e análise documental das marcas de proveniência deixadas pelo político e bibliófilo Homero Pires em seus livros dos séculos XVI e XVII. Das 165 obras deste período presentes na Seção de Obras Raras da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB), 92 pertenceram ao referido colecionador. Além das anotações e marcas de posse deixadas pelo bibliófilo, também foram observadas as marcas de proveniência dos que anteriormente tiveram contato com os exemplares. Portanto, verificou-se, entre outras coisas, que essas marcas apresentam informações relevantes sobre a circulação de livros, sobre as práticas do colecionismo bibliográfico e sobre a venda de livros raros no Brasil na primeira metade do século XX.	Palavras-chave: Homero Pires; Bibliofilia; livros raros; marcas de proveniência; bibliografia material.
30	2022	HELDE, R. R. V.; PEREIRA, S. F. Marcas de proveniência	Marcas de proveniência bibliográfica no	Este artigo elenca as marcas de proveniência bibliográfica descritas no Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional, gerenciado pelo Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras da Biblioteca	Palavras-chave: catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional; marcas de

		bibliográfica no catálogo do patrimônio bibliográfico nacional (CPBN). Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 689-710, dez. 2022.	catálogo do patrimônio bibliográfico nacional (CPBN).	Nacional brasileira. A metodologia empregada foi o cotejamento item a item dos registros existentes, identificação, categorização, estruturação e quantificação. Foi observada a falta de padronização na entrada de dados, o que acarreta dificuldades na recuperação da informação. Verificou-se a necessidade de conscientizar as instituições cadastradas, da imprescindibilidade de rotinas de análise e descrição bibliográfica, como forma de segurança e conhecimento da importância e trajetória dos acervos, tendo em vista que menos da metade das instituições identificadas realizam esta prática.	proveniência; bibliografia material; descrição bibliográfica; segurança de acervo.
31	2022	HULVEY, M. Os desafios do estudo das proveniências para a história do comércio do livro na França no Renascimento: algumas linhas de pesquisa. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 169-185, dez. 2022.	Os desafios do estudo das proveniências para a história do comércio do livro na França no renascimento: algumas linhas de pesquisa.	O estudo das origens inclui sistematicamente qualquer indicação de apropriação, leitura ou utilização de obras, mas também qualquer indicação de compra, venda ou circulação, evolução resultante de uma melhor apreciação da importância material de cada exemplar e do valor da informação que contém. A base de dados 'Proveniência dos Livros Antigos' da Biblioteca de Lyon foi colocada online para mostrar a identidade dos antigos proprietários das coleções já conhecidas, mas também para revelar outras sem notoriedade. A colaboração sistemática em torno das proveniências surgiu na Europa com a adesão de estruturas federativas e europeias, ao lado de iniciativas nacionais francesas. A compreensão da circulação das obras até Lyon e as técnicas de comercialização dos livros em escala europeia requer o exame destes fenômenos desde a sua origem, recuando até o surgimento do sucesso comercial do livro de Lyon durante o último quarto do século XV. O estudo dos elementos materiais e marcas de proveniência de toda espécie que se conservam nos volumes poderiam completar os dados disponíveis neste campo. Palavras-chave: Marcas de proveniência. Circulação e comércio de livros. Biblioteca Municipal de Lyon.	Palavras-chave: marcas de proveniência; circulação e comércio de livros; Biblioteca Municipal de Lyon.
32	2022	JUVENCIO, C. H.; ARAUJO, A. V. F. Marcas de proveniência como vestígios de uma história: a trajetória da coleção de Ernesto Senna. Ponto de	Marcas de proveniência como vestígios de uma história: a trajetória da coleção de Ernesto	Este artigo tem por objetivo compreender como as marcas de proveniência evocam e fortalecem a memória da Coleção Ernesto Senna e permitem que sua trajetória não seja esquecida. Ernesto Senna foi um eminente jornalista carioca que participou ativamente da cultura e política brasileira na transição do Império à República. Adotou-se o paradigma indiciário como metodologia, de origem	Palavras-chave: Serra, Ernesto (1858-1913); jornalista – biografia – Brasil; marcas de proveniência; colecionismo.

		Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 483-504, dez. 2022.	Senna.	historiográfica, plenamente convergente ao campo de estudos das marcas de proveniência. Obteve-se os seguintes resultados: 1) a Coleção Ernesto Senna sinaliza que o estudo das marcas proveniência pode ser aplicado para além do livro impresso e se abre a documentos de outras naturezas – o que pode impor novos desafios metodológicos; 2) confirma-se nossa perspectiva teórica de que a dimensão imaterial e material dos documentos se retroalimentam. Conclui-se que os estudos das marcas de proveniência possuem dimensões não apenas técnicas a partir da observação da materialidade dos documentos, mas constituem um campo de investigação por excelência. Portanto, é um campo que possui dimensão interdisciplinar e colaborativa, na medida em que “empresta” conhecimentos oriundos de outras disciplinas e formula conhecimentos próprios e especializados.	
33	2022	LOSE, A. D.; SOUZA, A. S. O manuscrito no impresso: conhecer paleografia para compreender as marcas de proveniência. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 284-305, dez. 2022.	O manuscrito no impresso: conhecer paleografia para compreender as marcas de proveniência.	O artigo apresenta uma abordagem inovadora ao demonstrar que manuscritos também são passíveis de servir como objeto de estudo a depreensão de marcas de proveniência. Procedeu-se a bibliografia material de dois manuscritos pertencentes ao Acervo do Mosteiro de São Bento da Bahia: a) Um exemplar seiscentista da obra <i>Fusceiudicia Duns Scotus</i> , de autoria do Frei Nicolau de Orbellis, apresenta exlibris manuscrito do frei Benedicti de Jesu; b) A obra <i>Don Severini Boethii viri illvstris de consolatione philosophiae libri quinque, luculentissimis Iohannis Murmelii</i> , de Rodolphi Agricolae, foi ao prelo em Colônia, na oficina de Eucharri Ceruicorni. A publicação traz a data de 1535, e o exemplar apresenta, pelo menos, seis potenciais indicações de posse lançadas na parte interna da capa, na página de rosto e na guarda posterior. Contatou-se em ambos os manuscritos analisados a presença de marginálias e ex-libris, no entanto o segundo manuscrito apresentou o diferencial de conter carimbo de propriedade. Conclui-se que a interface entre Paleografia e Biblioteconomia, por serem disciplinas que investigam a escrita, o texto e o livro mostraram-se necessárias à compreensão da história de um exemplar e de uma obra analisada. É possível contar parte da história de como uma obra circulou em diversas épocas e de como um exemplar foi lido por diversas mãos, por meio de que estratégias	Palavras-chave: marcas de proveniência; Paleografia; manuscritos.

				de grifo, de registro de posse, de gestos materiais de apropriação que tornam complexa a história da leitura e da escrita no contexto observado.	
34	2022	LOUREIRO, M. L. N. M. O livro como objeto: uma abordagem para além do conteúdo. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 239-261, dez. 2022.	O livro como objeto: uma abordagem para além do conteúdo.	Refletir sobre os livros como objetos implica em reconhecer que, de alguma forma, são comparáveis a todo e qualquer objeto criado para cumprir as mais diferentes funções, que podem ser produzidos em série e comercializados, ou seja, tratados como mercadoria. O presente artigo visa analisar o conceito de livro do ponto de vista da documentação a luz do ponto de vista de teóricos de variadas áreas do conhecimento humano, a saber: Documentação, Ciência da Informação, Arqueologia e Museologia etc. Foi feita uma revisão de literatura acerca do livro como documento, reunindo documentalistas, historiadores e profissionais da informação. Conclui-se que Marcas de proveniência singularizam o livro, ao vinculá-lo a um proprietário particular ou a uma biblioteca. Desde que examinados como objetos, a abordagem museológica pode ser aplicada também aos livros, assinalando não apenas aspectos genéricos como o momento de sua criação/autoria, fabricação/publicação, mas, sobretudo, informações sobre a trajetória individual de um exemplar a partir de informações disponíveis sobre sua aquisição - marco da sua passagem de mercadoria a objeto singular.	Palavras-chave: livro; cultura material; musealização; documentação.
35	2022	LOURENÇO, M. S.; FONSECA, V. M. M. da. Arte e história nas marcas gráficas do Arquivo Nacional. Acervo , Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 207-222, jan./jul. 2016.	Arte e história nas marcas gráficas do Arquivo Nacional.	Em 1886, o Arquivo Nacional lança sua primeira iniciativa editorial, a série Publicações do Arquivo Nacional. De 1912 a 1937, os livros dessa série irão apresentar, na folha de rosto, uma marca editorial, muito semelhante ao ex-libris usado na biblioteca da instituição. Tanto a marca como o ex-libris são bastante parecidos, ambos do pintor Rodolfo Amoedo. A análise dos símbolos utilizados pode contribuir para se compreender como o Arquivo Nacional percebia seu papel social e desejava ser visto pela sociedade.	Palavras-chave: Arquivo Nacional (Brasil); ex-libris; marcas gráficas; Rodolfo Amoedo (1857-1941); produção editorial.
36	2022	MAZONNI, V. S. S.; AZEVEDO, F. C.; LOSE, A. D. Um detalhe, uma	Um detalhe, uma história: a etiqueta de dois livreiros na	A partir de estudo feito na Biblioteca do Monsenhor Manoel Aquino Barbosa, o artigo apresenta uma discussão teórica acerca das marcas de proveniência e contexto das marcas de posse e	Palavras-chave: etiquetas de livreiros; marcas de circulação; marcas de

		história: a etiqueta de dois livreiros na província da Bahia, Pogetti e Dois Mundos. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 532-565, dez. 2022.	província da Bahia, Pogetti e dois mundos.	circulação. Esta visa a expor algumas propostas epistemológicas sobre esses conceitos por vezes tratados de forma difusa. Nesse contexto, expõe as potencialidades de pesquisa que vão além do conteúdo das obras - o que coloca em julgamento a perigosa ideia de obsolescência meramente baseada no texto dos livros. Para tal, pelo método da observação e coleta de amostragem, usa como exemplo as etiquetas de duas livrarias/editoras que existiram e tiveram grande circulação na cidade de Salvador. O resultado aponta para algo que teóricos da área de Bibliografia Material mencionaram há décadas, o livro como objeto é muito mais que texto, o caráter informacional dele é muito superior ao que se supõem. Por essa razão, nas considerações finais não poder-se-ia deixar de questionar o que tem sido perdido em bibliotecas que ainda jazem silentes, ou pior, foram destruídas pelo apagamento criminoso do descarte maciço, sem critério plausível.	proveniência.
37	2022	MEDAN, D. Marcas de libreros en la biblioteca Arata. Ponto de Acesso , v. 16, n. 3, p. 126-145, dez. 2022.	Marcas de livreiros na biblioteca Arata.	Estudio de las marcas de libreros de la biblioteca privada Pedro N. Arata formada en Buenos Aires. En 1946, una fracción fue donada a la Universidad de Buenos Aires. Relativamente rica en marcas de libreros, ahora está ubicada en la Facultad de Agronomía. Las marcas de libreros se analizaron a partir de las variables: localización y nombre de la librería, forma, formato físico y color de la marca, su contenido textual, y el número de obras en que se registró. El corpus de 1070 obras reveló 361 marcas diferentes, representativas de 157 librerías de 41 ciudades ubicadas en 17 países. Se analizaron las librerías argentinas según su distribución en el tiempo, la existencia de complejos de librerías ligadas entre sí, su dispersión en el espacio de la ciudad, y la tipología de las marcas. El análisis de las marcas no amplió significativamente el conocimiento de los hábitos de Arata como lector. Sin embargo, presentaba a un curioso buscador, que exploraba librerías pequeñas y modestas, al tiempo que se mantenía como cliente fiel de un grupo reducido de proveedores especializados y altamente profesionales. Las colecciones de exlibris y marcas de libreros, entre otras, son herramientas útiles para los investigadores.	Palavras-chave: marcas de libreros; biblioteca privada; Argentina.

38	2022	MEDEIROS, J.; FUJINO, A. Contribuição das marcas de proveniência na ressignificação de acervos bibliográficos: um estudo na coleção Vital Brazil da biblioteca do Instituto Butantan. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 404-439, dez. 2022.	Contribuição das marcas de proveniência na ressignificação de acervos bibliográficos: um estudo na coleção Vital Brazil da biblioteca do Instituto Butantan.	Identificar as marcas de proveniência existentes nos livros da Coleção Vital Brazil do Instituto Butantan é o objetivo deste artigo. Constatou-se que os exemplares que compõem a coleção apresentam uma gama diversificada de marcas de proveniência, entre as quais etiquetas de livrarias; selos do extinto setor de Gráfica e Encadernação da instituição, permitindo resgatar vestígios que relacionam a Biblioteca a outros setores, favorecendo a preservação da memória de uma área que atuou diretamente com o acervo; e inscrições ainda sob análise, como marcações numéricas que podem remeter a indicações temporais e organizacionais das obras em que estão presentes, o que favorece múltiplas possibilidades de pesquisas, configurando-se como objeto de estudos a partir de diversos prismas. Identificou-se 22 exemplares dedicados a Vital Brazil, dentre os quais 10 foram escritas pelos próprios autores das publicações. Conclui-se as marcas de proveniência, a nosso ver, têm dupla função informativa: na perspectiva administrativa, evidenciam o processo de institucionalização ao qual o livro foi submetido, na medida em que definem propriedade e atribuem à obra o sentido de pertencimento à coleção; e na perspectiva histórica - temporal, possibilitam evidenciar as múltiplas interações ao longo do tempo, portanto contextualizadas, entre o livro, os autores, os proprietários (individuais ou institucionais) e os leitores, e, com isso, conferem outros significados à obra, o que possibilita a construção de uma narrativa para além de critérios meramente administrativos de desenvolvimento de coleções e define seu potencial de contribuir para a ressignificação dos acervos.	Palavras-chave: Brazil, Vital, 1865-1960; marcas de proveniência; bibliotecas particulares; acervos científicos.
39	2025	MEYER RIERA, A. El ser escritor y el ser lector. marcas de procedencia en las colecciones bibliográficas azorianas. Información, Cultura y Sociedad , Argentina, n. 52, jun. 2025.	El Ser escritor y el Ser lector Marcas de tlânticas en las colecciones bibliográficas azorianas.	La escritura es un lenguaje gráfico que, como forma de actividad humana, posee la facultad de significar el pensamiento y de expresar los fenómenos del espíritu, además de crear actos que, como verdaderos, emergen a modo de genuinas reflexiones. Sustentada por diversos soportes (esculpida, tallada, manuscrita o impresa), la escritura transporta un mensaje a través del tiempo, concediéndole permanencia y materialidad, posibilitando la conexión entre el escritor/productor y el lector. Será el lector quien deba transformar e	Palavras clave: marcas de procedencia; marcas de uso; Patrimonio Bibliográfico; cultural escrita; Azores.

				interpretar la palabra, y al tiempo traducir la información en conocimiento, en creencia, en arte, en ética o en entretenimiento. En la presente investigación se aborda la existencia del documento-libro como objeto pensado, escrito, editado, encuadernado, comercializado o resguardado para ser leído y usado, portador de marcas de procedencia que evidencian la naturaleza de las relaciones del objeto con remoto(s) poseedore(s) y eventual(es) usuario(s). El estudio de las marcas encontradas en algunos ejemplares documentales albergados en el archipiélago portugués de las Azores, tales como inscripciones, exlibris, sellos, etiquetas, anotaciones, dedicatorias e intervenciones varias, no solo favorece la construcción de la historia de las colecciones. De su análisis resulta la identificación de personalidades lectoras que poblaron las islas atlánticas.	
40	2022	MONIZ, F. F. S. "O latim em ex-libris": fundamentos teórico-metodológicos da oficina. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 262-283, dez. 2022.	O latim em ex-libris: fundamentos teórico-metodológicos da oficina.	Neste artigo, objetivamos abordar os fundamentos teórico metodológicos que nortearam a elaboração da oficina "O Latim em ex-libris", ministrada em 22 de outubro de 2020, durante o ciclo de palestras "As Marcas de Proveniência e a Cultura Material". Concebemos essa oficina com base na metodologia de ensino de língua instrumental e destinamo-na a sensibilizar os participantes quanto à presença, em ex-libris, de abreviaturas e de alusões literárias a obras latinas. Ao longo da exposição, salientamos alguns cuidados e protocolos a serem considerados pelos profissionais que lidam com ex-libris que se encontrem em latim e que contenham abreviaturas e alusões literárias. Neste trabalho, recuperaremos um pouco dessa discussão feita em nossa oficina.	Palavras-chave: Latim; ensino do Latim; ex-libris.
41	2017	MULIN, R. B. Ex-líbris: a desconhecida arte, tão antiga como o próprio livro. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , São Paulo, v. 13, n. 1, p. 64-	Ex-Líbris: a desconhecida arte, tão antiga como o próprio livro.	Este artigo pretende divulgar e tecer um panorama histórico do ex-libris, desde o seu surgimento na Europa. Também conhecido como bookplate, é definido como uma pequena etiqueta de papel, tão antiga como o próprio livro. Destaca a importância do artista germânico Albrecht Dürer, no florescimento desta arte e, dos seus trabalhos considerados de extrema elegância, com estética perfeita. Discorre sobre os tipos de exlibris, caracterizados pelas diferentes	Palavras-chave: ex-líbris. bookplates; Dürer, Albrecht; biblioteca George Alexander; Universidade Presbiteriana Mackenzie; Sresnewsky, Igor.

		81, jan./jun. 2017.		ilustrações que os compõem, e sobre as técnicas mais utilizadas na sua elaboração. Expõe alguns ex-líbris de personalidades famosas e aborda sobre o surgimento desta arte no Brasil, seu declínio e a situação atual. Apresenta e analisa o ex-líbris da Biblioteca George Alexander, da Universidade Presbiteriana, o qual motivou a realização dessa pesquisa	
42	2022	NAPOLEONE, L. M.; BEFFA, M. L. Livros e bibliotecas como patrimônio cultural. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 621-653, dez. 2022.	Livros e bibliotecas como patrimônio cultural.	Uma sistematização de reflexões sobre patrimônio bibliográfico surgidas da prática profissional através de estudo exploratório com enfoque qualitativo, com apoio de pesquisa bibliográfica, combinada com observação e análise de exemplos dos acervos da Biblioteca da Faculdade de Direito da USP e da Biblioteca do TRF3. Inicialmente, o conceito de patrimônio bibliográfico é analisado a partir de textos legais e da literatura. Passa-se à discussão da visão do patrimônio bibliográfico e documental como uma grande zona cinzenta, que representa a indefinição, lacunas e incompletude do conceito de patrimônio bibliográfico e documental. Aborda os aspectos da raridade absoluta e raridade relativa, os critérios de recorte cronológico, de valoração cultural e de análise das marcas de proveniência bibliográfica, a memória institucional, a literatura cinzenta, a organização do conhecimento, as instituições de custódia e os níveis de memória, tratamento e descrição. Evidencia a múltipla função dos livros e bibliotecas e destaca a importância do contexto onde itens, coleções e bibliotecas estão inseridos para análise do patrimônio bibliográfico.	Palavras-chave: patrimônio bibliográfico; níveis de memória; critérios de raridade.
43	2021	NAVARRO BONILLA, D.; MOÑOZ VELA, C. Libros de letras y letras en el libro: anotaciones caligráficas en manuales y artes de escritura (siglos XVI-XVIII). Investigación Bibliotecológica: Archivonomía, Bibliotecología e	Libros de letras y letras en el libro: anotaciones caligráficas en manuales y artes de escritura (siglos XVI-XVIII).	El estudio material de los contenidos impresos en los tratados de caligrafía y las artes de escritura de la Europa moderna revitaliza el alcance y significación de sus anotaciones manuscritas marginales para comprender múltiples aspectos ligados con la recepción y uso real de estos materiales de aprendizaje escriturario por emulación. Como parte de una investigación de mayor alcance, este artículo se centra en la dialéctica entre el tratado impreso y las múltiples señales manuscritas imitativas de uso efectivo de aquellos ejemplares, lo que sugiere un conjunto de prácticas tradicionalmente consideradas secundarias o de importancia limitada pero imprescindibles para	Palavras-chave: marginalia; caligrafia; marcas de procedencia; práticas de lectura.

		Información, México, v. 35, n. 87, p. 107-128, abr./jun. 2021.		reconstruir la historia de la cultura escrita.	
44	2022	OLIVEIRA, H. S.; CAVALCANTE, L. E. Ex-libris: uma revisão integrativa. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 20, e022022, 2022.	Ex-libris: uma revisão integrativa.	O presente trabalho trata-se de uma revisão integrativa sobre estudos atuais do ex-libris, marca de proveniência e propriedade de livros que representam, por meio de imagem e/ou inscrições, os donos desses dispositivos. Objetivo: Apresentar revisão integrativa sobre estudos atuais do ex-libris. Metodologia: No que concerne a esse tipo de pesquisa bibliográfica, apresenta a verificação e análise de estudos realizados acerca do ex-libris em periódicos brasileiros e internacionais, entre 2015 e 2022, utilizando documentos provenientes de revistas indexadas no Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e no buscador Google Acadêmico. Resultados: A busca nas bases resultou em 14 artigos científicos que atenderam a todos os critérios estabelecidos. Apresentamos os resultados da busca na íntegra para melhor visualização dos dados que virão a ser discutidos. Conclusão: Conclui que o ex-libris é um objeto de pesquisa com possibilidades multidisciplinares, relacionando diferentes campos do conhecimento, inclusive para fins pedagógicos. Os resultados também demonstram a relevante presença do Brasil em estudos atuais sobre essa temática, entretanto, a escassa quantidade de documentos recuperados reflete, ainda, a limitação da produção científica sobre esse objeto.	Palavras-chave: ex-libris; marcas de proveniência; marcas de propriedade; revisão integrativa.
45	2024	OLIVEIRA, H. S.; CAVALCANTE, L. E. O ex-libris no Ceará: vestígios de uma história cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24.,	O ex-libris no Ceará: vestígios de uma história cultural.	A história das bibliotecas particulares e dos bibliófilos cearenses é um campo que, embora já tenha sido explorado por alguns, ainda tem muito a revelar. Portanto, com este trabalho, pretendemos reconstituir, por meio de vestígios, um pouco da história cultural do ex-libris no Estado. Nesse sentido, tem-se como objetivo geral a recomposição parcial da trajetória do exlibrismo no Estado do Ceará a partir da descrição de alguns ex-libris de cearenses. Apresentamos dados recuperados por meio de uma pesquisa realizada em jornais brasileiros das décadas de 1940 e 1950, nos quais buscamos maiores informações sobre a prática exlibrista no Estado. Em	Palavras-chave: marcas de proveniência; ex-libris; história cultural.

		2024. Vitória-ES. Anais [...]. Vitória-ES: UFES, 2024.		seguida, realizamos a descrição e análise de ex-libris de cearenses que não se encontram em um acervo específico, buscando ilustrar a relevância da recuperação dessas informações para a história cultural de uma região. Concluimos que além da inclusão do ex-libris em catálogos bibliográficos, é importante que estes sejam descritos, de preferência, seguindo alguma metodologia padronizada, uma vez que a partir de uma pequena obra de arte é possível reconstituir memórias, importantes para auxiliar na construção da história cultural.	
46	2022	PEREIRA, P. H. R.; DUARTE, C. H. D. A biblioteca pessoal do Visconde do Rio Branco: fluxos de ideias na política imperial. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 467-482, dez. 2022.	A biblioteca pessoal do Visconde do Rio Branco: fluxos de ideias na política imperial.	O presente artigo busca analisar a construção e o diálogo de ideias na política do Brasil Império, a partir do acervo específico da biblioteca particular de José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco (1819- 1880), figura síntese da elite imperial. Considerando sua influência em processos como a construção da Paz Platina e a Lei do Ventre Livre, as marcas de proveniência e as anotações de sua biblioteca, hoje no acervo do Ministério das Relações Exteriores no Rio de Janeiro, serão interpretadas e relacionadas com sua atuação política, diplomática e jurídica, além de sua formação intelectual e diálogo com outros atores da época. Com isso, procura-se demonstrar um panorama da construção da história e dos eventos de seu tempo a partir de sua relação com os livros e de seu ex-libris a suas notas e correções.	Palavras-chave: Visconde do Rio Branco; Lei do Ventre Livre; história da diplomacia; história do Direito; Brasil Império.
47	1970	QUINTANA, J. M. Un ex-librista y los ex-libris. Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas , México, dez. 1970.	Un ex-librista y los ex-libris. Boletín del Instituto de Investigaciones.	-	-
48		RODRIGUES, M. C.; VIAN, A. E.; TEIXEIRA, H. D. Marcas de procedência: contribuições para o	Marcas de procedência: contribuições para o estudo do livro raro.	Apresentar os resultados parciais da pesquisa intitulada “Contexto, situação e perspectivas dos acervos bibliográficos raros pertencentes às universidades gaúchas”, que teve início no ano de 2017, especialmente no que se refere às marcas de procedência.	Palavras- chave: livros raros; raridade bibliográfica; marcas de procedência.

		estudo do livro raro. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis/SC, v. 25, p. 01-20, 2020.			
49	2021	RODRIGUES, M. <i>et al.</i> Desenvolvimento de um sistema de armazenamento e reconhecimento de marcas de proveniência em acervos bibliográficos. Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas , Portugal, v. 3, n. esp, p. 155-158, 2021.	Desenvolvimento de um sistema de armazenamento e reconhecimento de marcas de proveniência em acervos bibliográficos.	Este trabalho objetiva apresentar um Sistema de Armazenamento e Reconhecimento de Marcas de Proveniência. Tal Sistema é composto de um Repositório de dados on-line, um Aplicativo móvel (app) e um servidor de aplicação web para processamento de imagens. Para a construção do aporte teórico, fez-se uso de revisão bibliográfica e documental. O Repositório possibilitará que usuários e instituições depositem registros fotográficos de suas marcas, consultem e colham metadados de registros de marcas já disponíveis. O app será utilizado exclusivamente para reconhecimento das marcas de proveniência registradas no Repositório. O estudo das marcas de proveniência em acervos bibliográficos abrange investigações sobre as trajetórias de uso e posse percorridas pelo livro ao longo de sua existência e possibilita conhecer preferências e modismos que, historicamente, influenciaram leitores e bibliotecas. Nesse sentido, o uso de ferramentas tecnológicas auxilia o profissional na obtenção de informações sobre exemplares e suas marcas.	Palavras-chave: acervos bibliográficos; história do livro; marcas de propriedade; marcas de proveniência.
50	2025	RUIZ CORONA, V. Marcas de propiedad en el Fondo Reservado de Libros de la biblioteca Gregorio Torres Quintero de la Universidad Pedagógica Nacional. Investigación Bibliotecológica: Archivonomía,	Marcas de propiedad en el fondo reservado de libros de la biblioteca gregorio torres quintero de la universidad pedagógica nacional. Investigación.	El objetivo del presente artículo es identificar las marcas de propiedad que integran el Fondo Reservado de Libros de la Biblioteca Gregorio Torres Quintero de la Universidad Pedagógica Nacional para establecer los fondos documentales que forman parte de su patrimonio bibliográfico. Se realizó la revisión integral de los 1 311 libros de la colección y registró, en la información del ejemplar y en el registro bibliográfico, la marca o marcas de propiedad relacionadas con el libro. Como resultado de este proceso, identificamos cuarenta y nueve marcas de propiedad, treinta y seis de las cuales responden a sellos institucionales, doce a exlibris	Palavras -chave: marcas de propiedad; historia de la biblioteca Gregorio Torres Quintero; bibliotecas de pedagogía; dispersión bibliográfica.

		Bibliotecología e Información, México, v. 39, n. 103, p. 43-65, abr./jun. 2025.		personales y una marca de fuego. La identificación de las marcas de propiedad em el Fondo Reservado de Libros de la Biblioteca Gregorio Torres Quintero nos permitió trazar los antecedentes históricos de la Universidad Pedagógica Nacional, contribuyendo al estudio de la historia de la educación en México y al campo de la historia de las bibliotecas especializadas en pedagogía en México.	
51	2024	SALGADO RUELAS, S. M. La Coleccion Lafragua de la Biblioteca Nacional de Mexico: su organizacion y estado actual. Investigación Bibliotecológica: Archivonomía, Bibliotecología e Información, México, v. 38, n. 101, oct./dic. 2024.	La coleccion lafragua de la biblioteca nacional de México: su organizacion y estado actual.	La Colección Lafragua es uno de los primeros conjuntos bibliográficos especiales incorporados al acervo de la Biblioteca Nacional de México como herencia de su creador, José María Lafragua [1813-1875]; ingresó acompañada de dos catálogos manuscritos que dan cuenta de su riqueza como patrimonio documental. En la segunda mitad del siglo XX se organizó el 75 % de las 1 580 misceláneas que conforman el corpus y en el año 2021, en plena pandemia de COVID-19, se retomó la sistematización de la parte no registrada con una perspectiva bibliográfica actualizada, basada en la identificación de las marcas de propiedad y las procedencias, así como en el registro de preliminares legales y paratextos literarios. Se usó el Sistema Integrado de Gestión Bibliotecaria Koha de manera remota para incorporar las descripciones y el análisis de cada recurso, también se avanzó en la organización de los corpus correspondientes a la época virreinal y a la moderna que sobrepasaban la fecha de fallecimiento de José María Lafragua. Actualmente hay 19 191 registros de impresos bibliográficos y manuscritos fechados de 1575 a 1925, una suma de 350 años de patrimonio escrito producido en América, Europa y Asia, procedente principalmente de España, Filipinas y México, compilado por José María Lafragua y posteriormente acrecentado con ejemplares de otras colecciones de la Biblioteca Nacional de México	Palavras-chaves: José María Lafragua; colección Lafragua; biblioteca nacional de México; patrimonio documental.
52	2023	SAMPAIO, D. B.; SOUSA, A. C. M. Suspenderam os jardins da Babilônia:	Suspenderam os jardins da babilônia: limítrofes	De caráter exploratório e documental, busca responder ao questionamento: quais os limítrofes informacionais, impostos pela Divisão de Censura de Diversões Públicas, que incidiam sobre as	Palavras-chave: memória; Ditadura Militar Brasileira. música popular Brasileira;

		limítrofes informacionais e censura da Ditadura Militar às músicas de Rita Lee. <i>In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</i>, 23., 2023, Anais [...]. Aracaju: Ancib, 2023.	informacionais e censura da ditadura militar às músicas de Rita Lee.	músicas de Rita Lee? Tem como objetivo geral analisar as letras das músicas da compositora e intérprete, Rita Lee, censuradas pela Ditadura Militar e como objetivos específicos: levantar, na Plataforma Memórias Reveladas, as músicas compostas e / ou interpretadas por Rita Lee, que foram censuradas pela Ditadura Militar; discutir, à luz da memória e da identidade, as nuances e metáforas contidas nestas músicas, que se postam diante da Ditadura Militar. Os documentos analisados revelam vestígios de memória, marcas de proveniência, contexto histórico e político de produção ao indicar a tramitação que eram submetidas as criações artísticas no período da Ditadura Militar. Os achados revelam que Rita Lee foi uma artista perseguida e censurada pela Ditadura Militar, especialmente por tratar de temáticas relacionadas ao desejo da mulher e a expressão de sua sexualidade. Conclui-se que a Ditadura Militar exerceu um papel moralista muito proeminente em relação às mulheres, interditando suas vivências que eram impressas nos produtos culturais da época.	Censura; Rita Lee.
53	2024	SANTOS, C. R.; TRAMONTINI, V. R. P.; ALBUQUERQUE, A. C. Caleidoscópio teórico: uma aproximação teórica acerca das marcas de proveniência no contexto da Organização do Conhecimento. <i>In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</i>, 24., 2024, Anais [...]. Vitória, ES: UFES, 2024.	Caleidoscópio teórico: uma aproximação teórica acerca das marcas de proveniência no contexto da Organização do Conhecimento.	As marcas de proveniência, como ex-líbris, anotações e carimbos, atuam como testemunhos silenciosos, revelando um universo de significados que enriquecem a experiência de leitura. Partindo desta premissa, estabelece-se como fio condutor a seguinte questão: quais paralelos temáticos há na literatura da Ciência da Informação quando interseccionadas às marcas de proveniência e a Organização e Representação do Conhecimento? Neste contexto, este estudo visa identificar a intersecção entre marcas de proveniência e a Organização e Representação do Conhecimento. Os resultados parciais identificaram a temática vinculada à Catalogação. O catalogar se destaca, mas estão implícitas também a classificação e a indexação, pois estas ações estão relacionadas ao processo de Catalogação. Neste raciocínio, há ainda a presença dos metadados no processo de Catalogação, bem como o controle de vocabulário; ou seja, há vários desdobramentos nos quais as marcas de proveniência possuem potencial de enriquecimento.	Palavras-chave: marcas de proveniência; Organização e Representação do Conhecimento; catalogação.

54	2012	SERRA, L. G. Digilibris: reconhecimento de ex Libris utilizando técnicas de biometria. Brazilian Journal of Information Science , Marília (SP), v. 6, n. 1, p. 67-84, jan./jun. 2012.	Digilibris: reconhecimento de ex libris utilizando técnicas de biometria.	This paper analyses bookplates, their source and history and discuss the feasibility of applying biometric technology, especially fingerprint recognition, as a tool to provide engraving identification in a database, strengthening the process of piece recognition	Palavras: chave: bookplates; fingerprints; image recognition; ex libris; biometry.
55	2025	SILVA, M. T.; OLIVEIRA, B. M. J. F. Arquivos a biblioteca privativa de Francisco Brennand: formação da coleção. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia , João Pessoa, v. 20, n. 4, p. 23-44, 2025.	Arquivos a biblioteca privativa de Francisco Brennan: formação da coleção.	O artigo apresenta resultados preliminares de uma pesquisa em andamento sobre a biblioteca privativa de Francisco Brennand, entendida como um espaço de memória, criação e diálogo intelectual. O estudo investiga investigar o patrimônio bibliográfico-documental de Francisco Brennand, especialmente o que consta do ateliê do Artista, enquanto narrativas infomemoriais possíveis de sua vida e obra, considerando os processos de formação do acervo, os critérios de constituição da coleção, as escolhas temáticas e as marcas de uso, visando compreender as práticas de leitura e as referências intelectuais do artista. A pesquisa metodologicamente adota a pesquisa etnográfica dos arquivos e insere-se na linha Memória da Informação Científica e Tecnológica do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPE e contribui para os estudos sobre bibliotecas pessoais como fontes para a história cultural e os processos criativos. Francisco Brennand (1927–2019) foi um artista de reconhecimento nacional e internacional, com vasta produção artística e inúmeras premiações. Sua obra concentra-se na Oficina Cerâmica Brennand, espaço criado e transformado pelo próprio artista a partir da antiga Cerâmica São João, concebido como local de trabalho, memória e criação contínua, marcado por forte simbolismo e referências à infância. Além do acervo artístico, a Oficina abriga um expressivo patrimônio bibliográfico-documental, composto por mais de quatro mil itens entre livros, documentos e registros diversos. Formada e preservada pelo próprio Brennand, essa coleção privada acompanha sua trajetória de vida e criação, configurando-se como uma narrativa infomemorial fundamental para	Palavras-chave: biblioteca privativa; biblioteca particular; Francisco Brennand; memórias de leituras; marcas de proveniência.

				a compreensão de sua obra e de seus processos criativos.	
56	2022	SILVA, R. C. As marcas de proveniência da coleção Celso Cunha: uma análise preliminar. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 858-882, dez. 2022.	As marcas de proveniência da coleção Celso Cunha: uma análise preliminar.	O presente artigo versa sobre a identificação das marcas de proveniência existente nos materiais bibliográficos que pertenceram ao eminente gramático, filólogo e medievalista professor Celso Cunha (1917-1989), essa coleção foi adquirida em 26.07.1991 e integra as coleções especiais da Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O inventário das marcas de proveniência de cada item que compõe a coleção supracitada está sendo desenvolvido desde 2017 e, até o momento, foram constatadas 2.011 anotações manuscritas, 619 carimbos, 671 assinaturas e 3.126 dedicatórias. O período de cobertura da Coleção compreende os anos de 1533 até 1989. A coleta de dados do corpus nos permitiu identificar: etiquetas de livrarias, anotações manuscritas, ex-libris e dedicatórias. Conclui-se que as marcas de proveniência são elementos que permitem estabelecer o itinerário geográfico e intelectual das publicações e identificar a quem pertenceu o livro, seus leitores, contextualizar no tempo e no espaço o seu proprietário. Permitem múltiplas possibilidades de pesquisa a partir da sua identificação e divulgação. Esse estudo aprofundado do acervo propicia a valoração do patrimônio bibliográfico da coleção além de dar maior segurança patrimonial em casos de furto ou roubo com descrição detalhada das marcas da coleção.	Palavras-chave: Cunha, Celso (1917-1989); dedicatórias; marcas de proveniência; coleções especiais do SIBI/UFRJ.
57	2025	SILVA, R. F.; MELO, R. R. Análise da produção científica sobre marcas de proveniência na Ciência da Informação Brasileira. Revista P2P e Inovação , Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1-18, e7423, jan./jun. 2025.	Análise da produção científica sobre marcas de proveniência na ciência da informação brasileira.	As marcas de proveniência são sinais deixados em materiais bibliográficos que indicam a posse, uso ou origem de um exemplar, desempenhando um papel fundamental na preservação da memória e na trajetória de acervos. Tem como objetivo geral apresentar o panorama das discussões dos estudos sobre marcas de proveniência na Ciência da Informação no Brasil. Pesquisa bibliográfica quanto aos procedimentos e exploratória quanto aos objetivos, utiliza a técnica de bibliometria para analisar artigos científicos indexados na Base de Dados em Ciência da Informação. Foram elaborados indicadores de produção que revelaram um total de 39 publicações, concentradas em 32 instituições tanto públicas	Palavras-chave: marca de proveniência; ex-líbris; marca de propriedade; marca de uso; bibliometria.

				quanto privadas. Os principais resultados apontam que as discussões sobre marcas de proveniência, especialmente sobre ex-líbris e marcas de propriedade, ainda são incipientes na área da Ciência da Informação, havendo a necessidade de mais pesquisas para fortalecer essa temática. Conclui-se que, apesar de não ser um assunto recente na literatura científica, as marcas de proveniência ainda aparecem como tema pouco explorado nas pesquisas da Ciência da Informação no Brasil, indicando uma lacuna que precisa ser preenchida.	
58	2017	SILVESTRE, M. C. R. Análise sobre a ocorrência de ex-líbris no acervo bibliográfico raro da biblioteca Pedro Aleixo, da Câmara dos Deputados. Cadernos de Informação Jurídica (Cajur) , v. 4, n. 1, p. 26-81, jan./jun. 2017.	Análise sobre a ocorrência de ex-líbris no acervo bibliográfico raro da biblioteca Pedro Aleixo, da Câmara dos Deputados.	Lista e descreve a totalidade dos ex-líbris da coleção de obras e periódicos raros da Biblioteca Pedro Aleixo da Câmara dos Deputados, formalizando sua apresentação a partir dos países de origem dos ex-proprietários, além do nome do artista e da técnica utilizada para a confecção. Mapeou-se as principais personalidades, pessoas ou instituições às quais as obras bibliográficas tenham pertencido antes de serem incorporadas à biblioteca.	Palavras-chave: biblioteca Pedro Aleixo - acervo bibliográfico raro; ex-líbris; Câmara dos Deputados, Brasil – biblioteca; obras raras.
59	1963	SOUSA, M. A. A. O ex-libris. Significado, uso e história (breves apontamentos). Cadernos BAD , Portugal, n. 3, 1963.	O ex-libris: significado, uso e história.	-	-
60	2022	STELLING, L. F. P., SICILIANO, T. A. C. Descrição de ex-libris impressos para uso em bibliografias e catálogos automatizados. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16,	Descrição de ex-libris impressos para uso em bibliografias e catálogos automatizados.	O objetivo principal deste artigo foi elaborar um modelo de descrição de ex-líbris impressos que trouxesse metadados e regras para servir tanto para bibliografias como para catálogos em geral, mas com foco nos catálogos automatizados que usam o padrão MARC21. No caso das bibliografias, a descrição teria como referência o exemplar "ideal", concebido pelo autor, e no caso dos catálogos, a referência seria o exemplar em mãos, com suas respectivas marcas	Palavras-chave: ex-libris; catalogação; MARC21; bibliografias; catálogos.

		n. 3, p. 669-688, dez. 2022.		extrínsecas (carimbos, assinaturas etc.). A metodologia se apoiou, principalmente, na busca por padrões de descrição e catalogação consolidados internacionalmente em bibliografias e catálogos especializados, bem como textos de ex-librismo e Biblioteconomia. Isso resultou em um modelo que busca abranger e prever a maioria das características físicas e temáticas altamente variadas do ex-líbris. O modelo proposto pode ser um ponto de partida para a adoção ou discussão de uma padronização de descrição de ex-líbris em bibliografias e catálogos.	
61	2022	TARTAGLIA, A. R. S. Marcas do ofício: as etiquetas de encadernadores do século XIX na cidade do Rio de Janeiro. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 883-911, dez. 2022.	Marcas do ofício: as etiquetas de encadernadores do século XIX na cidade do Rio de Janeiro.	O presente artigo traça um breve panorama da história de estabelecimentos comerciais livreiros no Brasil, com especial destaque para o Rio de Janeiro. Este estudo tem por objetivo identificar os encadernadores que existiram no Rio de Janeiro oitocentista. Procedeu-se a coleta de dados a partir das coleções sob a responsabilidade da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), da Biblioteca de História das Ciências e da Saúde (BHCS) da Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ e da Seção de Obras Raras A. Overmeer / Biblioteca de Manguinhos (BibMang) / ICICT / FIOCRUZ. A coleta de dados nos permitiu identificar os seguintes encadernadores: Leuzinger, Laemmert e Lombaerts, bem como foi possível mapear suas áreas de localização, principais serviços oferecidos. Este estudo explorou apenas uma das fontes utilizadas pelos profissionais do século XIX para anunciarem seus serviços, o Almanack Laemmert. Muitos outros podem ser consultados para ajudar a identificar os oficiais da arte de encadernar os livros. Hoje, as raras etiquetas de encadernadores e oficinas de encadernação permitem o não apagamento dessa atividade, porém, o desafio maior é lançar luz às marcas que camuflam a atividade no rol dos serviços que ofereciam.	Palavras-chave: encadernadores – Rio de Janeiro; livrarias. marcas de proveniência.
62	2022	VIEIRA, S. P.; TAVARES, K. R.; AZEVEDO, R. L. Marcas de proveniência como instrumento de identidade de coleções	Marcas de proveniência como instrumento de identidade de coleções especiais: a formação	A Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco (BC/UFPE) é a unidade de informação que custodia as coleções especiais, dentre estas, uma que merece destaque é a COLTED, por ser um recorte da bibliografia básica das universidades no período da ditadura militar. Descrever o processo de identificação, coleta,	Palavras-chave: patrimônio bibliográfico; livros didáticos; programa MEC/COLTED; Universidade Federal de

		especiais: a formação da coleção Colted na Biblioteca Central da UFPE. Ponto de Acesso , Salvador, v. 16, n. 3, p. 762-784, dez. 2022.	da coleção colted na Biblioteca Central da UFPE.	organização e tratamento da Coleção COLTED, através do planejamento da continuidade das atividades de identificação das obras por parte das bibliotecas setoriais e central da Universidade, é o objetivo principal deste artigo. Procedeu-se uma busca minuciosa, livro a livro, no acervo do SIB/UFPE. Livros com carimbos do programa onde se identificou a sigla MEC/COLTED. Após o trabalho de identificação e seleção ter sido procedido, obteve-se o seguinte montante: em 2018 foram identificados e catalogados 239 títulos entre 562 exemplares. Em 2019, foram identificados 98 títulos em 194 exemplares e até 2020, atingimos a marca de 357 títulos no total de 785 exemplares devidamente identificados, descritos e organizados no setor de coleções especiais da Biblioteca Central. Conclui-se que a identificação e organização da coleção COLTED fazem parte das ações para dar maior visibilidade ao acervo da Biblioteca e enfatizar seu perfil patrimonial.	Pernambuco; sistema de bibliotecas; Brasil - história - 1964-1985.
63	2019	VILLAFAN, L. O. B.; DODEBEI, V. Fragmentos de memória nas marcas de uma biblioteca particular: o caso da biblioteca de Leandro Konder. <i>In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</i> , 20., 2019. Anais [...]. Florianópolis, SC, 2019.	Fragmentos de memória nas marcas de uma biblioteca particular: o caso da biblioteca de Leandro Konder.	O presente estudo tem como objetivo delinear contornos de pesquisa acerca de acervos de bibliotecas particulares que dispõem de conjuntos de narrativas nas formas de marcas de proveniência e propriedade. Discute-se a importância da biblioteca particular em relação não só ao acervo, mas também das marcas que exemplares recorrentemente apresentam. Entende e destaca as marcas como fragmentos de memória do antigo proprietário e, também, fontes para reconstruções de trajetórias pessoais, institucionais ou de uma respectiva época. Utiliza como estudo de caso a biblioteca particular de Leandro Konder, doada e incorporada ao acervo da PUC-Rio.	Palavras-chave: biblioteca particular; marcas de propriedade; Leandro Konder.